

P o l o n i c u s

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral **Ano IV – 1-2/ 2013**

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

O presente número da revista foi publicado graças à sensibilidade, compreensão e ajuda financeira do Revmo. Pe. Ryszard Głowacki SChr – Superior Geral da Sociedade de Cristo, de Poznań, na Polônia.

Niniejszy numer czasopisma został wydany dzięki wrażliwości, zrozumieniu i pomocy finansowej okazanej przez ks. Ryszarda Głowackiego TChr – Przełożonego Generalnego Towarzystwa Chystusowego z Poznania.

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil -

- Ano 4, n. 7-8 (jan/dez. 2013) – Curitiba :
v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI
Mariano KAWKA
Piotr KILANOWSKI
Renata SIUDA-AMBROZIAK
Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido
Mendes – Rio de Janeiro*

Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-
Skłodowska – Lublin (UMCS)*

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *In memoriam*

Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*

Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*

Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*

José Lucio GLOMB – *Ordem dos Advogados do Brasil-PR*

Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná UFPR*

Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW)*

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual
do Rio de Janeiro (UERJ)*

Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*

Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa –
Rio de Janeiro*

Waldemiro GREMSKI – *Universidade Federal do Paraná (UFPR),
PUC- PR*

Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina UFSC*

Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de
Varsóvia (UKSW)*

Endereço da Redação:

Caixa Postal 4148; 82501 – 970 Curitiba – PR. Brasil
tel (41) 3528 3223 ou (41) 8862 1226
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Renata Siuda-Ambroziak

Projeto da capa

Dulce Osinski

Claudio Boczan

Acabamento

Alyne dos Santos

Impressão

Gráfica Boa Vista

Fone: 41 3257-6590 contato@graficaboavista.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL	10
<i>Wstęp</i>	15

POLÔNIA

Polska

Marcin KULA

UM DESCRENTE SAÚDA O NOVO PAPA	20
---	-----------

Niewierzący wita nowego papieża

ARTIGOS

Artikuly

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI

PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE

E DO REFUGIADO (2013)	27
------------------------------------	-----------

Orędzie papieża Benedykta XVI z okazji Światowego Dnia

Migranta i Uchodźcy (2013)

Mariano KAWKA

O SESQUICENTENÁRIO DO LEVANTE POLONÊS DE 1863	34
--	-----------

150. rocznica polskiego powstania w 1863 r.

Nazareno Dalsasso ANGULSKI

PERFIL DOS PRIMEIROS IMIGRANTES POLONESES

QUE CHEGARAM AO BRASIL	45
-------------------------------------	-----------

Profil pierwszych imigrantów polskich przybyłych do Brazylii

Marek SZCZERBIŃSKI
**A CULTURA FÍSICA POLÔNICA NO BRASIL
NOS ANOS 1897-1939** 51
Wychowanie fizyczne wśród Polonii w Brazylii w latach 1897-1939

Teresa SMOLIŃSKA
**O FOLCLORE DA VELHA PÁTRIA NA MEMÓRIA DOS
DESCENDENTES DOS ANTIGOS
EMIGRANTGES SILESIANOS** 98
Folklor ze starej ojczyzny w pamięci potomków śląskich emigrantów

João Felipe GREMSKI
**ANÁLISE DAS VIRTUDES COTIDIANAS PROPOSTAS
POR TZVETAN TODOROV NO LIVRO EM FACE
DO EXTREMO E SUA CORRELAÇÃO COM OS FILMES
A LISTA DE SCHINDLER, KORCZAK E O PIANISTA** 110
*Analiza cnót codziennych proponowanych przez Tzvetana Todorova
w książce „Wobec skrajności” i ich korelacje z filmami „Lista
Schindlera”, „Korczak” i „Pianista”*

POEMAS

Wiersze

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
POESIA DA THEREZA KOLBE 131
Poezja Therezy Kolbe

TRADUÇÕES

Tłumaczenia

Bruno SCHULZ

MITIFICAÇÃO DO REAL 137

Mistyfikacja rzeczywistości

RESENHAS

Przegląd literacki

Cláudia REGINA KAWKA MARTINS

MALCZEWSKI SChr, Zdzisław. *Mensageiro de ideais.*

Curitiba, 2013, pp. 208. **140**

ENTREVISTAS

Wywiady

**ENTREVISTA COM O EMBAIXADOR DA POLÔNIA,
JACEK JUNOSZA KISIELEWSKI POR HENRYK SIEWIERSKI. 142**

*Wywiad Henryka Siewierskiego z polskim ambasadorem
Jackiem Junosza Kisielewskim*

CRÔNICAS

Wydarzenia

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

**COMEMORAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA POLÔNIA
EM CURITIBA 149**

Świętowanie Niepodległości Polski w Kurytybie

<p>Marli MEIGER SIEKIERSKI CÔNSUL GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA SR. MAREK MAKOWSKI VISITA OS POLÔNICOS EM IJUÍ-RS</p>	155
<p><i>Konsul Generalny Marek Makowski odwiedza Polonię w Ijuí - RS</i></p>	
<p>Marli T. MEIGER SIEKIERSKI SOCIEDADE CULTURAL POLONESA KAROL WOJTYŁA: RESGATE, PRESERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA CULTURA POLONESA (25 ANOS DE HISTÓRIA)</p>	158
<p><i>Polskie Towarzystwo Kultury im. Karola Wojtyły: odkrycie, uchronienie i szerzenie polskiej kultury (25 lat historii)</i></p>	
<p>Marli T. MEIGER SIEKIERSKI RELÍQUIAS DO BEATO JOÃO PAULO II NA MISSA DO IMIGRANTE CELEBRADA PELO PE. DR. ZDZISŁAW MALCZEWSKI SCHR DURANTE A EXPOIJUÍ-FENADI 2012.. 167</p>	
<p><i>Relikwie bł. Jana Pawła II na Mszy św. Imigranta sprawowanej podczas EXPOIJUÍ-FENADI 2012</i></p>	
<p>Lourenço BIERNASKI, CM + Pe. HUMBERTO SINKA, CM (1935 – 2013).....</p>	170
<p><i>Śp. Ks. Hubert Sinka, CM (1935-2013)</i></p>	
<p>Stanisław PAWLISZEWSKI EXPOSIÇÃO POR OCASIÃO DOS 80 ANOS DO SOBREVIVO DO ATLÂNTICO POR STANISŁAW SKARŻYŃSKI.....</p>	173
<p><i>Wystawa z okazji 80. lecia lotu Stanisława Skarżyńskiego nad Oceanem Atlantyckim</i></p>	
<p>EFEMÉRIDES <i>Diariusz</i></p>	
<p>ANO DE 2013</p>	180



Dedicatória

Sentimo-nos honrados em dedicar o presente número de “Polonicus” ao saudoso Padre Benedito Grzymkowski SChr (1935-2013). O apoio devotado e constante a esta publicação mereceu ser por Ele incluído em Seu desvelo pela promoção dos grandes valores religiosos, morais e culturais. A Ele, a nossa perene gratidão!

EDITORIAL

Na abertura do número duplo da nossa revista publicado neste ano, gostaria de pedir muitas desculpas aos nossos caros leitores porque, infelizmente, de acordo com as nossas premissas redacionais, não nos foi possível publicar dois números. A razão disso não é a falta de materiais para publicação, mas única e exclusivamente a falta de um suporte financeiro. No início deste ano contamos muito com o apoio financeiro de uma das organizações não governamentais na Polônia que tem entre os seus objetivos também a ajuda a iniciativas editoriais da comunidade polônica. Infelizmente, apesar de termos enviado o projeto editorial no ano passado, não recebemos nenhuma resposta. Este número duplo de *Polonicus* é publicado graças à compreensão e ao apoio financeiro concreto que foi concedido à nossa revista pelo Pe. Ryszard Głowacki SChr — Superior Geral da Sociedade de Cristo. Nesta ocasião, em nome dos nossos leitores, bem como em meu próprio, expressei um agradecimento muito cordial ao meu Superior religioso da Polônia por ter saído ao encontro das nossas necessidades e enviado a importância necessária para cobrir os custos da edição deste número da revista.

A presente edição da revista é dedicada ao Pe. Benedito Grzymkowski SChr, que faleceu no dia 13 de fevereiro deste ano. Essa nossa dedicatória é uma expressão da gratidão da equipe redacional pelo apoio moral e espiritual que ele nos tem concedido no nosso trabalho editorial polônico. O desvelo por ele demonstrado pelos valores religiosos, morais e culturais durante o seu ministério no Brasil merece a memória e a gratidão.

Gostaria de lhes apresentar brevemente, caros leitores, o conteúdo do número de *Polonicus* que chega às suas mãos.

Na seção “Polônia”, publicamos um texto que — à primeira vista — não tem um relacionamento direto com o país. Após a

abdição de Bento XVI do ministrio na Igreja como Sucessor de S. Pedro e a eleiço de um novo papa, foram publicados no mundo muitos textos e comentrios srios, mas tambm textos sensacionalistas, que no encontram nenhuma confirmaço nos fatos. Publicamos um texto que surgiu na Polnia, obra de um conhecido intelectual polonês e abalizado historiador que é o Prof. Dr. Marcin Kula. O artigo assume um significado especial, no apenas por ser obra de um historiador que acompanha e investiga os acontecimentos, mas tambm pela razão — como escreve o próprio autor — de ser ele uma pessoa descrente. Uma pessoa descrente, um polonês escreve sobre o papa Francisco e faz uma espécie de comparaço entre a escolha de um papa argentino e do seu pontificado com a eleiço de um outro papa, polonês, e com o significado do seu pontificado, no apenas para a Polnia. Recomendo esse texto, sobre o qual vale a pena debruçar-se com respeito.

Na seção “Artigos”, publicamos seis textos diversos. Trata-se de uma interessante diversidade, que no apenas aborda fatos históricos, mas também apresenta o presente. O primeiro artigo que publicamos nessa seção é uma mensagem do papa Bento XVI para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado deste ano. O texto seguinte é uma reflexão do Prof. Mariano Kawka sobre o Levante polonês de 1863 contra os ocupantes, que no apenas se apossaram do território da Polnia, mas ao mesmo tempo privaram os poloneses do que é o mais importante: da liberdade. Esse sucessivo movimento revolucionário na história da Polnia foi uma manifestação das aspirações dos poloneses à autodeterminação na sua história nacional e à recuperação da liberdade perdida. Após sucessivos levantes, no período da ocupação estrangeira, muitos poloneses, temerosos de perseguições da parte das potências ocupantes, deixaram o seu país e escolheram a vida no estrangeiro. O autor seguinte, Nazareno Dalsasso Angulski, apresenta no seu texto o perfil dos primeiros imigrantes poloneses vindos ao Brasil.

Vale a pena perceber certa continuidade dessa reflexão com os efeitos da queda do Levante de 1863, que percebemos no surgimento de revoltosos poloneses no Brasil. Os imigrantes poloneses que se estabeleceram no Brasil trouxeram consigo muitas iniciativas interessantes. Recomendo muito a leitura do texto do Prof. Dr. Marek Szczerbiński, que apresenta a educação física entre os emigrados poloneses no Brasil no período de 1897 a 1939. Com certeza esse artigo lança certa luz sobre a realidade dos imigrantes poloneses. Na sua grande maioria, esses imigrantes não eram apenas colonos satisfeitos com o acesso ao desejado pedaço de terra, com a conquista do sentimento da liberdade, mas a coletividade polonesa possuía igualmente certos interesses que testemunhavam o seu espírito sadio e que se preocupava também com a prática do esporte. A Prof^a Dr^a Teresa Smolińska é a autora seguinte que publica nas páginas da nossa revista um texto seu. Em seu artigo ela apresenta uma outra manifestação da coletividade dos imigrantes poloneses no Brasil, a saber, como o folclore do país de origem se preservou entre os descendentes dos imigrantes provenientes da Silésia. O último texto publicado nessa seção, de autoria de João Felipe Gremski, apresenta uma análise das virtudes cotidianas propostas por Tzvetan Todorov no livro *Em face do extremo* e a sua correlação com os filmes *A lista de Schindler*, *Korczak* e *O pianista*. Recomendo, então, fazer uma reflexão sobre esse texto do jovem intelectual polônico.

Na seção seguinte, “Poemas”, o próprio redator de *Polonicus* debruça-se sobre o sétimo volume da poetisa brasileira Theresa Kolbe, publicado no ano passado, no qual encontrou poemas relacionados com Chopin e Copérnico. Na consideração sobre a poesia em que a autora reflete sobre a sua condição humana como filha de imigrante e residente deste país, encaminha a ela uma pergunta a respeito de quem ela é, porquanto já o próprio sobrenome pode apontar para o fato de seu antepassado ter sido

um alemão ou um polonês. No mencionado texto, o autor cita a resposta que recebeu da poetisa a respeito de quem ela é.

A seguir, na seção “Entrevistas”, o Prof. Dr. Henryk Siewierski presenteia-nos com o texto muito interessante de um diálogo que teve com o anterior embaixador da Polônia no Brasil, o Dr. Jacek Junosza Kisielewski. Nas respostas do diplomata polonês encontram-se reflexões não apenas sobre os contatos existentes entre os nossos países, mas também sobre a maneira de ele enxergar a nossa coletividade étnica e o seu papel no fortalecimento desse vínculo histórico e amistoso que existe entre a Polônia e o Brasil.

Por proposta do Prof. Dr. Henryk Siewierski, ampliamos o conteúdo do nosso periódico para mais uma seção – “Traduções”. Vamos nos esforçar por anunciar a tradução de obras relacionadas – sobretudo – com a literatura polonesa. Nessa nova seção informamos os nossos leitores a respeito da publicação da obra de Bruno Schulz *A mistificação da realidade*.

Na seção seguinte, “Crônicas”, a Profª Drª Cláudia Regina Kawka Martins, que constantemente colabora com a nossa revista, familiariza os caros leitores com a publicação de um livro dedicado à memória do Pe. Benedito Grzymkowski SChr, que por muitos anos foi reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e que faleceu repentinamente no dia 13 de fevereiro de 2013. A redação do livro coube ao sucessor no ministério de reitor, que lhe deu o título *Mensageiro de ideais*. O livro foi publicado em Curitiba e, juntamente com variados textos, contém igualmente muitas fotografias apresentando fatos da vida do Padre Benedito.

A última seção da nossa revista, “Crônicas”, encerra textos de quatro autores que apresentam diversos fatos relacionados com a atividade da comunidade polônica no Brasil. Assim, o Pe. Zdzislaw Malczewski SChr publica uma reportagem sobre a comemoração da Independência da Polônia em novembro de 2012 em Curitiba; Marli Meger Siekierski nos brinda com três textos relacionados com a história e as atuais manifestações da vitalidade

da coletividade polônica em Ijuí, no Rio Grande do Sul; O Pe. Lourenço Biernaski CM apresenta-nos a figura de um missionário polonês que por muitos anos trabalhou no Brasil, o Pe. Humberto Sinka CM, que faleceu em Curitiba há alguns meses; Stanisław Pawliszewski descreve a organização de uma exposição dedicada ao 80º aniversário do histórico voo do capitão Stanisław Skarżyński sobre o Oceano Atlântico. No final dessa seção publicamos as “Efemérides”, que testemunham diversos acontecimentos relacionados com a Polônia, o Brasil e a coletividade polônica neste hospitaleiro país.

Ao lhes apresentar, caros leitores, mais este número do nosso periódico *Polonicus*, expresso a profunda convicção de que em suas páginas vocês encontrarão muitos fatos interessantes, informações e reflexões relacionadas com a fascinante realidade que é a história e a atualidade da comunidade polônica na Terra do Cruzeiro do Sul.

Desejo-lhes um agradável e proveitoso encontro com a diversidade de textos interessantes que a revista apresenta.

Zdzisław Malczewski SChr – redator

WSTĘP

Otwierając tegoroczny podwójny numer naszego periodyku chciałbym bardzo przeprosić naszych Drogich Czytelników za to, że niestety nie udało nam się wydać, według naszych założeń redakcyjnych, dwóch numerów. Powód? To nie jest brak materiałów do publikacji. Jedynym, zasadniczym powodem jest brak zaplecza finansowego. Z początkiem tego roku liczyliśmy bardzo na wsparcie finansowe od jednej organizacji pozarządowych w Polsce, która ma na celu, między innymi, wspieranie inicjatyw wydawniczych społeczności polonijnej. Niestety, mimo przesłania projektu wydawniczego w ubiegłym roku, nie otrzymaliśmy żadnej odpowiedzi. Ten podwójny numer „Polonicusa” ukazuje się dzięki zrozumieniu i konkretnemu wsparciu finansowego, jakiego udzielił naszemu pismu ks. Ryszard Głowacki SChr – przełożony generalny Towarzystwa Chrystusowego! W tym miejscu imieniem naszych Czytelników, jak też i własnym, wyrażam bardzo serdeczne podziękowanie mojemu Przełożonemu zakonnemu z Polski za wyjście naprzeciw naszym potrzebom i przekazanie odpowiedniej sumy na pokrycie kosztów wydania tego numeru „Polonicusa”!

Obecne wydanie czasopisma dedykujemy śp. ks. Benedyktowi Grzymkowskiemu SChr, który zmarł 13 lutego br. Ta nasza dedykacja jest wyrazem wdzięczności zespołu redakcyjnego za wsparcie moralne, duchowe, jakiego nam udzielał w naszej polonijnej pracy wydawniczej. Jego troskliwość o wartości religijne, moralne i kulturowe podczas posługi w Brazylii zasługuje na upamiętnienie i wdzięczność!

Pragnąłbym pokrótce przedstawić Wam Drodzy Czytelnicy treść obecnego numeru „Polonicusa”, który macie w swoich rękach.

W dziale „Polska” publikujemy tekst nie mający – jak się wydaje - bezpośredniego związku z naszym krajem. Po abdykacji

Benedykta XVI z posługi w Kościele jako Następcy św. Piotra i wyborze nowego papieża ukazało się w świecie wiele poważnych tekstów, komentarzy, a także sporo sensacyjek, nie mających żadnego potwierdzenia w faktach. Publikujemy tekst powstały w Polsce i będący dziełem znanego intelektualisty polskiego, cenionego historyka, jakim jest prof. dr Marcin Kula. Artykuł nabiera szczególnego znaczenia, nie tylko dlatego, że jest dziełem historyka, śledzącego i badającego historię, ale również z tej racji, jak pisze sam autor, jest on osobą niewierzącą. Osoba niewierząca, Polak pisze o papieżu Franciszku i dokonuje pewnego porównania wyboru papieża Argentyńczyka i nowego pontyfikatu z wyborem innego papieża Polaka i znaczenie jego pontyfikatu nie tylko dla Polski. Polecam ten tekst, warto z uszanowaniem pochylić się nad jego treścią.

W dziale „Artykuły” zamieszczamy sześć różnych artykułów. Jest to ciekawa różnorodność sięgająca nie tylko faktów historycznych, ale również ukazująca współczesność. Pierwszym w tym dziale, jaki zamieszczamy jest przesłanie papieża Benedykta XVI na tegoroczny Światowy Dzień Migranta i Uchodźcy. Kolejnym tekstem jest refleksja prof. Mariana Kawki nad polskim Powstaniem Stycziowym z 1863 r. przeciw zaborcom, którzy nie tylko zawładnęli terytorium Polski, ale równocześnie pozbawili Polaków tego co najcenniejsze: wolności. Ten kolejny w historii Polski zryw powstańczy był przejawem dążeń Polaków do samostanowienia o swych dziejach narodowych i pragnieniem odzyskania utraconej wolności. Po kolejnych powstaniach w czasie zaborów wielu Polaków z obawy przed prześladowaniami ze strony zaborców opuszczało kraj i wybierało życie na emigracji. Kolejny autor Nazareno Dalsasso Angulski ukazuje w swoim tekście profil pierwszych imigrantów polskich przybyłych do Brazylii. Warto widzieć pewną ciągłość tej refleksji ze skutkami upadku Powstania z 1863 r., które dostrzegamy w pojawieniu się polskich powstańców na terenie Brazylii. Imigranci polscy

osiedlający się w Brazylii przynieśli ze sobą wiele ciekawych inicjatyw. Bardzo zachęcam do zapoznania się z tekstem prof. dra Marka Szczerbińskiego przedstawiającego wychowanie fizyczne wśród polskich wychodźców w Brazylii w okresie od 1897 r. do 1939 r. Z pewnością artykuł ten rzuca nam pewne światło na polską rzeczywistość imigracyjną. Imigranci polscy byli nie tylko – w swojej zdecydowanej większości – osadnikami zadowolonymi z dostępu do upragnionego kawałka ziemi, osiągnięcia poczucia wolności, ale zbiorowość polska miała także pewne zainteresowania, które świadczyły o jej zdrowym duchu i zatroskanej także o uprawianie sportu. Prof. dr Teresa Smolińska to, kolejna autorka publikująca na łamach naszego pisma swój tekst. W swoim artykule ukazuje – z kolei – inny przejaw społeczności polskich imigrantów w Brazylii, a mianowicie jak folklor z kraju pochodzenia zachował się wśród potomków imigrantów wywodzących się ze Śląska. Ostatni tekst zamieszczony w tym dziale, a będący dziełem João Felipe Gremskiego, jest przedstawioną analizą cnót codziennych proponowanych przez Tzvetana Todorova w książce „Wobec skrajności” i ich korelacje z filami „Lista Schindlera” „Korczak” i „Pianista”. Zalecam zatem przeprowadzenie refleksji nad tym tekstem młodego intelektualisty polonijnego.

W następnym dziale poświęconemu „Poezji” sam redaktor „Polonicusa” pochyła się nad siódmym tomem poezji brazylijskiej poetki Therezy Kolbe wydanym w ubiegłym roku, a w którym znalazł wiersze odnoszące się do Chopina, Kopernika. Przy rozważaniu wiersza, w którym autorka zastanawia się nad swoją ludzką kondycją jako córki imigranta i mieszkanki tego kraju, skierował do niej zapytanie kim jest? Już przecież samo nazwisko może wskazywać na to, że jej przodek był Niemcem, albo Polakiem. W omawianym tekście autor zacytował odpowiedź, jaką otrzymał od poetki: kim ona jest.

Z kolei w dziale „Wywiady” prof. dr Henryk Siewierski podarował nam bardzo interesujący tekst rozmowy, jaką przeprowadził z poprzednim ambasadorem Polski dr hab. Jackiem Junosza Kisielewskim. W odpowiedziach polskiego dyplomaty znalazły się nie tylko rozważania o istniejących kontaktach pomiędzy naszymi krajami, ale także o postrzeganiu przez niego naszej społeczności etnicznej i jej roli w umacnianiu tej historycznej, przyjacielskiej więzi, jaka istnieje między Polską, a Brazylią.

Z inicjatywy prof. dr Henryka Siewierskiego poszerzyliśmy treść naszego periodyku o jeszcze jeden dział, a mianowicie o „Tłumaczenia”. Będziemy się starali anonsować tłumaczenia dzieł związanych – przede wszystkim - z polską literaturą. W tym nowym dziale informujemy naszych Czytelników o ukazaniu się na rynku księgarskim tłumaczenia Brunona Schulza „Mistyfikacja rzeczywistości”.

W kolejnym dziale „Przegląd literaki” – stale z naszym piśmie współpracująca - prof. dr Cláudia Regina Kawka Martins zapoznaje Drogich Czytelników z pozycją książkową poświęconą pamięci – wieloletniego rektora Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii - ks. Benedykta Grzymkowskiego SChr, nagle zmarłego 13 lutego 2013 r. Redakcją książki zajął się jego następca w pełnieniu posługi rektora i wydał pod tytułem „Zwiastun ideałów”. Książka została wydana w Kurytybie i wraz z różnorodnymi tekstami zawiera także wiele fotografii przybliżających fakty z życia ks. Benedykta.

Ostatni dział naszego czasopisma „Wydarzenia” zawiera teksty czterech autorów ukazujące różne fakty związane z aktywnością polonijnej wspólnoty w Brazylii. I tak: ks. Zdzisław Malczewski SChr zamieszcza reportaż o świętowaniu Niepodległości Polski w listopadzie 2012 r. w Kurytybie; Marli Meiger Siekierski oddała do naszych rąk trzy teksty związane z historią i współczesnymi przejawami żywotności społeczności polonijnej w Ijuí-RS; ks. Wawrzyniec Biernaski, CM przybliży nam postać wieloletniego, ofiarnego polskiego misjonarza ks. Humberta

Sinki, CM – zmarłego w Kurytybie przed kilku miesiącami; Stanisław Pawliszewski opisuje zorganizowanie wystawy poświęconej 80. Rocznicy historycznego lotu kapitana Stanisława Skarżyńskiego nad Oceanem Atlantyckim. Pod koniec tego działu zamieszczamy „Diariusz”. Jest on świadkiem różnorodnych wydarzeń związanych z Polską, Brazylią i społecznością polonijną w tym gościnnym dla nas kraju.

Przekazując Wam Drodzy Czytelnicy ten kolejny numer naszego periodyku „Polonicus” wyrażam głębokie przekonanie, że na jego łamach znajdziecie wiele interesujących faktów, informacji, rozważań dotyczących fascynującej rzeczywistości jaką jest historia i współczesność polskiej społeczności na Ziemi Krzyża Południa.

Życzę Szanownym Państwu miłego i pożytecznego spotkania z prezentowaną – w czasopiśmie - różnorodnością interesujących tekstów!

Zdzisław Malczewski SChr – redaktor

UM DESCRENTE SAÚDA O NOVO PAPA

*Marcin KULA**

A eleição do papa Francisco provocou na Polônia uma onda de comparações com a eleição de João Paulo II. Visto que no primeiro momento os meios de comunicação pouco sabiam a respeito do próprio eleito, a respeito da Igreja católica na Argentina, e mesmo sobre a Argentina..., e com alguma coisa tinham de preencher o programa, os jornalistas começaram a apresentar as reações dos argentinos por analogia com a reação polonesa à eleição do cardeal Wojtyła. No entanto trata-se de uma analogia ingênua. Naturalmente, as pessoas de qualquer país espontaneamente se alegram quando algum compatriota seu atinge os postos mais elevados. Alegram-se quando em razão disso o mundo começa a perceber um país anteriormente não necessariamente conhecido de todos. Com ou sem fundamento, lançam à sua conta uma parcela do sucesso. Mas ao mesmo tempo as circunstâncias por ocasião da escolha de um polonês para o trono pontifício eram inteiramente diversas. O entusiasmo polonês foi a reação de um povo que se sentia oprimido pelo regime vigente, que se sentia escravizado e eternamente injustiçado, que buscava a sua valorização. O eminente escritor polonês Kazimierz Brandys registrou então:

No dia da eleição de Karol Wojtyła como Papa, as pessoas em Varsóvia corriam pelas ruas gritando de alegria. Um velhinho em lágrimas abraçou uma senhora que caminhava pela Rua Świętojańska: “A senhora ouviu? Um milagre! Um milagre!” – Não

* Universidade de Varsóvia.

foram os poetas românticos que inventaram o messianismo polonês. De repente, na mesma hora, todos se tornaram messianistas, como se há duzentos anos estivessem aguardando o dia do Advento. Esse tipo de reação coletiva de irracionalismo podia ser transmitido apenas pelos genes de uma nação que no decorrer de dez gerações havia perdido a fé na justiça terrena da história. Foi preciso que houvesse tantos dilúvios domésticos, tantas partilhas e traições para que aquilo que em outros países é pensamento político, consciência cívica ou senso de direito aqui se transformasse na visão de um sinal sobrenatural vindo dos Céus.

Brandys acertou muito bem no alvo quando diagnosticou: “O ser humano no polonês clama hoje ao Papa: Resgata-nos, devolve-nos a dignidade de uma grande nação e diz ao mundo quem somos!”¹

Um conhecido meu, que no momento do anúncio da eleição de João Paulo II se encontrava no trem e, portanto não tinha ouvido a notícia (naquela época não havia telefones celulares!), após desembarcar em Cracóvia não podia compreender o que havia acontecido. Tinha a impressão de que as pessoas nas ruas se haviam embriagado em massa ou tinham enlouquecido.

A reação dos poloneses à eleição de João Paulo II foi também a reação de um povo que não apenas nominalmente, mas em grande medida ativamente praticava a religião católica. O comunismo, ao se opor à religião e à Igreja, paradoxalmente havia contribuído para aumentar a presença das pessoas nos santuários. Nos países desenvolvidos não comunistas, sem nenhuma ação planejada de ateização, as igrejas se despovoaram num grau

¹ BRANDYS, Kazimierz. Miesiące. In: *Nowa*, Warszawa, 1980, p. 82-83.

sensivelmente maior do que na Europa Oriental. Esse fenômeno em certa medida ocorre também hoje na Polônia. Não obstante as frequentes suposições de pessoas da Igreja, esse fenômeno não resulta de uma ação consciente dos inimigos da religião, mas é um elemento de processos civilizatórios bem mais profundos.

Diferentemente da Polônia em 1978, na Argentina de hoje não existe um regime odiado imposto de fora. No máximo, esperanças análogas às da Polônia estavam relacionadas com a visita do papa ao Brasil, durante a primeira peregrinação de João Paulo II (1980). Talvez alguns cubanos também as relacionassem com as peregrinações do papa. No entanto hoje na Argentina a situação é diferente. Mesmo que com certeza haja ali pessoas que não apoiam a atual autoridade governamental, essa aversão se situa no âmbito da simples concorrência política. Além disso, mesmo que alguém talvez queira ter a Igreja ao seu lado na luta política, não vê nela e no papa argentino um ponto fundamental de apoio ou mesmo de salvação. E, o que também é importante, embora a Argentina seja um país predominantemente católico, a força da efetiva participação nas práticas religiosas é ali certamente incomparável com a Polônia de 1978.

* * *

Considero a escolha de um cardeal da América Latina como característica. Pelo menos desde o tempo de João Paulo II, esse continente me parece ocupar um lugar importante na estratégia da Igreja católica. Pode-se dizer, naturalmente, que todos os continentes são importantes do ponto de vista eclesial. No entanto na Europa Ocidental os processos de laicização avançaram muito. Mesmo que talvez hoje ocorra algum tipo de volta aos valores tradicionais, a Igreja deve dar-se conta da extensão do caminho que eventualmente conduza à recuperação do terreno. Na Europa Oriental, em grandes áreas predomina a Igreja ortodoxa. O caminho para a aproximação dela também não se apresenta simples. A Ásia e a África são continentes prometedores do ponto

de vista da Igreja, mas para ela culturalmente difíceis, com grande participação das religiões locais. No entanto a América Latina é fundamentalmente católica. As religiões locais e as religiões sincréticas ali presentes são algo natural no âmbito da missão evangelizadora da Igreja. Contudo são inquietantes para ela, como em toda a parte, os fenômenos laicizantes e, num grau mais elevado ainda, os progressos das religiões protestantes. Principalmente estas devem provocar a inquietação da Igreja – visto que afastam dela pessoas que possuem necessidades religiosas. Pode-se repetir, naturalmente, que as Igrejas protestantes se desenvolvem graças aos recursos materiais de que dispõem. Pode-se dizer que elas ajudam às pessoas a satisfazer as necessidades não tanto espirituais quanto materiais. No entanto isso não reflete toda a verdade, e afinal o problema permanece o mesmo. As mencionadas circunstâncias fazem com que a América Latina seja para a Igreja uma área tanto importante e prometedora quanto necessitada de mobilização.

* * *

Como uma pessoa da Polônia e da Europa, sinto-me satisfeito com a escolha de um cardeal da América Latina. Mesmo para mim, um descrente, o caminho trilhado pela Igreja não deixa de ser significativo como participante da realidade que me circunda. Francisco, por um lado, provém de uma área relativamente modernizada, e portanto os problemas com que se defrontou são mais próximos dos nossos do que por exemplo os africanos. Por outro lado, provém de uma área com problemas sociais tão sérios e tão diversificados que terá mais facilidades para perceber os problemas do mundo temporal. A Igreja católica na América Latina é conhecida pelo fato de que uma significativa parcela do seu clero se situa perto dos grupos necessitados. No seu tempo João Paulo II e o cardeal Ratzinger, que então dirigia a Congregação para a Doutrina da Fé, pronunciaram-se decididamente contra a “teologia da libertação”. Foi até

surpreendente que um papa que apoiava o movimento “Solidariedade” na Polônia tivesse assumido tal posição na América Latina. Provavelmente isso se devia à percepção das inspirações idealistas de ambos os movimentos pela Santa Sé. O “Solidariedade”, como um movimento ligado aos valores cristãos e que rejeitava o marxismo, talvez até fosse percebido pelas autoridades eclesiásticas como uma contraposição à “teologia da libertação”.

Permanece sendo um fato que a Igreja católica na América Latina é sensível aos problemas temporais das pessoas. Hoje, a apresentação de fotos do papa Francisco, que quando arcebispo viajava de metrô, é característica. Interessantes são também os seus primeiros gestos como papa, apresentando-se sempre como uma pessoa modesta. Esses gestos só me surpreendem em parte. Quando pela primeira vez me encontrei com o bispo Dom Ladislau Biernaski em Curitiba, vi uma pessoa tão modesta e tão modestamente vestida que depois perguntei baixinho a um colega se eu não me havia enganado ao ouvir que se tratava de um bispo. É desagradável salientar, mas não se pode ocultar que a minha surpresa havia sido condicionada pelo conhecimento de pelo menos uma parte da Igreja na Polônia (é verdade que por um conhecimento moderado, como no caso de um descrente).

* * *

Um outro fator que faz com que, como descrente, eu esteja satisfeito com a eleição de Francisco é certa analogia da questão do acerto de contas com o passado, tanto na América Latina como na Europa Oriental. Não sou partidário da busca de pessoas culpadas concretas (além dos casos dos criminosos). No entanto as questões devem ser digeridas intelectualmente, tanto aqui como lá. Trata-se afinal de um desafio especial para os historiadores (entre os quais me incluo). A Igreja católica da Argentina não tem uma boa fama do período da ditadura. Apenas um pedido de desculpas nessa

questão não é suficiente, mesmo que também seja precioso. Tenho a impressão de que, como instituição, a Igreja católica do Brasil merece bem mais ser elogiada pelo seu comportamento nesse período. Agrada-me principalmente a resposta que o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, deu a um dos representantes do regime militar, quando este lhe pediu que celebrasse uma missa de ação de graças num aniversário do governo militar. O cardeal teria então dito ao seu interlocutor algo como: “Senhor general, o senhor deve ter muitos motivos para agradecer a Deus pelas Suas graças – mas eu não tenho de participar disso”.

Na Polônia as pessoas muitas vezes não se dão conta do que foram as recentes ditaduras latino-americanas. Não compreendem que o seu posicionamento contra o comunismo não justifica os seus próprios crimes. Não me agrada que se encontrassem políticos poloneses que entregaram ao general Pinochet, que se encontrava então em prisão domiciliar em Londres, um peitoral de cavaleiro com a efígie de Nossa Senhora (1999). Mesmo que o quisessem apoiar numa situação para ele difícil (embora também não exageradamente difícil!), percebi nesse gesto a vontade de esquecer ou de ignorar a forma como dentro do regime que era personificado pelo general o “amor cristão” era expresso aos semelhantes nas câmaras de tortura.

RESUMO - STRESZCZENIE

W swoim eseju poświęconym wyborowi nowego papieża - Argentyńczyka, autor, deklarujący się na wstępie jako osoba niewierząca, podejmuje próbę porównania sytuacji i znaczenia wyboru papieża Jana Pawła II dla Polski i ówczesnych Polaków oraz wyboru papieża Franciszka dla współczesnej Argentyny, Ameryki Łacińskiej i całego Kościoła powszechnego. Poruszając tematykę różnic w percepcji i interpretacji wydarzeń

historycznych z okresu dyktatury oraz 'Solidarności' po obu stronach Atlantyku, autor zauważa, m.in., kwestie nieporozumień teologów wyzwolenia z ówczesnym Watykanem oraz odmienne stanowiska względem rządów wojskowych reprezentowane przez hierarchów brazylijskich oraz argentyńskich.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO (2013)

"Migrações: peregrinação de fé e de esperança"

Queridos irmãos e irmãs!

Na Constituição pastoral *Gaudium et spes*, o Concílio Ecuménico Vaticano II recordou que «a Igreja caminha juntamente com toda a humanidade» (n. 40), pelo que «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração» (ibid., 1). Na linha destas afirmações, o Servo de Deus Paulo VI designou a Igreja como sendo «perita em humanidade» (*Enc. Populorum progressio*, 13), e o Beato João Paulo II escreveu que a pessoa humana é «o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer na realização da sua missão (...), caminho traçado pelo próprio Cristo» (*Enc. Centesimus annus*, 53). Na esteira dos meus Predecessores, quis especificar –na Encíclica *Caritas in veritate*– que «a Igreja inteira, em todo o seu ser e agir, quando anuncia, celebra e atua na caridade, tende a promover o desenvolvimento integral do homem» (n. 11), referindo-me também aos milhões de homens e mulheres que, por diversas razões, vivem a experiência da emigração. Na verdade, os fluxos migratórios são «um fenómeno impressionante pela quantidade de pessoas envolvidas, pelas problemáticas sociais, económicas, políticas, culturais e religiosas que levanta, pelos desafios dramáticos que coloca à comunidade nacional e internacional» (ibid., 62), porque

«todo o migrante é uma pessoa humana e, enquanto tal, possui direitos fundamentais inalienáveis que não de ser respeitados por todos em qualquer situação»(ibidem).

Neste contexto, em concomitância com as celebrações do cinquentenário da abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II e do sexagésimo aniversário da promulgação da Constituição apostólica *Exsultet* e quando toda a Igreja está comprometida na vivência do Ano da Fé abraçando com entusiasmo o desafio da nova evangelização, quis dedicar a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado de 2013 ao tema «Migrações: peregrinação de fé e de esperança».

Na realidade, fé e esperança formam um binómio indivisível no coração de muitos migrantes, dado que neles existe o desejo de uma vida melhor, frequentemente unido ao intento de ultrapassar o «desespero» de um futuro impossível de construir. Ao mesmo tempo, muitos encetam a viagem animados por uma profunda confiança de que Deus não abandona as suas criaturas e de que tal conforto torna mais suportáveis as feridas do desenraizamento e da separação, talvez com a recôndita esperança de um futuro regresso à terra de origem. Por isso, fé e esperança enchem muitas vezes a bagagem daqueles que emigram, cientes de que, com elas, «podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a cansaça do caminho» (Enc. *Spe salvi*, 1).

No vasto campo das migrações, a solicitude materna da Igreja estende-se em diversas direções. Por um lado a sua solicitude contempla as migrações sob o perfil dominante da pobreza e do sofrimento que muitas vezes produz dramas e tragédias, intervindo lá com ações concretas de socorro que visam resolver as numerosas

emergências, graças à generosa dedicação de indivíduos e de grupos, associações de voluntariado e movimentos, organismos paroquiais e diocesanos, em colaboração com todas as pessoas de boa vontade. E, por outro, a Igreja não deixa de evidenciar também os aspectos positivos, as potencialidades de bem e os recursos de que as migrações são portadoras; e, nesta direção, ganham corpo as intervenções de acolhimento que favorecem e acompanham uma inserção integral dos migrantes, requerentes de asilo e refugiados no novo contexto sociocultural, sem descuidar a dimensão religiosa, essencial para a vida de cada pessoa. Ora a Igreja, pela própria missão que lhe foi confiada por Cristo, é chamada a prestar particular atenção e solicitude precisamente a esta dimensão: ela constitui o seu dever mais importante e específico. Visto que os fiéis cristãos provêm das várias partes do mundo, a solicitude pela dimensão religiosa engloba também o diálogo ecumênico e a atenção às novas comunidades; ao passo que, para os fiéis católicos, se traduz, entre outras coisas, na criação de novas estruturas pastorais e na valorização dos diversos ritos, até se chegar à plena participação na vida da comunidade eclesial local. Entretanto, a promoção humana caminha lado a lado com a comunhão espiritual, que abre os caminhos «a uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo» (Carta ap. Porta fidei, 6). É sempre um dom precioso tudo aquilo que a Igreja proporciona visando conduzir ao encontro de Cristo, que abre para uma esperança sólida e credível.

A Igreja e as diversas realidades que nela se inspiram são chamadas a evitar o risco do mero assistencialismo na sua relação com os migrantes e refugiados, procurando favorecer a autêntica integração numa sociedade onde todos sejam membros ativos e responsáveis pelo bem-estar do outro, prestando generosamente as suas contribuições originais, com pleno direito de cidadania e participação nos mesmos direitos e deveres. Aqueles que emigram

trazem consigo sentimentos de confiança e de esperança que animam e alentam a procura de melhores oportunidades de vida; mas eles não procuram apenas a melhoria da sua condição económica, social ou política. É verdade que a viagem migratória muitas vezes inicia com o medo, sobretudo quando perseguições e violências obrigam a fugir, com o trauma de abandonar os familiares e os bens que, em certa medida, asseguravam a sobrevivência; e, todavia, o sofrimento, as enormes perdas e às vezes um sentido de alienação diante do futuro incerto não destroem o sonho de reconstruir, com esperança e coragem, a vida num país estrangeiro. Na verdade, aqueles que emigram nutrem a confiança de encontrar acolhimento, obter ajuda solidária e entrar em contato com pessoas que, compreendendo as contrariedades e a tragédia dos seus semelhantes e também reconhecendo os valores e recursos de que eles são portadores, estejam dispostas a partilhar humanidade e bens materiais com quem é necessitado e desfavorecido. Na realidade, é preciso reafirmar que «a solidariedade universal é para nós um facto e um benefício, mas também um dever» (Enc. Caritas in veritate, 43). E assim, a par das dificuldades, os migrantes e refugiados podem experimentar também relações novas e hospitaleiras que os encorajem a contribuir para o bem-estar dos países de chegada com suas competências profissionais, o seu património sociocultural e também com o seu testemunho de fé, que muitas vezes dá impulso às comunidades de antiga tradição cristã, encoraja a encontrar Cristo e convida a conhecer a Igreja.

É verdade que cada Estado tem o direito de regular os fluxos migratórios e implementar políticas ditadas pelas exigências gerais do bem comum, mas assegurando sempre o respeito pela dignidade de cada pessoa. O direito que a pessoa tem de emigrar – como recorda o número 65 da Constituição conciliar *Gaudium et spes* – conta-se entre os direitos humanos fundamentais, com faculdade de

cada um se estabelecer onde crê mais oportuno para uma melhor realização das suas capacidades e aspirações e dos seus projetos. No contexto sociopolítico atual, porém, ainda antes do direito a emigrar há que reafirmar o direito a não emigrar, isto é, a ter condições para permanecer na própria terra, podendo repetir, com o Beato João Paulo II, que «o direito primeiro do homem é viver na própria pátria. Este direito, entretanto, só se torna efectivo se se têm sob controle os factores que impelem à emigração (Discurso ao IV Congresso Mundial das Migrações, 9 de Outubro de 1998). De facto, hoje vemos que muitas migrações são consequência da precariedade económica, da carência dos bens essenciais, de calamidades naturais, de guerras e desordens sociais. Então emigrar, em vez de uma peregrinação animada pela confiança, pela fé e a esperança, torna-se um «calvário» de sobrevivência, onde homens e mulheres resultam mais vítimas do que autores e responsáveis das suas vicissitudes de migrante. Assim, enquanto há migrantes que alcançam uma boa posição e vivem com dignidade e adequada integração num ambiente de acolhimento, existem muitos outros que vivem em condições de marginalidade e, por vezes, de exploração e privação dos direitos humanos fundamentais, ou até assumem comportamentos danosos para a sociedade onde vivem. O caminho da integração compreende direitos e deveres, solicitude e cuidado pelos migrantes para que levem uma vida decorosa, mas supõe também a atenção dos migrantes aos valores que lhes proporciona a sociedade onde se inserem.

A este respeito, não podemos esquecer a questão da imigração ilegal, que se torna ainda mais impelente nos casos em que esta se configura como tráfico e exploração de pessoas, com maior risco para as mulheres e crianças. Tais delitos não-de ser decididamente condenados e punidos, ao mesmo tempo que uma gestão regulamentada dos fluxos migratórios – que não se reduza ao

encerramento hermético das fronteiras, ao agravamento das sanções contra os ilegais e à adopção de medidas que desencorajem novos ingressos – poderia pelo menos limitar o perigo de muitos migrantes acabarem vítimas dos referidos tráficos. Na verdade, hoje mais do que nunca são oportunas intervenções orgânicas e multilaterais para o desenvolvimento dos países de origem, medidas eficazes para erradicar o tráfico de pessoas, programas orgânicos dos fluxos de entrada legal, maior disponibilidade para considerar os casos individuais que requerem intervenções de protecção humanitária bem como de asilo político. As normativas adequadas devem estar associadas com uma paciente e constante acção de formação da mentalidade e das consciências. Em tudo isto, é importante reforçar e desenvolver as relações de bom entendimento e cooperação entre realidades eclesiais e institucionais que estão ao serviço do desenvolvimento integral da pessoa humana. Na perspectiva cristã, o compromisso social e humanitário recebe força da fidelidade ao Evangelho, com a consciência de que «aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se mais homem» (Gaudium et spes, 41).

Queridos irmãos e irmãs migrantes, oxalá esta Jornada Mundial vos ajude a renovar a confiança e a esperança no Senhor, que está sempre junto de vós! Não percais ocasião de encontrá-Lo e reconhecer o seu rosto nos gestos de bondade que recebeis ao longo da vossa peregrinação de migrantes. Alegrai-vos porque o Senhor está ao vosso lado e, com Ele, podereis superar obstáculos e dificuldades, valorizando os testemunhos de abertura e acolhimento que muitos vos oferecem. Na verdade, «a vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol erguido

sobre todas as trevas da história. Mas, para chegar até Ele, precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia» (Enc. Spe salvi, 49). Confio cada um de vós à Bem-aventurada Virgem Maria, sinal de consolação e segura esperança, «estrela do caminho», que nos acompanha com a sua materna presença em cada momento da vida, e, com afeto, a todos concedo a Bênção Apostólica.

Vaticano, 12 de Outubro de 2012.

BENEDICTUS PP. XVI

O SESQUICENTENÁRIO DO LEVANTE POLONÊS DE 1863

Mariano KAWKA*

Um dos períodos mais trágicos na História da Polônia foi o iniciado pela catástrofe das partilhas do seu território entre as potências vizinhas – Áustria, Prússia e Rússia – desde a última década do século XVIII até o final da Primeira Guerra Mundial. Em consequência dessas partilhas, realizadas em três etapas (1772, 1793 e 1795), a Polônia foi dividida entre as potências acima nas seguintes proporções: a Rússia ocupou 62% do território e 45% da população; a Prússia – 20% do território e 23% da população; a Áustria – 18% do território e 32% da população.

Após mais de oito séculos de história, tantas vezes pontilhada de feitos heroicos, a Polônia dos Piasts¹ e dos Jagiellos² havia desaparecido, tendo sido o país riscado do mapa da Europa por um período superior a um século. Esse foi também um acontecimento excepcional – para não dizer único – na História

* Professor e tradutor, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

¹ Os Piasts (*Piastowie*) foram a primeira dinastia polonesa, que reinou na Polônia até 1370 (morte de Casimiro o Grande), na Mazóvia até 1526 e na Silésia até 1675. O nome da dinastia provém do legendário antepassado Piast.

² Jagiellos (*Jagiellonowie*) – dinastia real que reinou na Polônia no período 1386-1572, no Ducado da Lituânia – 1337-1401 e 1440-1572, na Hungria – 1440-1444 e 1490-1526 e na República Checa – 1471-1526. O fundador da dinastia foi Władysław Jagiełło, que assumiu o governo da Polônia com base na União Polono-Lituana (pactuada em 1385), após ter desposado a rainha Edviges em 1386. O último rei dessa dinastia no Ducado da Lituânia foi Zygmunt II August.

Geral. Independentemente das causas que possam ser apontadas para essa catástrofe, na época nada poderia ter salvado a Polônia de inimigos (especialmente a Prússia e a Rússia), que estavam firmemente determinados a acabar com ela e que tinham à sua disposição forças três a quatro vezes superiores às polonesas, graças ao seu poderio militar e financeiro.

A partir dessas partilhas, então, apesar da episódica existência de formas limitadas de autonomia (Ducado de Varsóvia³, Reino da Polônia⁴, República de Cracóvia⁵ e Galícia⁶ autônoma

³ Ducado de Varsóvia (*Księstwo Warszawskie*) – criado em 1807 com base no tratado de paz de Tylza (atualmente Sovietsk) entre Napoleão I, Alexandre I e Frederico Guilherme III, após a guerra de 1806-1807. Tinha cerca de 104 mil km² e 2,6 milhões de habitantes e, em 1809, após a incorporação de terras da zona de ocupação prussiana – 155 mil km² e 4,3 milhões de habitantes. Formalmente independente, estava de fato subordinado aos interesses políticos de Napoleão, que decidia a respeito de sua política externa e tinha ingerência em questões internas. Em 1815 o Ducado de Varsóvia foi liquidado por decisão do Congresso de Viena.

⁴ Reino da Polônia, Reino do Congresso ou Polônia do Congresso (*Królestwo Polskie, Królestwo Kongresowe*) – parte da Polônia sob dominação russa, nos territórios do antigo Ducado de Varsóvia, formado no Congresso de Viena em 1815 com as terras do Ducado de Varsóvia (sem Poznań e Cracóvia) como monarquia ligada por união pessoal com a Rússia (1816), com 128,5 mil km² e 3,3 milhões de habitantes. Após a queda do Levante de 1863 foram russificados a administração e o sistema escolar. Em 1874 recebeu o nome de País do Vístula (*Kraj Przywiślański*).

⁵ República de Cracóvia ou Cidade Livre de Cracóvia (*Rzeczpospolita Krakowska, Wolne Miasto Kraków*) – Estado criado em 1815 no Congresso de Viena, englobando o território de Cracóvia juntamente com a margem esquerda do Vístula (1.164 km² e 88 mil habitantes). Permaneceu sob o controle da Rússia, Áustria e Prússia. Após a Revolução de Cracóvia (1846), foi incorporado à Áustria.

⁶ Galícia (*Galicja*) – nome corrente das terras polonesas sob ocupação austríaca (1772-1918). Em 1846 foi agregada à República de Cracóvia. Nos anos 70 do século XIX obteve a autonomia. Em 1918 passou a fazer parte do Estado polonês renascido.

desde 1867), até o final da Primeira Guerra Mundial a Polônia foi tratada como um país conquistado, não se poupando nenhum esforço para a russificação e a germanização das suas populações. Privados das suas próprias instituições estatais e, em consequência, da plena possibilidade de organizar a sua vida social, econômica e cultural, os poloneses tiveram de lutar contra governos estrangeiros e inimigos para a preservação e a consolidação da sua identidade nacional. Sempre é oportuno salientar que nesse período das partilhas a Polônia deixou de existir como Estado, mas não como Nação – o que nunca deixou de ser lembrado nas palavras do seu Hino Nacional: “Jeszcze Polska nie zginęła, póki my żyjemy” (A Polônia ainda não pereceu, enquanto nós vivemos). Mas o país só recuperou a sua autonomia plena no dia 11 de novembro de 1918.

Esses quase 130 anos de cativo e de exploração econômica provocaram a contenção do pleno e livre desenvolvimento econômico e civilizador geral, do qual gozavam outras nações, restrições de toda sorte e a perseguição generalizada principalmente nas zonas de ocupação prussiana e russa, onde ocorreu também a mais intensa campanha para privar a nação polonesa de dois dos seus mais preciosos valores: da língua e da cultura. Com tudo isso, entretanto, não se romperam os vínculos entre os diversos territórios poloneses, e a sua preservação durante mais de um século de opressão serviu de base para o desenvolvimento ulterior da cultura e da consciência nacionais.

É oportuno acrescentar que a questão das partilhas e a ausência de um Estado polonês no século XIX e no início do século XX tiveram um outro aspecto de grande alcance: a grande dispersão (diáspora) dos cidadãos poloneses pelo mundo em forma de emigrações econômicas e políticas e o seu ingresso em muitas sociedades, inclusive na brasileira. As estatísticas dos anos 30 do século XX avaliam em 8 milhões o número dos poloneses que se encontravam então fora das fronteiras do Estado, sem contar o número de 1,4 milhão poloneses que se encontravam no então

território do Reich alemão, isto é, principalmente na parte ocidental da República da Polônia de hoje.

Por isso, o exame da História do povo polonês a partir de então não pode reduzir-se aos limites do território pátrio. Os emigrados poloneses contribuíram para o enriquecimento de civilizações estrangeiras na indústria e na agricultura, como lutadores pela liberdade de muitos países da Europa e de ambas as Américas, como exploradores e técnicos, cientistas e artistas de mérito.

Um dos fenômenos dominantes durante aquela época da História da Polônia foi a grande sucessão de lutas armadas pela independência e pela libertação social do povo. Nesse sentido tiveram importância primordial duas insurreições: a de 1830 (chamada pelos poloneses de “*Powstanie Listopadowe*” – Levante de Novembro) e a de 1863 (conhecida como “*Powstanie Styczniowe*” – Levante de Janeiro). É o sesquicentenário deste último levante que nos induz a tecer as presentes considerações.

O Levante de 1830

O Levante de Novembro de 1830 eclodiu em Varsóvia e resultou da crescente opressão czarista. Esse movimento revolucionário contou com a simpatia de outros países (principalmente da França), mas faltou-lhe o apoio internacional. Quase um ano após o seu início, no dia 5 de outubro de 1831 os últimos destacamentos foram desarmados após terem cruzado a fronteira prussiana. Esse levante se prolongou por mais de dez meses e opôs resistência à maior potência militar da Europa naquela época. A nação polonesa armou cerca de 400 mil pessoas, lutou com bravura e por algum tempo obteve sucessos. Contra a Polônia, o Império Russo teve de mobilizar todas as suas forças e por um bom tempo não esteve certo da vitória. Essa foi uma insurreição que afastou da Europa Ocidental o fantasma da

intervenção russa, mas não reuniu forças suficientes para salvar a Polônia.

A “Pologne héroïque” se transformou em objeto de uma viva simpatia em muitos países e culminou com o êxodo ao Ocidente de perto de 10 mil emigrantes, que se refugiaram principalmente na França. O maior acervo da emigração daquele período foi a grande literatura e a arte nacional. Foi nesse ambiente que floresceu a criação literária de autores como Adam Mickiewicz, Juliusz Słowacki, Zygmunt Krasiński e Cyprian Kamil Norwid. A Polônia daquela época também deu ao mundo as obras musicais de Frederico Chopin. Entre esses emigrados prosseguiria a luta pela independência da Polônia.

É também a partir desse período que no Brasil nomes poloneses começam a surgir com maior frequência, algumas vezes tendo deixado marcas significativas na história da imigração polonesa em nosso país. São de amplo conhecimento, por exemplo, as figuras de André Przewodowski (engenheiro, arquiteto e geólogo) e Pedro Napoleão Luís Czerniewicz (médico), que vieram em 1939; do engenheiro e geólogo Florestan Rozwadowski, que veio em 1850 ou 1851 e de Jerônimo Durski, cognominado “Pai das escolas polonesas no Brasil”, que veio em 1851.

O Levante de 1863

Um outro levante memorável desse período eclodiu no chamado Reino da Polônia no dia 22 de janeiro de 1863 e foi apressado pela convocação obrigatória da população polonesa ao exército russo – a chamada “branka”. O Comitê Central dos patriotas convocou às armas todos os cidadãos, promulgando ao mesmo tempo disposições que concediam terra e liberdade pessoal aos camponeses. No entanto esse movimento insurrecional não ultrapassou a forma de guerrilhas. Recebeu a ajuda de muitos democratas estrangeiros, e alguns círculos democráticos e operários

da França e da Inglaterra se manifestaram em favor de uma guerra em defesa da causa polonesa, mas as esperanças de receber ajuda desses países fracassaram. O destino da Polônia foi na realidade decidido quando a França, a Inglaterra e a Áustria, com cuja intervenção os poloneses haviam contado, contentaram-se – em julho de 1863 – em enviar notas diplomáticas ao czar em favor dos poloneses. Novamente se manifestou a simpatia universal, notadamente a da França e a do Papa, mas ninguém na Europa estava disposto a enfrentar a Rússia, que – por outra parte – contava com o total apoio da Prússia. O povo polonês se envolveu numa luta que durou um ano. O último chefe da insurreição, Romuald Traugutt, foi detido junto com outros membros do movimento em agosto de 1864 e executado.

Durante esse levante, o Império Russo mobilizou cerca de 340 mil homens – na prática todas as suas forças disponíveis. Do lado polonês passaram pelas fileiras certamente mais de 200 mil voluntários. Em nenhum outro momento da História da Polónia pós-partilhas a questão polonesa atingiu na Europa tanta popularidade como em 1863. De católicos a socialistas, de Pio IX a Marx, quase todas as facções da opinião pública expressavam a sua simpatia pelos poloneses. Apressaram-se em juntar-se aos revoltosos voluntários de muitos países: húngaros, franceses, alemães, checos, italianos.

O Levante de 1863 foi a maior das insurreições polonesas do século XIX, se levamos em conta o tempo de duração e o número dos participantes. Seu lema era a liberdade; o seu conteúdo social – a eliminação dos resquícios do sistema feudal. A derrota na luta pela independência não deixou de trazer resultados positivos na área das reformas sociais.

O balanço da derrota envolve dezenas de milhares de mortos e fuzilados, dezenas de milhares de exilados para a Sibéria e milionárias perdas materiais. Envolve igualmente a russificação das escolas e da administração e uma grande crise moral da sociedade,

que por um longo tempo deixou de acreditar na possibilidade de libertação do jugo estrangeiro. Nos ginásios, o russo foi instituído como a língua do ensino. O ensino da língua polonesa passou a ser uma atividade extracurricular. Apenas a religião era ensinada em língua polonesa. Havia até projetos mais radicais, como o de impor à língua polonesa o alfabeto cirílico (russo), mas isso não chegou a concretizar-se. Na administração, a burocracia, até então polonesa, seria substituída pela russa. Dos pontos positivos, pode ser citada a concessão de terras aos camponeses, realizada numa escala mais radical que em qualquer outra parte daquela região da Europa. Muitos também continuaram a acreditar que essa luta heroica produziria o seu fruto na geração seguinte – o que de fato ocorreu.

A queda do Levante de Janeiro lançou também à vida errante uma multidão de cerca de 8 mil refugiados políticos, a metade dos quais se estabeleceu na França, com grupos menores na Turquia, Suíça, Itália, Inglaterra e Estados Unidos. Em comparação com a geração anterior da Grande Emigração, essa nova onda era menos abastada, mais entregue às próprias forças e em boa parte plebeia. Ao mesmo tempo essa emigração, absorvida em conseguir o seu sustento material, não se envolveu na política na mesma proporção da anterior. Uma boa parte dela regressou à Polônia após alguns anos, uma outra parte enraizou-se no ambiente estrangeiro.

Emigração

O grande crescimento populacional, o superpovoamento das aldeias, a opressão econômica e política a que estava submetido o povo polonês – eis as razões que estimulavam os poloneses “sem teto” a partir para o mundo em busca de melhores condições de vida. Até a Primeira Guerra Mundial os mercados de trabalho ocidentais, especialmente os americanos, abriam as suas portas aos

emigrados da Europa Central, tentando-os com as suas miragens de enriquecimento e independência.

O movimento emigratório desencadeou-se primeiramente na zona de ocupação prussiana. A partir de meados do século, especialmente a partir dos anos 70 do século XIX, a população se deslocava principalmente aos Estados Unidos e, a partir de 1890, quase que exclusivamente à Alemanha ocidental. Deslocavam-se para o ocidente sobretudo os alemães e os judeus. Seguindo os seus passos, começou a deixar a pátria o proletariado agrícola polonês, primeiramente dirigindo-se à América de Norte, depois à bacia do Reno, à Vestfália e a Berlim. Calcula-se que naquela época emigraram da região de Poznań e da Pomerânia cerca de 1,2 milhão de pessoas. Da zona de ocupação prussiana veio também ao Brasil, em 1867, Edmundo Sebastião Woś Saporski – o “Pai da emigração polonesa no Brasil”, que em 1869 providenciou a vinda dos primeiros grupos de imigrantes poloneses, o que nos anos seguintes abriu as portas a outros milhares de imigrantes da Polônia.

Na zona de ocupação russa, a primeira onda emigratória dirigiu-se à América do Sul. Em 1890 o governo do Brasil garantiu aos emigrantes passagem gratuita e outras vantagens, tendo mobilizado também agenciadores. Estes tinham o papel de recrutar candidatos a emigrantes, aos quais ao mesmo tempo vendiam as passagens marítimas. Esse tipo de atividade muitas vezes dava margem a transgressões e sérios abusos diante dos emigrantes, principalmente porque estes em geral eram pessoas de pouca ou nenhuma instrução. No Reino da Polônia eclodiu a chamada “febre brasileira”, e no decorrer de dois anos (1890-1892) viajaram para além do oceano 63 mil minifundiários e camponeses sem terra, apesar dos obstáculos que lhes impunham as autoridades czaristas. Paralelamente prosseguia a emigração aos Estados Unidos, intensificando-se sem cessar até 1914, quando atingiu o ritmo de 90 mil pessoas por ano. Emigravam também do Reino alguns operários e uma boa percentagem da pobreza judia. Da zona de

ocupação russa a emigração seguia também o sentido contrário – oriental, em direção à Rússia europeia e à Sibéria. Buscavam trabalho ali, por exemplo, os intelectuais poloneses da Lituânia e da Bielorrússia. Eram também estimulados a se estabelecer ali os camponeses da Polônia, porém sem maior sucesso. Antes de 1914 fixaram residência na Rússia cerca de 600 mil poloneses, incluindo-se nesse número os exilados políticos. Do Reino da Polônia emigrou um total de 1,3 milhão de pessoas, especialmente poloneses.

Na Galícia o movimento emigratório teve início já nos anos 50 do século XIX, embora tivesse assumido proporções mais significativas somente nos anos 70. A Galícia vivenciou também a sua “febre brasileira”, nos anos 1894-1896, mas esta envolveu principalmente os ucranianos. Os poloneses da Galícia emigravam sobretudo aos Estados Unidos, e os ucranianos, após 1900, ao Canadá. Também nessa região o ritmo da emigração crescia incessantemente até 1914. No total, deixaram a Galícia cerca de 1 milhão de pessoas – sendo dois terços delas constituídos pela população polonesa, quase que exclusivamente aldeã.

Antes da Primeira Guerra Mundial os principais núcleos de emigrados poloneses encontravam-se nos Estados Unidos (3 milhões) e na Alemanha (750 mil), com agrupamentos menores no Brasil (100 mil), no Canadá (45 mil) e na Argentina (32 mil).

Rememorar o aniversário dos 150 anos do Levante de Janeiro de 1863 será com certeza uma grata tarefa dos poloneses, daqueles que vivem agora numa Polônia livre e daqueles que fazem parte da grande diáspora polonesa hoje existente. A memória desse evento histórico também não poderá passar despercebida daqueles milhões de descendentes dos emigrados poloneses que em razão das vicissitudes históricas vivem em todos os recantos no mundo, cerca de 2 milhões dos quais têm hoje como sua nova Pátria o Brasil. Por ocasião do sesquicentenário desse importante acontecimento na História da Polônia, as raízes desses numerosos

polônicos brasileiros no país das margens do Vístula certamente servirão de estímulo para que muitos deles voltem com o seu pensamento e o seu coração àqueles heroicos tempos em que seus antepassados lutavam pela liberdade da Pátria.

BIBLIOGRAFIA

BROŻEK, Andrzej. *The History of Poland*. Kraków: Uniwersytet Jagielloński – Instytut Badań Polonijnych, 1985.

GIEJSZTOR, Aleksander; HERBST, Stanisław; LEŚNIEWSKI, Bogusław. *Un milenio de historia de Polonia*. Varsovia: Ediciones “Polonia”, 1961.

HALECKI, Oscar. *A History of Poland*. New York: Barnes & Noble Books, 1993.

KIENIEWICZ, Stefan. *Historia Polski 1795-1918*. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe, 1983.

MAŁA ENCYKLOPEDIA POWSZECHNA. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe, 1969.

MAZUREK, Jerzy. *Kraj a emigracja*. Warszawa: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego – Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego w Warszawie, 2006.

OSICA, Janusz (sel. e red.). *Dziedzictwo zaborów*. Warszawa: Krajowa Agencja Wydawnicza, 1983.

RESUMO - STRESZCZENIE

Przeszło stuletni okres niewoli Polski podczas zaborów wymazał kraj z mapy Europy, ale nie z serc jego obywateli, którzy nigdy nie przestali walki o przywrócenie niepodległości dla swojej

Ojczyzny. Niniejszy artykuł komentuje proces rozbiorów i jego skutki oraz świadectwo patriotyzmu polskiego, również poprzez dziewiętnastowieczne powstania, szczególnie Listopadowe i Styczniowe – którego 150-lecie przypada na rok 2013. Wśród skutków sytuacji politycznej i gospodarczej, w jakiej znajdowała się Polska w tym okresie, przypomina również polską wielomilionową diasporę, część której osiedliła się w Brazylii. Z okazji 150-tej rocznicy tego ważnego wydarzenia w Historii Polski, jej korzenie w kraju nad Wisłą z pewnością będą podniesione do powrócenia myślą i sercem do tamtych bohaterskich czasów walki Polaków o niepodległość Ojczyzny.

PERFIL DOS PRIMEIROS IMIGRANTES POLONESES QUE CHEGARAM AO BRASIL

Nazareno Dalsasso ANGULSKI

Segundo Wachowicz (1981), o responsável pela vinda do primeiro grupo de famílias de imigrantes poloneses para o Brasil foi Sebastião Woś, membro da aldeia de Siolkowice, pequena povoação, situada à margem direita do Rio Oder, próximo à cidade de Opole, região que fica no Sudoeste da Polônia, conhecida por Silésia. Portanto, um silesiano que concluindo os estudos secundários, preparava-se para ingressar na Universidade de Breslau, atual cidade polonesa de Wrocław, quando em razão de suas ideias nacionalistas foi chamado para servir o exército prussiano.

Diante das circunstâncias mudou então de nome para Sebastião Edmundo Woś- Saporski e emigrou para a América do Sul, primeiramente para a cidade de La Plata – Argentina e posteriormente para Montevideo – Uruguai.

Logo em seguida embarcou num navio que fazia escala na Ilha de Santa Catarina e finalmente aportou em Itajaí, litoral da Província de Santa Catarina, estabelecendo-se no centro da colonização alemã no ano de 1868 onde teve a oportunidade de encontrar-se com o vigário da Paróquia de Gaspar, Padre Antônio Zielinski, natural da cidade de Lwów, que já vivia nas paragens da Província de Santa Catarina desde o ano de 1867.

Inspirados na obra colonizadora que o alemão Hermann Blumenau estava realizando na Província de Santa Catarina,

· Pesquisador da temática polonesa em Santa Catarina.

principalmente no Vale do Rio Itajaí, resolveram planejar a vinda de imigrantes poloneses para colonizar o Brasil Meridional.

A propósito Kawka (2009, p. 42) esclarece que “[...] os dois enviaram um requerimento ao governo imperial brasileiro no dia 10 de abril de 1869, solicitando terras para serem colonizadas por poloneses. Através do Ministério da Agricultura, o governo brasileiro deu resposta positiva a esse pedido no dia 11 de maio de 1869”.

Por intermédio de cartas a seus patrícios e conhecidos da aldeia de Siolkowice, Saporski conseguiu atrair as primeiras levas de famílias dessa aldeia onde predominavam, entre a população, costumes dos tempos senhoriais. Assim, a imigração em massa dos poloneses para o Brasil data de agosto de 1869, quando as primeiras 16 famílias silesianas vieram, a bordo do vapor "Victória", ao porto de Itajaí, em Santa Catarina e foram estabelecidas na colônia Príncipe Dom Pedro, atual município de Brusque na linha Sixteen Lots (dezesseis lotes), abandonada pelos irlandeses, seguindo-se mais 16 famílias, totalizando 164 pessoas.

Por sua vez, Goulart (1984, p. 13) torna claro que “[...] os lotes territoriais em que esses imigrantes ficaram estabelecidos eram conhecidos por “Sixteen Lots” (16 lotes) e localizavam-se no ribeirão do Porto Franco, em Lageado Grande, atual município de Botuverá, margem direita do rio Itajaí-Mirim”.

Segundo Gluchowski (2005), no primeiro grupo de emigrantes da Alta Silésia, estavam ao todos 64 pessoas, entre elas: **Nicolau Wos, Francisco Polak, Boaventura Polak, Tomás Szymanski, Simão Purkot, Filipe Kokot, Miguel Prudlo, Simão Otto, Domingos Stempka, Gaspar Gbur, Baltasar Gbur, Walentim Weber, Antonio Kania, Francisco Kania, André Pampuch e Estevão Kachel.**

Além das 16 primeiras famílias, segundo Gluchowski (2005), estabeleceram-se também em Brusque, no ano de 1870, outras 16 famílias, sendo conhecidos os nomes de **Baltasar Gebza, André**

Kawicki, Gregório Hala, Brás Macioska, Tomás Szajnowski, Fabiano Borak, Augusto Waldera, Martin Prudlik, Martim Kempa, Paulo Polak, Valentim Otto, Leopoldo Jelen, José Purkot e Vicente Pampuch. Essas 32 famílias são consideradas, portanto, as pioneiras, ou seja, os primeiros imigrantes poloneses que chegaram ao Brasil.

É importante caracterizar que segundo Wachowicz (1981), no início do século XIX, o campesinato polonês vivia em um sistema social altamente hierarquizado, onde no cume da hierarquia aldeã, encontravam-se as famílias dos *kmiiec*, considerados pelos aldeões como grandes proprietários, mas que não chegavam a ser verdadeiros latifundiários, pois um *kmiiec* não possuía mais de 50 ha. de terras.

Na seqüência da pirâmide social aldeã, vinham os *chalupnik*, que eram verdadeiros proprietários de terra de minifúndios. Suas propriedades, entretanto, não ultrapassavam 10 ha. Em seguida, vinham os *komornik*, que não eram proprietários de terra, pois arrendavam para o cultivo de algum minifúndio, no máximo, possuíam alguma choupana própria. Finalmente na base da pirâmide social aldeã, encontravam-se os *parobki*, trabalhadores rurais que nada possuíam, a não ser a força de seu trabalho braçal, empregada principalmente nos latifúndios. Dessa forma, segundo Wachowicz (1981), as primeiras 32 famílias de imigrantes poloneses que aportaram na Província de Santa Catarina em agosto de 1869, provenientes da aldeia de Siolkowice, eram assim constituídas, quanto às categorias agrícolas:

Categoria	Nº de Famílias	%
Chalupnik	12	37,5
Komorniki	9	28,1
Artesões	4	12,5
Kmiiec	3	9,4
Não	4	12,5

Identificados		
---------------	--	--

Tabela 1: Classificação hierárquica do campesinato polonês

Verifica-se que a grande maioria desta primeira leva de imigrantes, era constituída de pequenos proprietários, os chamados *chalupniki*, ou de arrendatários *komorniki*, que buscavam manter o mesmo nível social e econômico e, se possível, tornar-se grande proprietário na nova terra de adoção, além de aspirarem a paz e a liberdade.

Entretanto, apesar da quase totalidade da massa de imigrantes que para cá vieram, ser constituída de camponeses, Wachowicz (1970, p. 47), indentificou que:

[...] os imigrantes, então chegados ao Brasil, não recebiam nenhuma instrução de como deveriam trabalhar a terra, nem tão pouco acerca dos períodos de plantio e colheita dos produtos agrícolas aqui cultivados. Em algumas colônias, nem sementes foram providenciadas para os colonos poderem iniciar a sua agricultura.

Por outro lado, segundo Kawka, (2011, p. 77) “[...] as terras que ali lhes haviam sido oferecidas não eram das melhores e já haviam sido abandonadas por colonos irlandeses. A proximidade dos colonos alemães também favorecia o surgimento de atritos e desavenças. Então o próprio Saporski, auxiliado pelo pe. Antônio Zielinski, que era pároco em Gaspar, providenciou junto ao governo paranaense a transferência desses colonos poloneses ao Paraná”.

Importa destacar que segundo Wachowicz (1976, p.11) “[...] em 1871, trazidos pelo agrimensor Sebastião Wós Saporski, chegaram os primeiros colonos poloneses e localizaram-se no

Pilarzinho, reemigrantes que eram da Colônia Príncipe Dom Pedro, posteriormente anexada à colônia Brusque, da vizinha Província de Sta Catarina”.

Eram ao todo 32 famílias, composta por 164 pessoas, que após inúmeras peripécias e dificuldades, acabaram-se por se estabelecer no planalto curitibano, no rocio da capital paranaense. Este fato foi o início do movimento imigratório que veio caracterizar o grupo étnico polonês como o mais numeroso dentre todos os outros que imigraram para o Estado do Paraná.

Marques (1978, p. 108), sintetiza: “[...] a soma quase infinita de sacrifícios e privações de toda ordem, agravada pelo abandono de sua velha Pátria, só podia ser superada, como o foi, por uma fé profunda e inabalável confiança em Deus”.

Verifica-se como o passar do tempo, que não só o grupo populacional paranaense ligado às raízes polonesas está plenamente integrado na população geral brasileira, como também os polônicos gaúchos, catarinenses, paulistas, cariocas e capixabas que deram sua contribuição decisiva para o desenvolvimento de vilas e cidades que surgiram geralmente nas margens de rio navegáveis ou junto à estrada de ferro ou estradas de rodagem ou mesmo em planícies, planaltos, serras e montanhas.

Referências

WACHOWICZ, Ruy Christovam. A Febre Brasileira na Imigração Polonesa. In: **Anais da comunidade brasileiro-polonesa**. v. I, Cuririba: Imprimax Ltda, 1970.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Raízes Polonesas em Brusque**. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 1989.

KAWA, Mariano. A presença polonesa no Brasil. In: **Relações entre Polônia e Brasil: Passado e Presente**. Varsóvia: Oficina Gráfica da Universidade de Varsóvia, 1996.

WACHOWICZ, Ruy C. Aspectos da Imigração Polonesa no Brasil. In: **Projeções: revista de estudos polono-brasileiros**, n. 1. Curitiba: Editora Projeções, 1/1999.

WACHOWICZ, Cristóvão Ruy. **Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Casa Romário Martins – Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

KAWKA, Mariano. Imigrantes de uma nação sem Estado. In: **Almanaque da Vida Polaca**. Brusque: Prefeitura de Brusque, 1999.

MARQUES, Agenor Neves. **Imigração Italiana** – Edição Comemorativa do Centenário de Urussanga – 1878 – 1978. Criciúma: Gráfica Ribeiro, 1978.

WACHOWICZ, Cristóvão Ruy. **Abranches: Um Estudo de História Demográfica**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1976.

KAWKA, Mariano. A Imigração Polonesa ao Paraná Completa 140 Anos. In: **Polonicus: Revista de Reflexão Brasil-Polônia**, n.4. Curitiba: Grafica Boa Vista, Ano 2, 2/2011.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor artykułu przedstawia charakterystykę pierwszych imigrantów polskich, którzy dotarli do Brazylii zauważając, że stanowili oni przede wszystkim grupę ubogich chłopów i parobków zainteresowanych posiadaniem ziemi. W artykule pojawiają się również informacje na temat hierarchii społecznej przybyłych imigrantów w zależności od faktu posiadania przez nich ziemi i jej powierzchni.

A CULTURA FÍSICA POLÔNICA NO BRASIL NOS ANOS 1897-1939

Marek SZCZERBIŃSKI*

O início da colonização polonesa no Brasil remonta aos anos 1867-1876. Com o título de “Pai da colonização polonesa no Brasil” foi honrado Sebastião Woś-Saporski, que em 1867, após concluir o ginásio em Opole, deixou ilegalmente a aldeia natal de Siołkowice para evitar o serviço militar no exército prussiano e estabeleceu-se no Paraná¹. Nos anos 1869-1870 Saporski trouxe ao Paraná 32 famílias silesianas de Opole, contando no total 164 pessoas, e ajudou-lhes na adaptação à nova terra.

Os colonos poloneses que vinham ao Brasil dedicavam-se à derrubada da mata, à sementeira de cereais, à busca da alimentação, à defesa contra tribos indígenas². O destino dos emigrantes poloneses no Brasil chamou a atenção da sociedade no país natal. Levantaram-se vozes de protesto e de advertência contra

* Do Instituto da História da Cultura Física da Escola Superior de Educação Física em Katowice. Diretor: Dr. M. Szczerbiński. A presente monografia foi originalmente publicada em polonês, com o título *Polonijna kultura fizyczna na terenie Brazylii w latach 1897-1939*, em: Akademia Wychowania Fizycznego w Poznaniu – Seria: Monografie nr 132 [1980].

¹ BASIŃSKI, E. *Polonia solidarna z Macierzą*. Warszawa, 1971, p. 126.

² A difícil vida dos primeiros colonos poloneses no Brasil encontra reflexo na literatura memorialista. Cf.: *Pamiętniki emigrantów*. Wstęp L. Krzywicki, Warszawa 1939; *Pamiętniki emigrantów 1878-1958*. Przedmowa K. Koźniewski. Warszawa 1960; *Pamiętniki emigrantów*. Wybór i przedmowa K. Koźniewski. Warszawa 1965.

a partida apressada para o além-mar. A imagem da geena emigratória, impressionante em sua eloquência, ficou gravada nas obras de Adolf Dygasiński, Maria Konopnicka e Henryk Sienkiewicz. Após a aclimação e a adaptação dos primeiros colonos no Paraná (principalmente em Curitiba e nas redondezas), até o ano de 1914 vieram novas ondas de emigrantes de toda a área da antiga República Polonesa. Na véspera da eclosão da I Guerra Mundial, segundo dados estimados, estabeleceram-se no Brasil mais de 103 mil colonos poloneses. Desse número, cerca de 80 mil poloneses estabeleceram-se no Paraná, e os restantes – principalmente nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul³.

Aos poucos começaram a moldar-se os embriões de uma organização, tendo em mente a comunidade camponesa e visando à preservação da diversidade cultural na educação da geração jovem, segundo o espírito da tradição polonesa.

O ponto de apoio que integrava a coletividade polônica foi a Igreja, dirigida pelo clero polonês, o qual – como escreve o eminente líder da comunidade polônica brasileira pe. Jan Pitoń – “preservava a língua pátria, as tradições e os costumes e difundia a cultura nas escolas paroquiais”⁴.

Um outro elo que consolidava a vida dos emigrados em terra estrangeira eram as organizações dos emigrantes de caráter leigo, que começaram a surgir a partir dos anos 90 do século XIX e que tinham por objetivo a fundação de escolas e a satisfação das necessidades culturais; dedicavam-se igualmente à atividade esportiva, à fundação de bibliotecas, lojas e armazéns. A primeira sociedade polônica leiga no Brasil foi a Sociedade Tadeu Kościuszko, em Curitiba, fundada no dia 15.6.1890 e que existe até o dia de hoje. Na inauguração da assembleia de fundação, Inácio Weberski assim fundamentou a necessidade da organização: “Por

³ BASIŃSKI, E. *Polonia...*, op. cit., p. 127.

⁴ PITOŃ, J. Przemiany Polonii brazylijskiej. In: *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa*. Warszawa 1971, p. 213.

falta de sociedades e bibliotecas populares, a atual situação dos poloneses no Brasil, especialmente no estado do Paraná, deixa-os completamente isolados do mundo civilizado, em razão do que eles decaem moral e economicamente, perdendo o respeito e o reconhecimento diante dos brasileiros. Levando em conta essa lamentável situação dos nossos compatriotas no Brasil, com a máxima energia temos de nos ocupar dessa questão e logo, sem hesitação, proceder à fundação de uma Sociedade Polonesa”⁵.

Os estatutos da Sociedade definiam os seus objetivos, a saber: “Promover a união dos poloneses de Curitiba e da região através da instrução mútua em todas as áreas da educação e da cultura; fundar bibliotecas, salas de leitura e difundir a cultura, promover a ajuda mútua através de um caixa de ajuda mútua em caso de doença ou de acidente, prestar assistência aos novos imigrantes poloneses; cultivar as cantigas nacionais e promover diversões conjuntas”⁶. Nos estatutos da Sociedade Kościuszko basearam-se nos anos seguintes outras organizações, inclusive a Falcão.

A associação seguinte, denominada Sociedade Polonesa Casimiro Pułaski, foi fundada por emigrados do Reino do Congresso e da Galícia em São Mateus; outras sociedades começam a surgir depois de forma espontânea⁷. Uma outra sociedade na área de Curitiba surgiu em 1895, com o nome de União e Concórdia; em 1896 surgiram simultaneamente algumas delas, e em 1897 – a Sociedade Pogoń (Cavaleiro) em Porto União, bem como as

⁵ PITONÍ, J. Najstarsze towarzystwa polonijne i ich dorobek. In: *Emigracja polska...*, op. cit., p. 113.

⁶ Ibidem, p. 214.

⁷ Nos anos 1890-1900, do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul surgiram 35 sociedades, que geralmente desenvolviam a sua atividade sem nenhuma coordenação, muitas vezes também sem programas elaborados, lutando com dificuldades financeiras e falta de pessoas com aptidões organizacionais, e sem o apoio da maior parte dos colonos. Ibidem.

sociedades S. Isidoro e Tadeu Kościuszko em Rio Claro. Nesse mesmo ano foi fundado um ninho do Falcão em Rio Claro⁸. Como presidente da primeira Sociedade Ginástica na América do Sul, denominada Falcão, foi escolhido o Sr. Zelner, a B. Mikoszewski foi confiada a função de vice-presidente, Z. Hiolski tornou-se seu secretário e instrutor de educação física, enquanto o Sr. Buczko foi escolhido como diretor social⁹.

Baseado na informação fornecida pelo *Jornal Comercial e Geográfico de Lvov*, K. Groniowski afirma que “no início de 1898 o ninho do Falcão polonês em Rio Claro agregou-se à União das Sociedades Falcoeiras na Polônia”¹⁰. No entanto a diretoria das Sociedades Polonesas Falcoeiras na Áustria, como informava o Guia Ginástico, ficou sabendo da existência do Falcão em Rio Claro somente através do número de agosto do *Sindicalista* (1898), órgão da União Nacional da Polônia na América do Sul. “Essa publicação [*Sindicalista*] fala do Falcão apenas que o número dos sócios era 21 e que o seu presidente era Bohdan Mikoszewski. Na pessoa do seu presidente, ela participou da I Assembleia na Polônia. Se os objetivos e as tarefas do Falcão em Rio Claro eram os mesmos da falcoaria daqui, da Polônia, fica difícil saber; do relatório do *Sindicalista* sabe-se apenas que o presidente Mikoszewski, que aliás teve uma viva participação nas deliberações da assembleia, não envidou nenhum esforço para incluir nos estatutos da União a questão da falcoaria, ou pelo menos da educação física das crianças dos nossos emigrados, visto que esses estatutos, citados no

⁸ GŁUCHOWSKI, K. *Wśród pionierów polskich na Antypodach. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii*. Warszawa 1927, p. 13; também: LEPECKI, M. *Parana i Polacy*. Warszawa 1962, p. 158.

⁹ *Gazeta Handlowo-Geograficzna* n. 4, 15 de fevereiro de 1898, p. 45.

¹⁰ GRONIOWSKI, K. *Polska emigracja zarobkowa w Brazylii 1871-1914*. Wrocław – Warszawa – Kraków – Gdańsk 1972, p. 235.

Sindicalista literalmente, não fazem nenhuma alusão a essas questões”¹¹.

No ano seguinte surgiram outros dois ninhos da Sociedade Ginástica Falcão: em Água Branca e na capital do estado do Paraná, Curitiba. A determinação da data exata do estabelecimento do núcleo em Curitiba apresenta certas dificuldades: K. Głuchowski fornece a data de 13.6.1898 como o início do seu funcionamento¹², ao passo que o pe. João Pitoń e o prof. R. C. Wachowicz, no citado trabalho dedicado ao centenário da colonização polonesa no Brasil, afirmam que a reunião organizacional ocorreu no dia 11.6.1898¹³. M. Lepecki, líder da colônia polonesa brasileira no período dos vinte anos do entreguerras, escreve que a reunião organizacional do Falcão realizou-se no dia 10.6.1898, com a presença de Dobrzyński, Żubiński, Krzyżanowski, Bukowski, Chmielewski e Majewski. Por sua vez na reunião seguinte, no dia 13.6.1898, realizou-se a eleição da diretoria do ninho, do qual passaram a fazer parte: Majewski, Bukowski, Żubinski e Dobrzyński. O primeiro dirigente, segundo Lepecki, tornou-se J. Wielobycki, veterano do Levante de 1863¹⁴. A mais antiga ata preservada da fundação do ninho, quando se discutiu a questão dos estatutos, traz a data de 26.6.1898. Da comissão que devia preparar o projeto dos estatutos falcoeiros faziam parte: Félix Krzyżanowski, João Dobrzyński, Sigismundo Majewski, João Zieliński, Ladislau Bukowski, José Wielobycki, Valdomiro Kuhn e Romão Skorupski¹⁵.

¹¹ *Przewodnik Gimnastyczny Sokół* n. 10, outubro de 1898, p. 119.

¹² “No dia 13.6 daquele ano [1898 - M. S.] surge em Curitiba o Círculo da Juventude Polonesa Falcão (...) tendo como objetivo a prática e a difusão do canto nacional, da ginástica e da cultura, com ênfase especial à história pátria”. GŁUCHOWSKI, K. *Wśród pionierów...*, op. cit., p. 13.

¹³ *Emigracja polska w Brazylii...*, op. cit., p. 216 e 222.

¹⁴ LEPECKI, M. Polscy strzelcy, sokoli i harcerze w Brazylii. *Stadion* n. 1, 1.1.1925, p. 38.

¹⁵ *Emigracja polska w Brazylii...*, op. cit., p. 217.

Na análise das tarefas do Falcão enfatizava-se que essa organização devia assegurar condições para a prática de esportes na área da equitação, da natação e do tiro, difundir a ginástica, patrocinar competições, organizar excursões, promover comemorações de datas nacionais, fundar uma biblioteca e associar-se à União das Sociedades Ginásticas Polonesas Falcão em Lvov. Essas tarefas foram enfatizadas nos estatutos, que foram apresentados para ser aprovados pelo governador do estado do Paraná. A dois exemplares dos estatutos (em língua polonesa e portuguesa) foi acrescentada uma carta de apresentação, na qual se escrevia: “Os poloneses residentes em Curitiba, apresentando com a presente os estatutos da Sociedade Falcão Polônês no Paraná, dirigem-se a Vossa Excelência com o pedido de aprovação dos estatutos anexos (...). A Sociedade Falcão é fundada com objetivo exclusivamente ginástico – exercício corporal (...). Sociedades polonesas com o nome Falcão são estabelecidas quase por toda a Europa e na América do Norte, onde quer que vivam os poloneses (...). Baseamos o nosso pedido na importante consideração de nada fazer sem o conhecimento do Governo e para que os contrários não queiram enxergar na nossa instituição algo de antigovernamental, contra o que de forma decidida e de antemão nos posicionamos (...)”¹⁶.

A diretoria do Falcão pretendia buscar: “... a união dos poloneses para exercícios ginásticos, atendo-se ao princípio do ‘mente sã em corpo sã’ e da iluminação desse espírito através de exercícios mentais (...). Os meios para esse objetivo são: a/ reunião ginástica promovida ao menos uma vez por mês; b/ comemoração comum de lembranças e datas nacionais, reuniões sociais aliadas a palestras, declamação, canto, música, teatro amador, danças, excursões, etc.”¹⁷ Os estatutos foram aprovados no dia 19.12.1898 e

¹⁶ Arquivo de Documentos Novos em Varsóvia [a seguir AAN]. Documentos de J. e K. Warchałowski, n. 27, fl. 1.

¹⁷ Ibidem, fl. 2.

somente nesse dia, segundo Pitoń e Wachowicz, ocorreu a eleição da diretoria do ninho com a seguinte composição: Sigismundo Majewski – presidente, Antônio Licnerski – vice-presidente, Félix Krzyżanowski – secretário, Fernando Zaze – diretor de patrimônio, Simão Brzoza – tesoureiro, João Dobrzyński – bibliotecário e Francisco Dybowicz – porta-voz¹⁸.

A Sociedade iniciou a sua atividade com a organização de um evento dedicado à memória de Adam Mickiewicz, e em agosto de 1898 foi apresentada uma peça teatral. Em breve foi estabelecido contato com a Sociedade Comercial e Geográfica em Lvov, de onde foram recebidos textos de peças teatrais e livros. O Falcão de Curitiba também estabeleceu contato com Poznań, Cracóvia e Varsóvia; desse centros eram enviadas a Curitiba publicações polonesas, que eram utilizadas por um amplo círculo de emigrados. Forneceu uma notícia a respeito do Falcão de Curitiba o *Jornal Comercial e Geográfico*, escrevendo: “No seio da Sociedade União e Concórdia, em Curitiba, foi estabelecido um círculo ginástico com o nome Falcão (trata-se do terceiro Falcão no Paraná)”. Como o quarto ninho seguido, após os ninhos de Rio Claro, Água Branca e Curitiba, foi fundado em 1900 o ninho do Falcão em Porto Alegre, que atingiu em breve cerca de 200 membros, mas não se agregou a uniões de maior amplitude¹⁹.

O jovem ninho curitibano, que se distinguia por uma vigorosa atividade, não dispunha de uma sede adequada. As reuniões realizavam-se inicialmente em casas particulares, até 1901, quando a Sociedade Tadeu Kościuszko edificou a sua própria sede. A união estreita que se estabeleceu entre essas organizações decorria possivelmente da utilização de uma sede comum. A Sociedade Tadeu Kościuszko exercia certa influência sobre o Falcão, e uma série de líderes seus exercia também funções na diretoria do ninho. No entanto o Falcão permaneceu como uma organização

¹⁸ *Emigracja polska w Brazylii...*, op. cit., p. 217 e 223.

¹⁹ GLUCHOWSKI, K. *Wśród pionierów...*, op. cit., p. 148.

autônoma, participando através dos seus delegados de todos os acontecimentos da colônia polonesa no Brasil. Junto ao ninho foram fundados um coral e uma orquestra, que animavam as comemorações das datas nacionais.

Desde os anos 90 do século XIX, entre os colonos poloneses em território brasileiro fazem-se perceber as influências da Liga Polonesa, principalmente por intermédio da *Revista Emigratória de Lvov*, da *Palavra Livre Polonesa* de Paris e dos líderes da colônia polonesa nos Estados Unidos, congregados em torno da União Nacional Polonesa. No início de 1898, Antônio Bodziak recebeu os estatutos do Tesouro Nacional, a respeito do que deu ciência à redação da *Palavra Livre Polonesa*, e em maio daquele ano fundou em São Mateus uma Sociedade de Tiro, com o objetivo de organizar e apoiar o Tesouro Nacional²⁰. Da parte da União Nacional Polonesa nos Estados Unidos, cada vez mais corajosamente era sugerido o projeto de organizar uma união semelhante entre os poloneses do Brasil, no que cumpriam um papel significativo os artigos publicados no *Concórdia*, de Chicago.

A primeira tentativa de unificar a colônia polonesa no Brasil foi empreendida em 1898, convocando-se para o dia 3 de maio uma assembleia polonesa em Curitiba, na qual estiveram representadas as sociedades polonesas dos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro²¹, tendo participado com o maior número os sócios das sociedades União e Concórdia e Tadeu Kościuszko de Curitiba. Foi também convidado para participar da assembleia o Falcão polonês de Rio Claro²². Durante os debates foi analisada a questão do renascimento da Polônia, bem como os problemas da colonização polonesa no Brasil e das escolas polônicas. A conferência de fundo, relacionada com a instituição da União Polonesa, foi pronunciada pelo líder do Falcão F.

²⁰ GRONIOWSKI, K. *Polska emigracja...*, op. cit., p. 215.

²¹ *Emigracja polska w Brazylii...*, op. cit., p. 215.

²² *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, 25.4.1898, p. 96.

Krzyżanowski. Os participantes da assembleia receberam telegramas do Conselho Museológico de Papersville, de Carlos Lewakowski, da União dos Emigrados Poloneses e da União dos Falcões Poloneses na América. O *Jornal Comercial e Geográfico*, relatando o transcurso da assembleia, publicou um artigo do *Mensageiro Paranaense* que fazia referência ao conteúdo de uma carta enviada pela falcoaria polonesa na América: “O Departamento da União dos Falcões poloneses nos Estados Unidos da América do Norte enviou uma correspondência assinada pelo cidadão Kazimierz Żychlinski, presidente da União dos Falcões Poloneses, na qual nos envia cordiais saudações em razão do empreendimento de um trabalho tão difícil embora importante, que tem por objetivo a restauração de uma terra dos Piasts e dos Jaguelões livre, independente e popular, concluindo com o lema falcoeiro: A saudação à Pátria e as garras ao inimigo!”²³

No ano seguinte o Falcão de Curitiba, conjuntamente com a Sociedade Tadeu Kościuszko e a União e Concórdia, organizou as comemorações da Constituição de 3 de Maio. Pronunciaram discursos os presidentes das sociedades, Luciano Stencel e F. Krzyżanowski, bem como José Okołowicz, desde março de 1899 redator do *Jornal Polonês no Brasil*, publicado desde 1892. Okołowicz convocou os presentes à organização de uma Comuna Polonesa em Curitiba, bem como à participação na eleição de deputados poloneses ao parlamento paranaense. Durante a assembleia dedicada à participação da colônia polonesa nas eleições, foi apresentada a candidatura de Saporski. No comitê eleitoral, que era presidido pelo membro da diretoria do Falcão Simão Brzoza, encontraram-se também Fernando Zaze e Francisco Dybowicz, ligados com o ninho. Foi instituída a seguir uma comissão de delegados das sociedades, com o objetivo de fundar a Comuna Polonesa. O Falcão foi representado por F. Krzyżanowski, J.

²³ Ibidem, n. 12, 25.6.1898, p. 144.

Okołowicz e F. Zaze²⁴. Dessa forma, portanto, dentro de um breve período de tempo, o Falcão curitibano envolveu-se ativamente na corrente da atividade sociopolítica dos emigrados poloneses. O ninho também deu início a uma atividade cultural em prol da colônia polonesa local. Utilizando-se da mediação do *Jornal Polonês no Brasil*, a diretoria do ninho convidava os poloneses para um baile organizado no dia 4.12.1899²⁵. Para a intensificação do significado do ninho no seio da comunidade polônica brasileira tiveram influência, de maneira especial, as comemorações do aniversário da batalha de Grunwald²⁶, inauguradas pelo Falcão. Enfatizando a importante participação do Falcão, desde o momento do seu surgimento até o ano de 1900, na vida da colônia polonesa, M. B. Lepecki acusa o ninho de ter negligenciado a atividade ginástica, escrevendo: “Essa sociedade dedicava-se sobretudo a questões educativo-culturais, organizava apresentações, comemorações de datas nacionais e bailes. A respeito de qualquer atividade ginástica e esportiva, absolutamente nada se fala nas atas”²⁷.

A não realização pelo ninho da sua tarefa fundamental, definida nos estatutos, realmente lança uma sombra na sua atividade, principalmente se levarmos em consideração que o Falcão era dentro da comunidade polônica brasileira a única organização de caráter ginástico-esportivo. Além do Falcão, a juventude polônica praticamente não tinha a possibilidade de praticar exercícios físicos. Nas escolas polonesas criadas nas colônias, provavelmente a ginástica não fazia parte do currículo²⁸. O esclarecimento das causas desse fenômeno, resultantes das

²⁴ GRONIEWSKI, K. *Polska emigracja...*, op. cit., p. 237.

²⁵ *Gazeta Polska w Brazylii* n. 34, 4.12.1899.

²⁶ HELMAN, W. *Organizacje polonijne w Brazylii*. Warszawa, 1975, p. 4.

²⁷ *Stadion* n. 1, 1.1.1925, p. 8.

²⁸ GARDOLINSKI, E. Szkolnictwo polskie w Rio Grande do Sul (1897-1938). In: *Problemy Polonii Zagranicznej*. Warszawa, 1966-1967, p. 134-173.

condições em que atuava o ninho, pode ser encontrado no conteúdo de uma carta enviada à União das Sociedades Ginásticas Falcoeiras Polonesas na Áustria, em razão do IV Encontro da Falcoaria da Galícia, que se realizou nos dias 28-29.6.1903 em Lvov. Tendo tomado conhecimento da organização do encontro por intermédio da imprensa polonesa que chegava ao Brasil, a diretoria do ninho convocou para o dia 15.5.1903 uma assembleia durante a qual, não podendo participar das solenidades de Lvov por seus delegados, foi aprovado que seriam enviadas aos participantes do encontro saudações e um breve relatório dos vários anos de atividade do ninho. Escrevia-se nesse relatório: “As condições diversas da nossa situação forçaram-nos a nos adaptarmos às necessidades locais, em consequência do que os exercícios corporais foram relegados a um lugar secundário, e apresentamos como primordial a primeira e fundamental tarefa da compreensão, entre o povo, do pensamento polonês (...). O nosso povo, em sua grande maioria, não tem consciência da história pátria, porque fugiu das zonas de ocupação, onde os invasores propositalmente não desenvolviam a escolaridade, a fim de manter a nação polonesa na ignorância. Esse povo não tem consciência das suas obrigações e não pode por isso educar a futura geração de acordo com as necessidades nacionais. Estamos iniciando, portanto, pelas bases educacionais (...)”²⁹. Em meados de 1902, estabeleceu contato com o ninho curitibano do Falcão a redação do *Mensageiro Polonês*, publicado em Paris. A diretoria do Falcão apresentou à redação o seu agradecimento pelo envio grátis da publicação, prometendo em troca informar o *Mensageiro* a respeito do Paraná e dos outros estados do Brasil³⁰. Por intermédio de Leon Bielecki, redator do *Jornal Polonês no Brasil*, o ninho enviou à redação donativos em prol do Tesouro Nacional.

²⁹ FISZER, Xawery Dr. *Pamiętnik IV Zlotu Sokolstwa Polskiego we Lwowie w dniach 27-29 czerwca, 1903*. Lwów, 1904.

³⁰ *Goniec Polski* n. 15-18, 20.8 - 20.9.1902.

Documentando a união com a falcoaria na Polônia, em maio de 1905 o Falcão de Curitiba conferiu a dignidade do sócio honorário do ninho a Bernardo Chrzanowski, presidente da União dos Falcões Poloneses no Estado Alemão e líder da democracia nacional³¹. A respeito da atividade da falcoaria na Velha Pátria, os emigrados eram informados pela imprensa polônica. Por exemplo, o *Polonês no Brasil*, no número 1 de 7.1.1905, publicou um relato das solenidades do vigésimo aniversário do ninho do Falcão em Stanisławów, e no número 30 de 27.3.1907 – um artigo sobre a falcoaria no Reino da Polônia. O ninho de Curitiba, após uma momentânea estagnação, animou a sua atividade sob a influência de notícias que vinham da Polônia a respeito dos acontecimentos da revolução de 1905. Passados cerca de três anos, em razão da falta de um programa próprio que distinguisse o Falcão das demais sociedades, o que poderia aumentar a popularidade do ninho, bem como em razão das difíceis condições de trabalho e da falta de unidade no seio da comunidade polônica curitibana, na atividade do ninho novamente se assinalou um retrocesso.

Em agosto de 1908 realizou-se em Curitiba uma assembleia polonesa na qual foi empreendida uma tentativa de organizar a União Nacional, a exemplo da organização que existia desde 1880 em meio à colônia polonesa nos Estados Unidos. Tomou parte ativa na participação dessa comissão Vítor Stachoń, presidente do Falcão de Curitiba, eleito a seguir para a diretoria da União. No entanto essa organização não desenvolveu uma atividade mais ampla. Demonstrou um grande interesse pela instituição da União Nacional, e a seguir pelo transcurso da sua atividade, o *Concórdia* de Chicago, publicando a esse respeito artigos que apresentavam, por exemplo, a posição que na questão da União Nacional no Brasil havia assumido o Falcão de Curitiba. O *Concórdia* escrevia em um dos seus números: “Também em Curitiba, no Brasil, existe um

³¹ GRONIEWSKI, K. *Polska emigracja...*, op. cit., p. 248.

ninho do Falcão, ao que parece há pouco estabelecido (...). Esse ninho decidiu não aderir 'por enquanto' à União Polonesa que está sendo organizada no Brasil, no entanto discutia-se a questão da instituição de um fundo para a construção de um local onde pudessem alugar-se também outras instituições polonesas"³².

Dois anos mais tarde, relatando o transcurso das comemorações da Constituição de 3 de Maio, durante as quais um grupo de escoteiros e escoteiras apresentaram-se uniformizados, a redação do *Concórdia* expressava a convicção de que o Falcão curitibano "tem já a existência assegurada". O ninho iniciou também os preparativos para a organização do quinto centenário da batalha de Grunwald. Levando certamente em conta os ninhos de Curitiba e Porto Alegre, Água Branca e Rio Claro, o *Concórdia* expressava a esperança (que não se cumpriria) de que "em breve surgirão algumas dezenas deles, e surgirá uma nova União dos Falcões Poloneses, mas desta vez na América do Sul"³³.

Em outras colônias polonesas não foram fundados ninhos do Falcão; além disso, os ninhos que existiam fora de Curitiba não empreenderam uma atividade mais ampla. Nenhum deles foi capaz de conseguir uma sede própria ou ainda empreender a construção de um campo esportivo.

Uma tentativa de reanimar a atividade da União Nacional Polonesa (UNP) no Brasil, que existia praticamente apenas no papel, foi empreendida em 1910, quando foi convocada uma reunião na redação do *Jornal Polônês no Brasil*. Da antiga diretoria da União, participou Vítor Stachoń, líder do Falcão. Foi estabelecido que poderiam filiar-se à UNP todas as sociedades, independentemente do direcionamento político que representavam. Foi convocado para fazer parte da diretoria da UNP Z. Majewski, presidente do Falcão. No início de 1910, o Falcão de Curitiba, juntamente com outras sociedades, participou de um encontro de

³² *Zgoda* n. 37, 2.7.1908, p. 5.

³³ *Ibidem*, n. 19, 12.8.1910, p. 5.

protesto contra uma decisão do Supremo Tribunal Federal que entregava ao estado de Santa Catarina uma parte do território do Paraná³⁴. A colônia polonesa do Brasil demonstrou com isso que já estava firmemente ligada com o país em que se estabelecera.

Da atividade do Falcão de Curitiba participavam cada vez mais corajosamente as mulheres. Por isso a diretoria do ninho introduziu em 1910 uma emenda aos estatutos possibilitando a organização de uma equipe feminina. O então presidente do Falcão, Z. Majewski, foi escolhido pelos participantes de uma assembleia da UNP (que se realizou nos dias 6-8.1.1911) presidente da União. Essa organização não contribuiu, no entanto, para a consolidação da comunidade polônica brasileira, defrontando-se com uma áspera crítica principalmente das sociedades congregadas em torno da redação do *Polonês no Brasil*. O conflito estourou com toda a intensidade por ocasião da escolha, dentre a colônia polonesa, de representantes para o parlamento estadual. A UNP levou à eliminação como candidato do representante da facção progressista da colônia polonesa, Simão Kossbudzki. Protestaram contra isso diversas sociedades, entre as quais uma parte do Falcão, liderada por Romão Skorupski, vice-presidente da administração. Uma tentativa de suavizar o conflito da parte da UNP devia ser “uma assembleia extraordinária com o objetivo de conciliação na questão nacional”, convocada para o dia 30.4.1911, com a participação de delegados das sociedades T. Kościuszko, União e Concórdia, Falcão e S. Estanislau³⁵. Por sua vez, no dia 24.12.1911 essas sociedades realizaram um comício em Curitiba com a seguinte ordem do dia: “1/ construção da Casa Polonesa em Curitiba; 2/ criação de um partido político agrícola no Paraná; 3/ fundação em Curitiba de uma escola polonesa de tipo superior”³⁶. O ninho do Falcão, bem

³⁴ *Emigracja polska...*, op. cit., p. 217.

³⁵ *Gazeta Polska w Brazylji*, 28.4.1911.

³⁶ *Ibidem*, n. 51, 20.12.1936, p. 3.

como a Sociedade T. Kościuszko, foi representada no comício por F. M. Taranowicz.

A decisão de aderir à UNP foi tomada pelo Falcão somente em 1912. A administração do ninho era então liderada pelo redator do *Jornal Polônês no Brasil*, o líder progressista Francisco Dybowicz. O movimento pela independência, dirigido na Polônia por J. Piłsudski, teve ampla repercussão nos ambientes dos emigrados poloneses. No seio da colônia polonesa do Brasil, começou aos poucos a se moldar um movimento assemelhado à Comissão Provisória dos Partidos Confederados pela Independência, formada na Galícia, e do Tesouro Militar Polônês. A imprensa polônica comentava com frequência cada vez maior a evolução da situação política na Galícia, e Venceslau Rodziewicz fez, nas páginas do *Campo*, um apelo para o estabelecimento nas colônias polonesas de comitês que recolhessem fundos em prol da luta contra o império russo e para o início de exercícios militares. O fato do estabelecimento em Pittsburg, em dezembro de 1912, do Comitê da Defesa Nacional (CDN) contribuiu para a cristalização do projeto de instituir uma organização semelhante em território brasileiro. A reunião organizacional do CDN – a exemplo daquele estabelecido pela colônia polonesa nos Estados Unidos – realizou-se no dia 23.1913. Na composição da diretoria do comitê entraram delegados da Organização Operária, do Falcão de Curitiba e da Sociedade da Escola Popular³⁷. Em março daquele ano, numa assembleia da CDN, foi tomada a decisão de estabelecer contato com a Sociedade TKSSN da Galícia; tratava-se, segundo o secretário da CDN, Szukiewicz, da primeira ação comum dos emigrados poloneses no Paraná. Para o fenômeno da temporária colaboração de quase todas as sociedades e facções da colônia polonesa no Brasil teve certa influência a ação integradora da falcoaria polonesa na América, realizada em meados de dezembro de 1912.

³⁷ GRONIEWSKI, K. *Emigracja polska...*, op. cit., p. 260.

Na véspera da eclosão da I Guerra Mundial, Venceslau Rodziewicz, conjuntamente com Radliński (que pereceu lutando nas Legiões em terras polonesas), fundou a União de Atiradores em Ponta Grossa, e Casimiro Rzyziński organizou quase que simultaneamente o destacamento do Atirador na colônia de Marechal Mallet. Rzyziński desenvolveu uma atividade a exemplo das Equipes de Atiradores Poloneses³⁸. Sob a influência do movimento dos atiradores que se desenvolvia, o Falcão de Curitiba começou a assumir as características de uma organização assemelhada às Equipes Falcoeirias Campais da Galícia. Deu início a excursões a colônias polonesas da redondeza, onde a juventude se exercitava no tiro e na ordem-unida³⁹. No momento da eclosão da I Guerra Mundial, um punhado de voluntários viajou à Europa e alistou-se na I Brigada. Foi também empreendida uma ação de prestação de ajuda aos compatriotas na Polônia, enviando-se os recursos recolhidos ao Comitê Central de Socorro, que sob a direção de H. Sienkiewicz atuava em Vevey, na Suíça. Durante a guerra, também manteve contato com o Comitê em Vevey o ninho do Falcão em Porto Alegre⁴⁰.

A ajuda à Polônia era organizada pela Comissão Militar Polonesa da América do Sul, instituída em 1913 por iniciativa da Comissão dos Partidos Confederados pela Independência. Na imprensa polônica (*O Polonês no Brasil*, *O Colono Polonês*, *Eco Polonês*, *Elo*) eram publicados comunicados e manifestos da Comissão Militar Polonesa.

Os anos da guerra foram para a colônia polonesa no Brasil um período de conflito de opiniões e de lutas ideológicas. Diante disso cristalizaram-se duas correntes principais: a primeira,

³⁸ SEKUŁA, M. O polską szkołę. In: *Pamiętniki emigrantów 1878-1958*, op. cit., p. 269.

³⁹ *Stadion* n. 4, 22.1.1925, p. 4.

⁴⁰ *Kwartalnik Instytutu Emigracyjnego oraz Przeglądu Emigracyjnego*. T. I e II 1929, p. 160.

relacionada com o grupo pela independência, dirigido por Simão Kossobudzki; a segunda, concentrada em torno de K. Warchałowski e do *Polonês no Brasil*, por ele redigido. Durante um grande comício em Curitiba, no dia 16.12.1917, do qual participou também o Falcão, instituiu-se o Comitê Central Polonês, que se apresentava diante das autoridades brasileiras como porta-voz dos assuntos poloneses. O governo brasileiro reconheceu o Comitê, e em agosto de 1918 pronunciou-se pela criação de uma Polônia livre⁴¹ como uma das condições para o estabelecimento da paz na Europa. Grupos de poloneses alistaram-se então no exercido de Haller, cujo recrutamento em território brasileiro era dirigido por J. Abczyński.

A recuperação da independência da Polônia foi aceita entusiasticamente pelos emigrados. A comunidade polônica brasileira empreendeu esforços no sentido de reunir a vida organizacional e social, dividida nos anos da guerra. No dia 2.5.1920 três organizações – a Sociedade Ginástica Falcão, o Círculo da Juventude Polonesa e a Sociedade S. Estanislau em Curitiba – reuniram-se numa única organização, com o nome de União Polonesa. Foi escolhido presidente da administração da União Polonesa Romão Skorupski. “A união das sociedades já é um fato concreto (...). Temos já a seção ginástica Falcão, onde serão temperados o espírito e o corpo, formando os quadros dos futuros lutadores pela liberdade” – escrevia o *Polonês no Brasil* no dia 9.4.1920. Demonstrou ser um devotado líder da seção ginástica R. Skorupski, que empreendeu muitos esforços pelo desenvolvimento da atividade da seção. No entanto a união do ninho com outras organizações não foi vantajosa. Em consequência de atritos entre a diretoria da seção e a diretoria da União Polonesa, a seção ginástica

⁴¹ *Stadion* n. 4, 22.1.1925, p. 4.

praticamente deixou de existir⁴², o que significou ao mesmo tempo o término da atividade do Falcão curitibano.

Dos demais ninhos falcoeiros existentes até 1914, além de Curitiba, sob a influência do movimento dos atiradores que se desenvolvia, reiniciou a sua atividade em 1923 o ninho do Falcão em Porto Alegre. Da atividade nesse ninho fala um emigrante, filho de operários de Łódź: “No Falcão eu tomava parte ativa em todos os seus empreendimentos culturais e esportivos, na medida em que esporádicos exercícios ginásticos e danças acompanhados de pinga e cerveja podem ser chamados de esporte, e visto que as minhas aspirações de me apresentar com as cores polonesas nos campos (...) das equipes urbanas e o propósito de colocar o Falcão no seu devido lugar não eram compreendidos e tudo caminhava como de costume, sem deixar de ser um membro, porém passivo, fundei um clube de futebol com o nome de Flor do Mar, que se compunha de jovens de diversas nacionalidades. Esse mesmo clube, mais tarde chamado Concórdia, do qual eu era tesoureiro, secretário, vice-presidente, capitão da equipe e permanente delegado na Liga de Futebol em Porto Alegre, até a minha partida para a Europa, teve uma brilhante participação nos campos daquela cidade”⁴³.

Os ninhos do Falcão polônês em território brasileiro nos vinte anos do entreguerras não mantinham contato com o Falcão na Polônia, razão por que não era conhecida a sua composição nem as suas diretorias, nem se sabia quantos membros congregava⁴⁴. Ladislau Wójcik, líder da colônia polonesa no Brasil, lembra: “Na capital do estado meridional, em Porto Alegre, existiam então [em 1926 – M. S.] duas sociedades polonesas: Águia Branca e Kościuszko, bem como os restos do juvenil Falcão, já então inativo”⁴⁵. Aos poucos o ninho tornava-se cada vez mais

⁴² *Ibidem*, n. 6, 5.2.1925, p. 6.

⁴³ *Pamiętniki emigrantów*. Warszawa, 1939. Pamiętnik nr 24.

⁴⁴ *Kalendarz Sokoli 1932*.

⁴⁵ WÓJCIK, W. *Moje życie w Brazylii*. Warszawa, 1962, p. 16.

dependente da Sociedade Águia Branca, tendo-se transformado finalmente numa seção esportiva junto àquela Sociedade e tendo assumido em 1926 a vanguarda das sociedades esportivas do estado do Rio Grande do Sul⁴⁶. A causa da regressão da atividade do Falcão, e a seguir da liquidação dos ninhos ou da sua transformação em seções esportivas junto a outras sociedades polônicas foi o crescimento do movimento atirador e escoteiro, bem como o surgimento de clubes ou sociedades esportivas.

Em abril de 1918 estabeleceu-se, por iniciativa de S. Borecki, a Sociedade de Tiro Polonesa em Guarani, estado do Rio Grande do Sul. Para a sua administração foram escolhidos: S. Borecki, M. Zastawny, W. Gorczana e Z. Gaşioriewicz. O destacamento funcionava a exemplo de uma organização semelhante existente na Polônia. A Sociedade de Tiro em princípio não interrompeu a sua existência, entretanto nos anos 1919-1922 não se assinalou por uma atividade mais intensa. Em 1917 surgiu e desenvolveu-se bem o Atirador Polonês em Araucária, perto de Curitiba; seu comandante era o eng. W. Czykiel. No entanto todo o movimento atirador no seio da colônia polonesa do Brasil até 1922 não era uniformizado, os departamentos trabalhavam separadamente e os efeitos do trabalho dependiam em grande medida principalmente da energia do comandante do destacamento.

O renascimento do Estado polonês e a fundação de uma representação consular polonesa no Brasil em 1920, no maior núcleo de emigrados (estado do Paraná)⁴⁷, tiveram um amplo e positivo eco no seio da colônia polonesa. Motivaram também uma série de iniciativas, tanto no ambiente dos emigrados como inspirados pelo consulado. Entre as iniciativas mais importantes deve ser incluído o

⁴⁶ *Kalendarz Polski Ludu i Przyjaciela Rodziny na rok 1927*. Curitiba, p. 128.

⁴⁷ Os líderes polônicos e o Consulado Geral da Polônia em Curitiba calculavam o número dos poloneses no Brasil nos anos 1927-1938 em cerca de 180-219 mil pessoas. *Emigracja polska...*, op. cit., p. 150.

primeiro encontro dos comerciantes e industriais em Curitiba, em 1922, “que devia criar fundamentos mais amplos para a atividade econômica de todos os emigrados poloneses”⁴⁸. No entanto os efeitos desses empreendimentos organizacionais não eram satisfatórios. W. Breowicz escreve: “Uma fraqueza dos empreendimentos organizacionais da colônia polonesa no Brasil foi sempre a dispersão dos esforços em iniciativas diversas. Por muitos anos não houve uma organização central que dirigisse de forma racional o trabalho das organizações espalhadas. As organizações polônicas eram enfraquecidas geralmente por intrigas de elementos reacionários. Por trás dos atritos e das intrigas políticas escondiam-se com frequência animosidades pessoais”⁴⁹. Por essa razão não se chegou a um acordo entre duas significativas organizações a Cultura (Kultura) e a Instrução (Oświata), o que repercutiu sobretudo na questão das escolas polônicas. No início de 1922 veio a Curitiba, na qualidade de professor, M. B. Lepecki, um ex-oficial das Legiões. Ele encontrou em todo o Brasil meridional uma única equipe de escoteiros e um destacamento de atiradores, que não desenvolvia uma atividade sistemática. A União das Sociedades Polonesas no Brasil Cultura nomeou Lepecki, em fevereiro de 1922, o seu representante para assuntos de educação física⁵⁰. Lepecki iniciou o seu trabalho organizando em Curitiba um curso de instrutores, cujo comandante foi Estanislau Głuszczyński. O curso durou dois meses e foi concluído com um exame diante de uma comissão composta de Głuszczyński e Kretowicz. Ao mesmo tempo, fazendo uso das páginas da imprensa polônica, principalmente do *Aurora* (órgão de imprensa da Cultura: 1918-1921 Ponta Grossa; 1921-1928 Curitiba), publicou uma série de artigos propagando o movimento do tiro. Adotando o princípio de que esforços individuais não trariam o resultado esperado, ele pretendia

⁴⁸ *Polonia w Ameryce Łacińskiej*. Lublin, 1977, p. 52.

⁴⁹ BREOWICZ, W. *Ślady Piasta pod piniorami*. Warszawa, 1961, p. 148.

⁵⁰ *Stadion* n. 4, 22.1.1925, p. 8.

a criação de uma direção uniforme; nesse período, porém, o movimento atirador no Paraná praticamente não existia, de maneira que era preciso começar pela organização das seções. Por isso surgiram em breve, ou renovaram a sua atividade:

Filial n. 1 em Curitiba. Fundada em 10.4.1922, o seu primeiro comandante foi Estanislau Głuszczyński, e a seguir João Grabski, soldado do batalhão de engenharia dos Exércitos Federais. Membros: 95. As reuniões eram feitas num local alugado. Junto à filial existia um coral, um teatro amador, e eram dados cursos educacionais. Em 1922 realizou-se um curso de instrução de dois meses sob a direção de M. B. Lepecki. Em março e abril de 1923, realizou-se um curso de boxe, e no dia 7 de julho daquele ano foi realizada uma competição de ginástica. A filial do Atirador desenvolvia exercícios permanentes.

Filial n. 2 em Guarani. Existia desde 1916. Não possuía um instrutor de tiro e trabalhava exclusivamente na área cultural e educacional.

Filial n. 3 em Araucária. Existiu ali em 1927 por alguns meses o Atirador Polonês, dirigido pelo engenheiro Valeriano Czykiel. Em dezembro de 1922 foi fundada uma nova filial. Inscreveram-se 45 membros. O trabalho era dificultado pela falta de um instrutor.

Filial n. 4 em Rio Claro. Fundada em 1922 por iniciativa de M. B. Lepecki. Membros: 22. A filial possuía um campo de futebol, um campo de basquete e aparelhos de ginástica, junto à Escola A. Mickiewicz. A equipe de futebol realizava jogos. A função de comandante da seção era exercida por Ladislau Szlachta.

Filial n. 5 em Marechal Mallet. Foi fundada pelo capitão M. Fularski no dia 28.4.1923. As atividades esportivo-ginásticas e as aulas realizavam-se sistematicamente sob a direção do fundador. A filial possuía um campo (utilizado conjuntamente com a equipe de escoteiros), uma equipe de futebol e dois pares de luvas de boxe. Número de membros: 17. O comandante era Longino Malinowski.

Filial n. 6 em Ponta Grossa. Foi fundada por iniciativa de Estanislaw Głuszczyński no dia 3.5.1923. Realizava exercícios ginásticos permanentes, excursões e promoveu uma demonstração de ginástica. Membros: 45. O comandante era Estanislaw Głuszczyński⁵¹. Quando já existiam algumas filiais de atiradores, Lepecki entrou em entendimento com Głuszczyński e Estanislaw Szlachta, comandante da I Circunscrição de Escoteiros, com o objetivo de instituir um Comando Geral Provisório de Atiradores e Escoteiros, que surgiu em 1.12.1922 composto das pessoas acima mencionadas⁵².

A primeira atividade do comando era realizar um registro das filiais do Atirador, das equipes de escoteiros e convocar, por intermédio das publicações polônicas, um encontro geral de atiradores e escoteiros em Curitiba para o dia 7.1.1923. O encontro realizou-se na data prevista, com a participação de 15 núcleos polônicos⁵³. Entre as mais importantes decisões do encontro estava a instituição de um Comando Geral comum a ambas as organizações (dos atiradores e dos escoteiros), bem como a unificação da União das Sociedades Esportivas Polonesas, com a preservação de direitos autônomos para cada organização. A questão dos uniformes esportivos e dos escoteiros foi entregue ao Comando Geral. Foram igualmente tomadas as seguintes decisões:

1. Foi instituído o distintivo dos fuzileiros, em forma de um símbolo com as armas da Polônia e do Brasil.
2. Foi enviado um apelo às autoridades polonesas (por intermédio do consulado) pedindo que as organizações da juventude fossem tratadas em igualdade de condições com as organizações educacionais e que lhes fosse proporcionada ajuda.
3. Decidiu-se redigir um órgão próprio de imprensa intitulado *O Esportista Polônês no Brasil*.

⁵¹ *Ibidem*, n. 5-6, 31.3.1924, p. 4-5.

⁵² *Ibidem*, n. 6, 5.3.1925, p. 6.

⁵³ *Strzelec* n. 17, 1923, p. 2-3.

A seguir deu-se início à discussão a respeito do nome até então utilizado de Atirador. Dos pronunciamentos resultava que o apego ao nome Atirador era grande, no entanto foi reconhecida a necessidade da sua mudança, em razão de eventual desconfiança que pudesse despertar nas esferas brasileiras. Foi então decidido mudar o nome Sociedade Esportivo-Ginástica Atirador para Sociedade Esportivo-Ginástica Junak (Jovem Valente). Decidiu-se ainda que o nome Escoteiro seria preservado⁵⁴.

O capitão Miecislau Fularski e o tenente Apolônio Zarychta, que haviam chegado ao Paraná no início de 1923 como professores da escola média em Marechal Mallet, eram oficiais das Legiões. Eles organizaram as primeiras filiais do Junak em diversas cidades paranaenses⁵⁵. Nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1923 realizavam-se cursos para professores das escolas polônicas. O Comando Geral da Sociedade Esportivo-Ginástica Junak entendeu-se com a direção dos cursos com o objetivo de estabelecer horas para aulas teóricas e atividades práticas de educação física. Essas atividades eram dirigidas por A. Zarychta. Nesse mesmo tempo ele assumiu também a direção do curso de boxe junto à filial I do Junak em Curitiba. Através de professores polônicos naquela circunscrição, M. Fularski, diretor da escola média em Marechal Mallet, tinha a possibilidade de propagar o movimento do Junak. As filiais até então existentes do Atirador foram renomeadas como filiais do Junak. No final de maio de 1923 surgiram novas filiais da

⁵⁴ Ibidem, n. 1-2, 31.1.1924, p. 7-8. Também o *Stadion* n. 6, de 5.2.1925, p. 6. “O sonho secreto de Lepecki (fundador do Atirador) e de alguns outros líderes era a transformação da União [Junak - M. S.] numa organização militar” – escreve W. Helman em *Organizacje polonijne w Brazylii*. Warszawa, 1975, p. 8. Para o relacionamento do Junak com o exército polonês chama também a atenção E. Kozłowski, em *Wojsko Polskie 1936-1939. Próba modernizacji i rozbudowy*. Warszawa, 1974, p. 94.

⁵⁵ WÓJCIK, W. Polacy w Brazylii, Argentynie i Urugwaju w XIX i XX w. In: *Dzieje Najnowsze*, n. 2, 1972, p. 94.

Sociedade em Porto União, por iniciativa do ex-comandante da equipe de escoteiros na colônia Norte, João Radecki, e em Irati, por iniciativa de A. Zarychta. Por sua vez em julho e agosto daquele ano surgiram filiais do Junak em Capo Erê Dourado e duas filiais (masculina e feminina) em Cruz Machado. O movimento do Junak tornou-se muito ativo, embaraçado apenas pela falta de instrutores. Uma atividade tão animada na fundação de filiais do Junak não deixou de despertar a atenção tanto dos agentes oficiais brasileiros como da imprensa brasileira. Por exemplo, em junho de 1923, no diário curitibano *Diário da Tarde* foi publicada uma série de artigos acusando Lepecki de “polonizar os poloneses que se assimilavam”, de “um trabalho obscuro por ordem do estado-maior polonês”⁵⁶.

No dia 7.7.1923 a filial do Junak em Curitiba, tendo realizado uma longa preparação sob a direção do Comando Geral, participou de uma competição ginástico-esportiva pública. Pela primeira vez na história da colônia polonesa realizaram-se lutas de boxeadores poloneses – lutaram algumas duplas. O enorme salão público, apinhado de espectadores, assistiu com entusiasmo às competições esportivas dos atletas do Junak. Em razão da sua partida para a Polônia, em abril de 1923 Lepecki entregou a função de comandante do Junak a M. Fularski, que continuou o trabalho com grande energia. Em agosto e setembro o novo comandante viajou para fazer uma inspeção das filiais em Ponta Grossa, Rio Claro e Cruz Machado, pronunciando palestras ilustradas por eslaides. Para dezembro de 1923 o Comando Geral preparou um curso de instrução de duas semanas para os participantes dos cursos para professores em Curitiba, atribuindo a ele bastante atenção, visto que a formação de novos instrutores era uma garantia para a ampliação das atividades. O resultado do trabalho dos anos 1922-1923 expressava-se com o número de 15 filiais do

⁵⁶ *Strzelec* n. 3, fevereiro 1924, p. 4.

Junak e 8 equipes de escoteiros⁵⁷, que desenvolviam uma atividade relativamente sistemática na área esportiva e da educação física. Pela primeira vez equipes de futebol do Junak com as cores polonesas tiveram encontros vitoriosos com clubes brasileiros em Rio Grande, Porto Alegre e São Mateus. Em algumas filiais foi introduzida a esgrima, o boxe, o atletismo, o tênis, mas em todas as filiais a maior popularidade foi conquistada pelo futebol. Os anos 1923-1924 transcorreram para os dirigentes da União das Sociedades Esportivas Polonesas sob o lema da consolidação da organização e do estabelecimento das normas de trabalho. Como escreve R. C. Wachowicz, ao caracterizar o desenvolvimento da vida social no seio da colônia polonesa do Brasil após a I Guerra Mundial, no início dos anos 20, num ambiente de alegria e entusiasmo em razão da recuperação da independência da Polônia, além de círculos da juventude e associações de tiro, começaram a surgir nas colônias polonesas também equipes e grupos escoteiros⁵⁸. Por falta de um número adequado de instrutores, não se consolidou uma organização escoteira independente. As equipes escoteiras, conjuntamente com as filiais do Junak, estavam subordinadas à União das Sociedades Esportivas Polonesas. No entanto foram introduzidas certas mudanças no programa do trabalho escoteiro. Do programa obrigatório na Polônia devia ser eliminado tudo aquilo que em território brasileiro não tinha condições de ser realizado, ao passo que deviam ser enfatizados os elementos da educação escoteira, importantes para indivíduos que viviam em condições pioneiras, em grandes áreas cobertas pela mata tropical. A juventude ingressava de bom grado nas fileiras do escotismo: em fevereiro de 1923 surgiu junto à Sociedade Águia Branca, na cidade do Rio Grande, a equipe escoteira Príncipe J. Poniatowski, e em abril – a equipe J. Piłsudski em Paulo Frontin, no Paraná. As

⁵⁷ *Ibidem*, n. 7, 20.4.1924, p. 3.

⁵⁸ *Emigracja polska...*, op. cit., p. 196.

equipes seguintes foram fundadas em Irati, Cruz Machado, Curitiba e outras localidades. Em setembro, no primeiro navio polonês – o “Lwów” – que chegou ao litoral brasileiro, apresentaram-se os delegados da União do Escotismo Polonês Hlasko e Bohdan Pawłowicz⁵⁹. Aproveitando a vinda deles, o Comando Geral da União das Sociedades Esportivas Polonesas deu início à instituição do Círculo dos Amigos do Escotismo. O projeto, apoiado pelo cônsul Zbigniew Miszke, assumiu um formato real no dia 2.5.1923. Como presidente da diretoria do Círculo foi escolhido o cônsul polonês em Curitiba, e o programa de atividade adotado assemelhava-se aos programas existentes na Polônia.

Os primeiros instrutores escoteiros foram fornecidos pelos cursos preparatórios em 1924, que foram concluídos por mais de 40 pessoas, principalmente professores que, tendo-se espalhado pelas colônias polonesas nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tornaram-se os inspiradores do movimento organizacional entre os jovens. Em 1924 surgiu uma nova equipe escoteira na colônia de Dom Feliciano, graças aos empenhos do grande amigo da juventude pe. Zajkowski, uma equipe em Apucarana e uma filial em Capo Erê. No entanto o trabalho escoteiro não se desenvolveu em maior escala, em razão da falta de instrutores, da falta de um comando específico apenas para as equipes escoteiras, bem como em razão do desenvolvimento e da difusão do esporte, que atraía a juventude nas filiais cada vez mais numerosas do Junak. No dia 13.5.1924 realizou-se em Marechal Mallet o I Encontro Regional das Sociedades Esportivas Polonesas. Além dos delegados, vieram para o encontro numerosos convidados, entre os quais o cônsul Z. Miszke e o redator do *Świt* (Aurora) e professor da Universidade do Paraná Simão Kossobudzki. Os debates foram abertos pelo comandante M. Fularski, após o que foi lido o relatório do Comando Geral, do qual

⁵⁹ *Stadion* n. 8, 19.2.1925, p. 5.

resultava que, graças à sistemática ação itinerante dos instrutores, evidenciou-se o desenvolvimento da organização. Obtiveram um resultado positivo também a propaganda realizada pelo Comando Geral, os cursos de instrução em Curitiba e Rio Grande, as palestras e os treinamentos das filiais nas diversas localidades habitadas por um número significativo de colonos poloneses. No período abrangido pelo relatório demonstraram uma atividade maior: a filial do Junak em Marechal Mallet, em especial o seu círculo dramático, bem como o clube de tênis, que promovia treinos permanentes na filial, a seguir a filial do Junak n. 1 em Curitiba, a filial em Capo Erê e a equipe escoteira em Paulo Frontin. Em seguida foi lido o projeto das normas de cooperação do Comando Geral com a União de Atiradores e a União dos Escoteiros Poloneses na Polônia. O Comando Geral comprometeu-se a empreender esforços com o objetivo de possibilitar que alunos formados no Colégio N. Copérnico em Marechal Mallet pudessem realizar estudos na Polônia, para que eles pudessem ao mesmo tempo concluir adequados cursos escoteiro-esportivos e, após a volta ao Brasil, trabalhar nas organizações da juventude.

Como diretrizes para o trabalho subsequente adotou-se:

“1. A estreita colaboração na área cultural e educacional com a União das Sociedades Cultura, com a União Profissional dos Professores e, na Polônia, com a União dos Fuzileiros, com a União do Escotismo Polonês, com a Sociedade Colonial, etc.

2. O esforço para pôr em prática as atuais exigências da educação física no âmbito do programa elaborado pelo cidadão Zarychta e incluído no programa para as escolas polonesas no Brasil.

3. A propaganda pela imprensa.

4. A organização de um curso de instrução durante as férias – eventualmente de um acampamento itinerante.

5. A organização de jogos, demonstrações de ginástica, competições, apresentações teatrais e jogos anuais em Curitiba.

6. A criação de uma seleção de futebol polonês para a América do Sul.

7. A criação do cargo de instrutor itinerante permanente”⁶⁰.

Diante da partida para a Polônia dos então dirigentes dos trabalhos do Junak, Fularski e Zarychta, o Encontro confiou as obrigações de dirigente da organização a Ladislau Szlachta.

Houve um esforço para nos anos seguintes pôr em prática as resoluções tomadas no primeiro encontro do Junak. O âmbito da atividade e da difusão do esporte ampliou-se significativamente a partir do momento em que em 1928 o Junak aderiu à Federação Esportiva Paranaense. Eram organizadas competições em jogos esportivos, competições de atletismo e de tiro. Gozavam de uma grande popularidade dos competidores e dos espectadores as tradicionais corridas, das quais participavam tanto esportistas polônicos como de outras nacionalidades. Desde então o Junak participou praticamente de todas as competições amadoras organizadas na cidade. As filiais de fora de Curitiba também se juntaram à corrente do desenvolvimento da vida esportiva no Brasil. O significado do Junak foi assim avaliado pelo diário *Gazeta do Povo* do dia 20.7.1932: “Não resta dúvida de que a Sociedade Esportiva Junak é a organização que mais contribui para o desenvolvimento do atletismo no Paraná”⁶¹.

No início de 1928 foi empreendida uma tentativa de ativar o escotismo polônico. Em meados de março daquele ano chegou ao Rio de Janeiro o chefe de escoteiros Stefan Łoś, enviado pelo Comando Geral do Escotismo Polonês e em entendimento com o Ministério das Religiões e da Instrução Pública, do qual obteve certos recursos financeiros em razão da projetada ação cultural e educacional na área doo escotismo em meio à juventude polonesa

⁶⁰ *Strzelec* n. 13-14, 1.8.1924, p. 15-16.

⁶¹ Apud *Emigracja polska...*, op. cit., p. 225.

no Brasil⁶². O mestre de escoteiros Łoś iniciou a sua atividade estabelecendo contato com o escotismo brasileiro na área do Rio de Janeiro e a seguir dirigiu-se ao Paraná. O Consulado Geral da Polônia em Curitiba apoiava a ação escoteira, visto que a juventude polônica muitas vezes dedicava os momentos livres de tarefas a diversões de valor duvidoso, participava de bailes dos adultos ou atuava em sociedades não polônicas, submetendo-se dessa forma ao processo de assimilação. Como demonstrava a experiência dos anos passados, o escotismo despertava o interesse da juventude, fortalecendo o seu sentimento nacional. Na sua correspondência com o Ministério das Relações Exteriores, o cônsul polonês em Curitiba enfatizava como importante “que no período organizacional se possa garantir a cooperação do Sr. Łoś, até o momento em que o escotismo aqui se consolide firmemente”⁶³.

S. Łoś interessou pelo trabalho escoteiro sobretudo a juventude agrupada na associação de estudantes poloneses Sarmátia, junto à Universidade do Paraná em Curitiba. Palestras sobre a Polônia, sobre acampamentos escoteiros e sobre a participação do escotismo polonês na atividade escoteira na arena internacional contribuíram para a finalização de um projeto de fundação de um grupo composto de alunos do ginásio brasileiro em Curitiba. Ao mesmo tempo iniciou a sua atividade um grupo escoteiro no Colégio H. Sienkiewicz. S. Łoś pronunciou uma série de palestras, principalmente sobre a temática do escotismo, durante um curso para professores em Irati. Encontrou ali um ex-escoteiro da Polônia, Antônio Śliwiński, a quem preparou para exercer a função de instrutor. Até o final de 1928 S. Łoś realizou um curso para chefes de grupos, e em janeiro de 1929 organizou um

⁶² AAN zesp. Ministerstwa Spraw Zagranicznych (a seguir MSZ), n. 10.949, fl. 8. S. Łoś recebeu certos recursos financeiros do Ministério das Relações Exteriores, interessado pelo desenvolvimento do trabalho com os jovens entre os emigrados.

⁶³ Ibidem, fl. 15.

acampamento de duas semanas aliado a um curso de escotismo para professores. Aos poucos ia estimulando ao trabalho autônomo o Śliwiński, de maneira que, quando em abril de 1929 partiu para a Polônia, as equipes de escoteiros possuíam um instrutor. Os escoteiros em breve receberam uniformes e assim vestidos participaram de várias solenidades polônicas em Curitiba. Algo que dificultava o trabalho das equipes era a falta de uma sede dos escoteiros. “No entanto resolvemos a questão quando nas proximidades de Curitiba encontrei um lugar ideal, que se prestava para um acampamento. E agora, todos os domingos os meninos irão até ali para o dia inteiro, serão construídos equipamentos permanentes, campos, etc.”⁶⁴ – escrevia S. Łoś no relatório da sua atividade a Varsóvia.

No final de 1929 existiam em território brasileiro 1 equipe e 4 grupos em Curitiba, compondo-se de 32 escoteiros. O chefe dos escoteiros era A. Śliwiński. Existia também uma equipe em Marechal Mallet, composta de 40 escoteiros, dirigida por J. Socha. Além de encontros de temática escoteira, as equipes organizavam muitas vezes exercícios ginásticos e promoviam excursões aos subúrbios⁶⁵. Desempenhou algum papel na popularização do escotismo a imprensa polônica. Por exemplo, o n. 7-8 de julho-agosto de 1928 de *Nasza Szkółka* (Nossa Escolinha), uma revista mensal dedicada a jovens e crianças, foi totalmente dedicado ao escotismo.

Nos anos 30 a ação escoteira não realizou, no entanto, maiores progressos, apesar da proteção do Consulado da Polônia em Curitiba, da parte do qual prestava assistência às equipes o chefe de escoteiros Venceslau Kulesza.

⁶⁴ Ibidem, fl. 34.

⁶⁵ Wojew. Arch. Państwowe K-ce Urz. Wojew. Śląski. Wyd. Prez., n. 1.736. Sprawozdanie Wydziału Zagranicznego Głównej Kwatery Męskiej [ZHP - M. S.] za czas od 1.I do 31.XII.1929.

Além das filiais do Junak e das equipes escoteiras, começaram a surgir clubes esportivos poloneses. Por iniciativa da Legação Polonesa no Rio de Janeiro, foi fundado o clube esportivo Polônia, em São Paulo. Dirigindo-se ao Ministério das Relações Exteriores em Varsóvia no início de agosto de 1928 com um pedido de subvenção para a sua atividade corrente, a diretoria do clube escrevia que o objetivo do Clube Esportivo Polônia, “além da educação física e moral da juventude polonesa no Brasil, é também o trabalho social para o bem do nome polonês no exterior, a ajuda aos emigrantes, o desenvolvimento das escolas polonesas, a publicação de um jornal de propaganda polono-brasileiro e a realização de um trabalho de educação geral, bem como o combate aos elementos que buscam desacreditar os postos governamentais poloneses”⁶⁶.

A criação, em 1929, do Conselho Organizacional dos Poloneses no Exterior aumentou o interesse do lado polonês pelo esporte polônico, da mesma forma que em consequência intensificou-se a ajuda da Polônia aos núcleos polônicos, tendo em vista a realização da concepção política do Ministério das Relações Exteriores em relação aos poloneses no exterior, que tinha por objetivo a união das aglomerações polônicas nos diversos países em que se encontravam e a sua subordinação à política emigratória do governo polonês. Em julho de 1930 foi elaborado pelo Ministério dos Assuntos Militares e pelo Departamento Estatal da Educação Física e da Preparação Militar um projeto comum que visava ao empreendimento de um trabalho sistemático de educação física entre os emigrados poloneses na América do Sul. Esses organismos

⁶⁶ AAN. MSZ, n. 10.914, fl. 8. O Ministério das Relações Exteriores comunicou em resposta: “Em razão de esgotamento de todos os recursos, o MRE não poderá atender ao pedido acima”. Ibidem, n. 2. Vale a pena assinalar que o trabalho relacionado com a fundação do primeiro clube esportivo polônico havia sido iniciado no Rio de Janeiro, em 1923, pelo cap. M. Fularski, porém sem resultado. *Strzelec* n. 3, 1923, p. 3.

comprometeram-se a organizar naquele ano um curso de instrução em educação física no Brasil com a seguinte composição: 1 oficial-diretor do curso e 3 suboficiais instrutores. Esse organismo, como um órgão do trabalho do conselheiro emigratório para a América do Sul, agindo de acordo com as diretrizes dos organismos acima citados, teria como tarefa organizar a educação física e o esporte em meio aos emigrados poloneses no Brasil. O projeto acima foi analisado com o Ministério das Relações Exteriores e, redigido em sua forma definitiva, foi encaminhado para a realização. Nas diretrizes desse órgão de instrução em educação física no Brasil chamava-se a atenção para o fato de “agir no sentido de apoiar ou criar associações pouco numerosas mas fortes, capazes de desenvolvimento (...). Um especial apoio deve ser dedicado ao escotismo (...). Nos ambientes escolares deve-se organizar a educação física de forma adequada ao nível e à área escolar”⁶⁷. Como instrutores, foram delegados ao Brasil o tenente-aviador Conrado Sadowski e o sargento Stefan Dobrzanski. Após a sua vinda ao Brasil, Sadowski, como diretor do curso de instrução em educação física, concentrou o seu trabalho na organização mais forte, isto é, no Junak. O curso de instrução em educação física dava atenção não apenas a que as sociedades esportivas atingissem resultados cada vez melhores, mas também à educação moral da juventude, buscando consolidar nela a consciência da nacionalidade pela propagação da leitura, pela difusão da cultura, pela ajuda prestada às escolas polônicas, pela organização de instituições de autoajuda e agrícolas. Um dos fatores importantes que atraía a juventude polônica era o teatro amador. O curso de instrução em educação física propagava amplamente a ideia da fundação de teatros juvenis em todos os núcleos polônicos, ajudando muitas vezes na construção e manutenção de palcos teatrais, que em 1932

⁶⁷ AAN, MSZ, n. 10.914, fls. 17-18.

já existiam em número de 5, construídos por iniciativa da juventude, com a ativa colaboração da coletividade mais velha.

As facções conservadoras da emigração, bem como as autoridades polonesas que se dedicavam a questões da política emigratória, buscavam a preservação a todo custo “do polonismo, bem como do isolamento das aglomerações polônicas das coletividades brasileiras”⁶⁸. As sociedades esportivas polônicas preservavam o polonismo, desenvolviam o patriotismo, fortaleciam os vínculos com a Polônia unindo a atividade esportiva com a atividade cultural e educacional, a difusão de conhecimentos sobre a Polônia, a propagação de excursões à velha Pátria. Contribuíam também para a unificação da colônia polonesa através de um sistema de competições e disputas esportivas. Por outro lado, no entanto, os contatos esportivos estabelecidos com as equipes locais tinham certo significado no rompimento das barreiras do isolacionismo. Esse fato era avaliado de formas diversas, e até criticamente, especialmente pelos partidários da separação da comunidade polonesa da sociedade do país em que se havia estabelecido. Chama a atenção para isso o autor de um artigo publicado no *Jornal Polônês no Brasil* do dia 10.11.1932, escrevendo: “Que durante as competições a nossa juventude entra em contato com outras nacionalidades, vemos nisso antes um lado positivo que negativo. Separar-se por uma muralha da China da sociedade local é algo impossível, e até seria prejudicial criar algo em forma de um ‘gueto’ polônês, sendo também uma ingratidão para com o país que nos acolheu”⁶⁹. Uma avaliação do trabalho relacionado com a instrução em educação física em território brasileiro foi realizada durante uma conferência que se realizou no dia 6.5.1932 em Varsóvia, com a participação do diretor do Departamento Nacional de Educação Física e da Preparação Militar coronel W. Kaliński, do

⁶⁸ *Polonia w Ameryce Łacińskiej*, op. cit., p. 52-53.

⁶⁹ *Apud Sport i Wychowanie Fizyczne* n. 12, dezembro 1932, p. 13.

cônsul em Curitiba Dr. Roman A. Staniewicz e do vice-cônsul T. Cybulski. Pedindo a palavra, o cônsul Staniewicz afirmou que o relacionamento dos instrutores de educação física com o Consulado até então existente era bastante frouxo, visto que, de acordo com as normas, a autoridade superior dos instrutores era o conselheiro de emigração junto à Legação Polonesa em Buenos Aires, o que provocava divergências essenciais no conjunto da atividade dos agentes oficiais poloneses no Brasil. Acreditando que a situação da época existente no Paraná exigia a mais estreita colaboração de todos os elos oficiais poloneses, postulava tornar independente o serviço de instrução física do Consulado da Polônia em Curitiba, tanto em questões organizacionais como instrucionais. Assinalava que não se tratava de “exercer qualquer influência nos métodos ou na técnica de treinamento, mas de envolver em formas mais homogêneas a organização do conjunto do trabalho polonês”⁷⁰. Baseando-se na opinião do conselheiro para assuntos emigratórios M. Pankiewicz, avaliou de forma positiva os resultados do trabalho do instrutor de educação física K. Sadowski, assinalando no entanto que a revelação da parte dele de ligações com o exército polonês, da mesma forma que o estabelecimento de “um contato demasiadamente estreito com o corpo de oficiais no Brasil estava servindo para desvendar a nossa atividade naquela região”⁷¹. O trabalho dos instrutores de educação física devia relacionar-se apenas com a educação física, sem envolvimento na política interna do país. Sugeria que no futuro os instrutores de educação física que viajassem ao Paraná não revelassem a sua ligação de fato com o exército. Os argumentos do cônsul Staniewicz convenceram Kiliński, que os aceitou sem restrições. Em forma de decisões na conferência acima, alguns dias depois ocorreu o acerto de uma posição comum do Ministério das Relações Exteriores e do

⁷⁰ AAN, MSZ n. 10.914, fl. 43.

⁷¹ *Ibidem*, fl. 44.

Departamento Nacional de Educação Física em relação aos instrutores de educação física e da preparação militar em Curitiba nos seguintes itens:

“1. A Instrução de Educação Física e de Preparação Militar em Curitiba, cuja autoridade superior era até agora o Sr. Conselheiro Emigratório em Buenos Aires, será subordinada ao Consulado Geral da Polônia em Curitiba.

2. O trabalho da Instrução em Educação Física e da Preparação Militar deve ser estritamente educacional e manter-se distante de qualquer ação política na área”⁷².

A respeito da decisão acima, o diretor do Departamento Nacional de Educação Física e de Preparação Militar deu ciência a Sadowski através de uma carta de 10.5.1932. Na prática isso significava a extensão de uma assistência consular mais plena sobre a juventude polônica no Brasil. Cumpria um importante papel no processo da organização e integração da vida polônica no Brasil a União Central dos Poloneses, fundada no dia 23.6.1930 por iniciativa de líderes locais, participantes do I Encontro dos Poloneses do Exterior (Varsóvia, 1929). A União Central devia representar os emigrados poloneses no Brasil diante do Conselho Organizacional dos Poloneses no Exterior. Do encontro de fundação da União Central dos Poloneses tomaram parte delegados de 35 sociedades e numerosos convidados. Por sua vez em 1933 a União estaria congregando 350 sociedades que somavam 10 927 sócios, inclusive as 47 filiais do Junak contando 1 737 sócios⁷³. W. Rómmel distingue na estrutura organizacional da União Central dos Poloneses os chamados departamentos: industrial e comercial, juvenil, de assistência social, de cultura e agrícola, substituído em 1933 pela União Profissional dos Agricultores Poloneses⁷⁴. W.

⁷² Ibidem, fl. 48.

⁷³ Com base em B. Żabko-Potopowicz. *Osadnictwo polskie w Brazylii*. Warszawa, 1936.

⁷⁴ *Polonia w Ameryce Łacińskiej*, op. cit., p. 66.

Helman escreve: “A atividade da União Central dos Poloneses no Brasil envolvia três áreas básicas – esportivo-recreativa, sócio-assistencial e cultural-editorial”⁷⁵. A União era apoiada pelo Conselho Organizacional dos Poloneses no Exterior e pelo Ministério das Relações Exteriores, bem como apoiada financeiramente por intermédio do Consulado em Curitiba. “Graças ao surgimento (...) da União Central dos Poloneses no Brasil, que congregava os esforços das organizações sociais – a educação da juventude nessa área desenvolveu-se” – escrevia-se em *Esporte e Educação Física*, um suplemento do *Polonês no Exterior*, publicado pelo Conselho Organizacional dos Poloneses no Exterior⁷⁶.

No decorrer dos anos 1931-1932 o desenvolvimento do departamento esportivo da União dos Poloneses no Brasil foi notável. Em abril de 1931 (quando se realizou a primeira assembleia da União), não existiam ainda as circunscrições de educação física, e já em 1.5.1932 essas circunscrições eram 5, com 38 setores de treinamento, com um número de 1 068 pessoas que praticavam o esporte (diante dos 16 setores e das 280 pessoas que se exercitavam em 1931). Na medida do desenvolvimento, o departamento construía novos campos e praças de exercícios. Gozava da maior popularidade o vôlei, que em 13 setores era praticado por mais de 100 pessoas. O departamento da juventude não se ocupava apenas da educação física, mas inteligentemente envolvia na ação da popularização da educação física a sua atividade cultural e educacional. Como já foi mencionado, dos trabalhos da União Central dos Poloneses participou também a Sociedade Esportiva Junak, que no dia 23.10.1931 comemorou em Curitiba o décimo aniversário da sua existência⁷⁷. Nessa ocasião o departamento da juventude da União Central, sob a direção do instrutor K. Sadowski, organizou o Dia Esportivo do Junak. Na programação foi

⁷⁵ HELMAN, W. *Organizacje polonijne...*, op. cit., p. 9.

⁷⁶ *Sport i Wychowanie Fizyczne* n. 8, agosto 1932, p. 11.

⁷⁷ AAN, MSZ n. 3.644, fl. 8.

prevista uma corrida de rua numa distância de 3 500 m, bem como disputas de vôlei e basquete. Além do Junak, da corrida e das demais disputas participaram 15 sociedades esportivas de Curitiba. O patrocínio das solenidades foi assumido pela Federação Esportiva Brasileira, da qual faziam parte quase todas as sociedades esportivas no Paraná. O interesse da Federação pelo aniversário local da minoria polonesa resultava de uma avaliação positiva do esporte polônico da parte do seu presidente Hermínio da Cunha Cezar, no que haviam cumprido algum papel os empenhos do Consulado da Polônia em Curitiba. A competição principal, a corrida pelas ruas de Curitiba, que foi ganha por atletas do Junak, foi vista por milhares de espectadores. Igualmente as competições de vôlei e basquete reuniram o número recorde de cerca de 1 000 pessoas, não apenas poloneses, mas também representantes de outras nacionalidades. Os prêmios, patrocinados pelo legado polonês no Brasil e por consulados, foram entregues aos vencedores de forma solene, aos acordes do hino nacional polonês e brasileiro.

A organização do Dia Esportivo do Junak, que transcorreu de forma muito eficiente, independentemente dos resultados alcançados durante as competições, cumpriu um grande papel na área da propaganda do polonismo entre os jovens. Isso tinha um significado tanto maior porque, como escrevia o cônsul de Curitiba ao Ministério das Relações Exteriores – “nos últimos anos a Sociedade Junak decaiu, os melhores atletas se transferiram a outros clubes e nas competições lutam contra nós. Atualmente está se desenvolvendo em ritmo acelerado e existe a esperança de que poderá ser possível atrair de volta os ‘desertores’.”⁷⁸

A partir do momento em que foi estabelecido um relacionamento mais estreito da instrução de educação física com o Consulado em Curitiba, a organização realmente registrou um desenvolvimento significativo. Nos maiores núcleos polônicos do

⁷⁸ Ibidem, fl. 11.

Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul começaram a surgir organizações esportivas com o nome de Junak. Ocorreu a necessidade de uni-las e unificá-las, bem como de submetê-las a uma direção homogênea. Com esse objetivo realizou-se no dia 23.4.1932 um encontro do Junak em Marechal Mallet. Foi instituído então o Conselho Superior do Junak (CSJ), bem como foi estabelecido que, além do esporte, as filiais do Junak se dedicariam a assuntos sociais e culturais. Uma das recomendações do encontro recomendava: “Os sócios [do Junak - M. S.] devem se empenhar para que em seu ambiente não haja analfabetos, cuidar da manutenção das escolas nas colônias, bem como trabalhar pela formação do espírito, da vida social e cultural das próprias organizações”⁷⁹. No momento da realização do encontro já existiam 19 sociedades do Junak agrupadas em diversas circunscrições, e 10 novas filiais estavam sendo organizadas. O Conselho Superior do Junak compunha-se de elementos de todas as circunscrições do Junak e de outras pessoas. O Conselho decidia a respeito de todos os planos organizacionais básicos da organização, aceitava e confirmava os programas de trabalho, aprovava os relatórios anuais das filiais, etc.

A partir da criação do Conselho Superior do Junak, da subordinação da instrução física ao consulado em Curitiba e da assistência da União Central dos Poloneses proporcionada à atividade esportiva, não havia domingo ou feriado em que nas diversas colônias polonesas não se realizassem competições de vôlei, de futebol ou campeonatos de atletismo. Além disso, com frequência cada vez maior o programa esportivo era inserido em solenidades de outro caráter. Nos primeiros meses de 1932, em Lagoa das Almas realizou-se um encontro da juventude, durante o qual os delegados das sociedades conclamavam a juventude à instrução e à organização em sociedades, para que dessa forma os

⁷⁹ *Emigracja polska...*, op. cit., p. 225.

poloneses, unidos entre si, pudessem mais facilmente atingir a educação e o bem-estar e assumir posições mais elevadas na hierarquia social. Uma atração do encontro foram apresentações de ginástica sueca executada por moças, alunas do internato local, enquanto a juventude masculina jogou uma partida de vôlei.

A instituição da União Central dos Poloneses não eliminou, no entanto, as disputas entre os emigrados. O Conselho Organizacional dos Poloneses no Exterior estava propenso a enxergar a fonte dessas disputas nos desentendimentos existentes nos núcleos emigratórios⁸⁰. Mas essa não era a fonte única. Em muitos casos, para incitar os desentendimentos entre as diversas facções dos emigrados contribuiu a política emigratória do Ministério das Relações Exteriores. O mesmo acontecia também no caso das diferenças existentes nas posições dos líderes polônicos a respeito do desenvolvimento da educação física no seio da colônia polonesa no Brasil. Certamente não penetrou na essência da questão W. Rómmel quando escreveu: “O fato é que a criação do Junak estimulou à organização, em 1927, da União da Juventude do Interior. Em período posterior (1932), ocorreu aliás a união de ambas as organizações”⁸¹. Essa “união” não ocorreu com o acordo de ambas as organizações, mas foi a consequência de um processo de fundamentação mais profunda. Para os dias 7-8.1.1928 foi convocado para Curitiba um encontro da juventude, cujo objetivo principal era a instituição da União dos Círculos da Juventude no Brasil. Para o encontro vieram 54 delegados, representando 1 115 sócios reunidos em 33 círculos da juventude. No momento da fundação da União Central dos Poloneses, a direção do trabalho com a juventude foi assumido pelo departamento da juventude dessa instituição. O modelo do estatuto do Círculo da Juventude continha no seu artigo 1 a seguinte formulação: “A juventude da

⁸⁰ *Sprawozdanie Rady Organizacyjnej Polaków z Zagranicy za czas od dnia 1.XI.1932 do 1.XI.1933*. Warszawa, 1933.

⁸¹ *Polonia w Ameryce Łacińskiej*, op. cit., p. 53.

colônia (...) reúne-se no Círculo da Juventude visando ao trabalho comum para a elevação no aspecto intelectual, cultural, físico, social e cívico. Um objetivo adicional do Círculo é a ajuda à Sociedade local na criação de uma escola”⁸². No estatuto dos Círculos da Juventude tem sido dada ênfase especial ao cultivo da cultura polonesa, reconhecendo-se o esporte como um fator que atrai a juventude ao trabalho multidirecionado no Círculo. No dia 6.11.1932, a União Central dos Poloneses enviou ao Ministério das Relações Exteriores, ao Departamento Nacional de Educação Física e de Preparação Militar e ao Conselho Organizacional dos Poloneses no Exterior uma correspondência relacionada com a vida da juventude polônica, com os trabalhos do departamento da juventude da União e da atividade nessa área do instrutor de educação física, K. Sadowski. Lemos nessa correspondência: “Antes que tivéssemos experimentado a proteção das autoridades polonesas na nossa vida social, ou seja, muito antes do surgimento do primeiro posto consular polonês em Curitiba, na medida das nossas forças não apenas instituímos escolas polonesas, mas organizamos numerosas sociedades da juventude, cujo objetivo era o cultivo da cultura polonesa através de corais nacionais, teatros amadores, etc., ao mesmo tempo em que, na medida das forças e das necessidades, também era propagado o esporte (...). Percebemos a destruição do nosso patrimônio na área da vida da juventude no fato de que, desde a vinda do Sr. Sadowski como instrutor de educação física, ele iniciou a sua atividade transformando as associações existentes de caráter cultural-esportivo em filiais do Junak como uma organização exclusivamente esportiva (...). Sadowski, tendo-se apoderado, como instrutor de educação física, da área do esporte exclusivamente em prol do Junak, destrói o trabalho do Departamento da Juventude da União Central dos Poloneses e procura afastar da União as filiais do

⁸² AAN, MSZ, n. 10.914, fl. 107.

Junak centralizando-as no Conselho Superior do Junak como uma instituição eminentemente partidária”⁸³. A União exigiu o afastamento de Sadowski do cargo ocupado, tornando dependente dessa decisão o relacionamento da União com as autoridades polonesas. As instituições interessadas acertaram em breve uma posição comum em relação às questões abordadas na carta e, através de uma carta do dia 4.1.1933 ao Consulado Geral da Polônia em Curitiba, o Ministério das Relações Exteriores, recomendou que a carta da União fosse devolvida sem ser analisada, comunicando que “exigências em forma de ultimatoss ou contendo qualquer tipo de ameaças não podem ser levadas em consideração pelo Ministério”⁸⁴. Em razão do ulterior desenvolvimento do Junak, da incorporação dos círculos da juventude da União e da subordinação dos departamentos do Conselho Superior do Junak, que não mantinha contatos com a União, em meados dos anos 30 o departamento da juventude dessa organização praticamente deixou de existir⁸⁵.

O Junak ia alcançando sucessos cada vez maiores. Foi o vencedor, por exemplo, numa grande competição que se realizou em 1932 em Curitiba, com a participação de todas as organizações esportivas locais. O Junak alcançou 60 pontos e ficou na frente do clube alemão Teuto (36 pontos) e do clube brasileiro Coritiba (4 pontos).

Os encontros e os jogos assumiam muitas vezes um caráter manifesto de congressos, aliados a apresentações de teatros amadores. Tais eventos realizavam-se em muitas colônias polonesas, p. ex. em Teresina, Apucarana, Ervalzinho. Um observador ou participante desses encontros reconhecia: “Esses encontros em campos esportivos e as recepções que organizam as equipes umas para as outras possuem um caráter tão

⁸³ Ibidem, fl. 110.

⁸⁴ Ibidem, fl. 114.

⁸⁵ *Gazeta Polska w Brazylji*, n. 2, 10.1.1937, p. 4.

profundamente polonês, caracterizam-se por uma hospitalidade popular tão profunda que facilmente se pode ter a ilusão de que não nos encontramos em terra estrangeira há anos, mas apenas em alguma velha aldeia polonesa”⁸⁶.

Cumpriam um papel importante na área da preparação de organizadores de competições esportivas e de comandantes de grupos os cursos de educação física dirigidos pelo Junak. O primeiro desses cursos realizou-se em Marechal Mallet nos dias 27.12.1931 a 24.1.1932, nas seguintes áreas: educação física, canto, teatro, agricultura, informações sobre a Polônia. Do número total de 178 horas de atividades, para a educação física foram dedicadas 139, sendo que 30 horas couberam à ginástica, 48 – a jogos esportivos, 27 – ao atletismo, 8 – ao boxe, além de 5 horas de aulas teóricas. No período da duração do curso foram organizadas duas excursões: uma – aliada a treinamento em marcha e outra – com o objetivo de participar de uma festa de clubes esportivos brasileiros em Porto União. O grande interesse da juventude era testemunhado não apenas pelo número de 58 participantes, mas também por 9 excursões da juventude polônica de diversas colônias, que vieram a Marechal Mallet para participar das atividades desenvolvidas. Cursos semelhantes realizaram-se nos anos seguintes. A experiência adquirida possibilitava o enriquecimento do programa escolar e um transcurso mais eficiente dos cursos.

Como observa R. C. Wachowicz, foi crucial para o Junak o ano de 1934, quando os atletas polônicos começaram a alcançar uma série de sucessos em escala paranaense e até brasileira⁸⁷. Entre os maiores sucessos esteve a vitória em todas as disciplinas esportivas durante a competição no Festival da Liga Curitibana dos Esportes Atlético, ou a participação de 9 membros do Junak na Olimpíada Brasileira (15.12.1934), na qual, representando o Paraná,

⁸⁶ *Sport i Wychowanie Fizyczne*, n. 12, novembro 1932, p. 13.

⁸⁷ *Emigracja polska...*, op. cit., p. 226.

todos alcançaram nas competições de atletismo o título de campeões ou vice-campeões. Títulos de campeões do Brasil foram conquistados por: José Wiśnik na corrida de 12 quilômetros e Leszek Roguski na corrida de 400 metros com obstáculos. Um sucesso esportivo não menor, mas também propagandístico, foi alcançado pelo Junak no dia 20.5.1934, quando ganhou a corrida de revezamento pelas ruas de Curitiba na distância de 3 800 metros, que foi patrocinada pela Liga Atlética Paranaense. Nessa competição foram vencidas as equipes alemãs e brasileiras. Como um atleta talentoso e versátil apresentou-se naquela época José Wiśnik, atleta, jogador de vôlei e basquete, bem como exímio atirador. Em junho de 1935, por ocasião do 49º aniversário da Sociedade Alemã de Tiro, realizou-se em Curitiba um campeonato de tiro ao alvo na distância de 150 metros. Saiu-se vencedor J. Wiśnik, tendo superado decididamente todos os competidores, entre os quais se encontrava o campeão do Paraná. No entanto os maiores sucessos alcançados por Wiśnik ocorriam nas corridas de longa distância. Vale a pena assinalar que esse competidor começou a praticar o esporte em clubes brasileiros, mas, com o desenvolvimento do Junak, transferiu-se para essa organização. Nem todos os atletas polônicos ligados com o esporte brasileiro procediam da mesma forma. Muitos deles alcançavam significativos sucessos em clubes brasileiros. Por exemplo, na regata de remo anual, realizada em Porto Alegre em 1932, nas equipes vencedoras de clubes brasileiros apresentaram-se os poloneses Eduardo Groński, Pedro Najewski e Tadeu Paprocki⁸⁸. Mas a maior fama foi alcançada por dois jogadores de futebol: o goleiro Tadeu Boguszewski e o atacante Rodolfo Barteczko, que se apresentaram muitas vezes na seleção brasileira, inclusive durante a copa do mundo na França em 1938. Ambos iniciaram a sua carreira mundial no Junak curitibano.

⁸⁸ *Sport i Wychowanie Fizyczne*, n. 6, maio 1932, p. 14.

Representantes da colônia polonesa do Brasil participaram dos I Jogos Esportivos dos Poloneses no Exterior e da Cidade Livre de Gdańsk, que se realizaram nos dias 1-8.8.1934 em Varsóvia, por ocasião do II Congresso dos Poloneses do Exterior. Participaram dessa competição esportiva 348 competidores e 33 competidoras. O Conselho Superior do Junak estava preparando a ida à Polônia de 15 atletas, no entanto não foi possível conseguir os recursos necessários e, por isso, nesses Jogos a colônia polonesa do Brasil foi representada por apenas dois atletas, Domański e Roguski, que chegaram às semifinais⁸⁹.

O esporte e a educação física com frequência cada vez maior encontravam o seu reflexo nas páginas da imprensa polônica. Principalmente o *Jornal Polônês no Brasil* em todos os números informava a respeito das competições do Junak, dos sucessos alcançados, dos cursos realizados para instrutores, e numa série de artigos propagava o esporte. Além disso, a colônia polonesa do Brasil editava publicações esportivas especializadas. A primeira delas foi o *Sportowiec Polski w Brazylii* (O Esportista Polônês no Brasil), Curitiba, 1922, editada pelo comando do Atirador. Posteriormente, nos anos 1929-1930, foi publicado em Porto Alegre o *Sportowiec* (O Esportista). Em 1937 estava sendo publicada em Curitiba a revista mensal *Młody Parańczyk* (O Jovem Paranaense), fundada e redigida pela juventude do Colégio H. Sienkiewicz e do Internato Masculino da União Central dos Poloneses. Essa publicação abordava também a temática esportiva. Por exemplo, no número 3-4 de novembro-dezembro de 1937 fez uma análise dos sucessos das eminentes atletas polonesas Jadwiga Wajs e Stanisława Walasiewicz. Fez também um relato do campeonato de atletismo do Paraná.

O *Młody Parańczyk* foi publicado apenas por um ano. Desde janeiro de 1938 era publicado em Curitiba o *Junak*, órgão da

⁸⁹ AAN, SZPiZ, n. 442, fl. 48.

Sociedade de Educação Física Junak. O *Młody Parańczyk* foi assumido pela nova publicação. O *Junak* era redigido de forma interessante, continha comunicados da atividade dos diversos departamentos da Sociedade e artigos teóricos sobre temática esportiva. O texto era diversificado com fotos tanto das filiais do Junak como de atletas polônicos que se distinguiam. Como uma forma de ligação com a tradição – com o seu predecessor – no Junak continuou a seção “*Młody Parańczyk*”, redigida pelos mesmos colaboradores, entre os quais se encontrava João Krawczyk⁹⁰.

Os sucessos dos esportistas polônicos nas arenas esportivas do Brasil e os bons resultados dos esportistas poloneses no foro internacional contribuíram para influenciar o interesse esportivo não apenas da juventude, mas também da geração mais velha. No seu n. 33 de 16.8.1936, a redação do *Jornal Polonês*, ao publicar uma foto das quadras de tênis de Wimbledon, adicionou a ela o seguinte comentário: “Embora aos leitores agricultores, que fazem ginástica todos os dias no trabalho diário, a imagem acima nada tenha a dizer, acreditamos – apesar de tudo – que nesta época de vitórias do Junak em Curitiba e no período da Olimpíada em Berlim ela é oportuna. Pode-se dizer que ultimamente perdeu-se por um momento o interesse por qualquer outra coisa (...) e que o eixo do interesse passou a ser o esporte”. A redação informava igualmente que na Olimpíada de Berlim, na composição da equipe de esportistas poloneses, faria a sua apresentação o engenheiro Carlos Domański, do Junak de Curitiba, que estava completando os seus estudos na Polônia⁹¹.

A situação da colônia polonesa no Brasil complicou-se muito nos anos 1937-1938, quando o governo brasileiro, dirigido pelo presidente Getúlio Vargas, realizou a chamada ação

⁹⁰ AAN,MSZ, n. 10.983, fl. 1.

⁹¹ *Gazeta Polska w Brazylii*, n. 35, 30.8.1936, p. 1. Essa informação deve ser reconhecida como inverídica. Domański não é citado por Z. Głuszak em *Polscy olimpijczycy*. Warszawa, 1976.

nacionalizadora, que tinha por objetivo apressar os processos de assimilação, em razão da estrutura étnica desfavorável do país. “A numerosa, bem organizada e relativamente jovem imigração italiana, alemã e polonesa mostrou-se excepcionalmente resistente às medidas assimiladoras, realizadas principalmente através de ações de educação e propaganda”⁹². Demonstravam a inquietação com a campanha nacionalizadora tanto as representações diplomáticas polonesas no Brasil como a própria colônia polonesa. Um dos seus representantes, João Chorośnicki, escrevia: “Não nos consideramos estrangeiros (...). Se nem todos se empenharam pelos direitos políticos, pela naturalização, todos amam esta terra e a reconhecem como o seu país, onde – como árvores – lançaram as suas raízes (...). O mesmo diz respeito a sociedades e clubes, que devem constituir a melhor ponte para o conhecimento e o respeito mútuo”⁹³.

Alcançada pelo decreto de nacionalização, definiu a vida cultural e social da colônia polonesa, as escolas foram fechadas ou assumidas pelo Estado. No dia 4.5.1938 realizou-se uma assembleia extraordinária do Junak, na qual a Sociedade foi renomeada como Juventus, e a presidência Conselho Superior do Junak foi assumida pelo capitão Emanuel Moraes⁹⁴. Os instrutores Sadowski e Kopczyński, por terem oposto resistência, foram presos. A libertação deles ocorreu apenas em consequência da intervenção do Consulado em Curitiba. As novas autoridades brasileiras do Juventus expediram no dia 23.5.1938 um manifesto aos sócios do antigo Junak, na qual se escrevia: “O Brasil necessita de filhos sadios e fortes, e a Sociedade de Educação Física Juventus, que em suas fileiras congrega apenas operários da nossa grandeza,

⁹² KLASA, A. Akcja nacjonalizacyjna w Brazylii a sytuacja Polonii brazylijskiej (w okresie poprzedzającym wybuch II wojny światowej). In: *Przegląd Polonijny*, ano I, cad. I, p. 113.

⁹³ *Gazeta Polska w Brazylii*, n. 51, 19.12.1937, p. 2.

⁹⁴ *Ibidem*, n. 21, 22.5.1938, p. 2.

continuará a forjar em seus campos uma massa humana com o único objetivo de servir ao Brasil. Encontramo-nos em fase de reconstrução e somente com a colaboração dos ninhos do interior poderemos chegar ao objetivo. A Sociedade de Educação Física Juventus é uma coletividade composta de filiais espalhadas por todo o país. Mostrem-se dignos (...) de construir o Brasil como uma Pátria independente, autônoma e forte (...)”⁹⁵. Apesar da paralisação da atividade de muitas sociedades polônicas⁹⁶, do fechamento da imprensa e principalmente das escolas, a Sociedade Juventus continuou a levar adiante o projeto estabelecido do trabalho esportivo, ainda que a organização tivesse perdido o seu caráter nacional.

RESUMO – STRESZCZENIE

W artykule autor przedstawia historię rozwoju polonijnej kultury fizycznej oraz wspierających ją wśród imigrantów polskich i ich potomków na brazylijskim Południu organizacji polonijnych. Opis ofituje w daty, nazwy miejsc, towarzystw oraz promowanych przez nie dyscyplin sportu, nazwiska działaczy oraz samych sportowców, podkreślając dobrą i skuteczną organizację oraz, co za tym idzie, także duże sukcesy i osiągnięcia sportowe Polonii. Na przykładzie funkcjonowania Towarzystwa Junak autor przedstawia także historyczny i polityczny kontekst działalności polonijnej przed rokiem 30-tym oraz w okresie wprowadzania Ustaw Nacionalizacyjnych Vargasa.

⁹⁵ Ibidem, n. 22, 29.5.1938, p. 2.

⁹⁶ P. ex. em abril de 1938 deixaram de existir as duas últimas equipes de escoteiros em Rio Liso e Marechal Mallet. AAN, MSZ, n. 10.949, fl. 78.

O FOLCLORE DA VELHA PÁTRIA NA MEMÓRIA DOS DESCENDENTES DOS ANTIGOS EMIGRANTES SILESIANOS

Teresa SMOLIŃSKA*

*A na Kandydzie, młodziusienke, huraj,
Maja gęby słodziusienkie, huraj, huraj.*

Trecho de
uma cantiga popular

Vamos falar do fenômeno da tradição cultural silesiana, do tradicional folclore polonês, dos seus portadores e – pode-se reconhecer – da sua postura conservadora diante da herança cultural dos antepassados e, com isso, da consciência nacional dos silesianos da região de Opole e dos seus descendentes que na segunda metade do século XIX emigraram ao Brasil.

Os pesquisadores que se interessam pela antiga e atual migração dos poloneses fazem referência a diversificados materiais de fontes, entre os quais parecem ser especialmente valiosas as memórias e as cartas dos emigrantes, que complementam os fatos históricos, tornando-se uma leitura interessante para muitos especialistas. Uma dessas cartas, de um descendente dos emigrantes do século XIX da aldeia de Siołkowice, perto de Opole³,

* Professora doutora da Universidade de Opole, Cátedra de Estudos Culturais e Folclore, Instituto de Filologia Polonesa da Universidade de Opole.

¹ Cf. M. GŁADYSZ (red.). *Stare i Nowe Siołkowice*. Parte 1. Wrocław-Warszawa-Kraków, 1963 (parte 2, 1966; *Siołkowice Stare*. Z zespolowych

juntamente com uma antologia de cantigas populares (gravadas também em fita cassete), enviada do Brasil em 1995, vai constituir a base da nossa reflexão.

1. Observações introdutórias a respeito da emigração dos silesianos ao Brasil

Os historiadores e sociólogos que pesquisam os processos migratórios da população da Silésia e de outras áreas das antigas zonas de ocupação da Polônia no século XIX têm reconhecido que, entre os imigrantes de diversas nacionalidades (principalmente italianos, portugueses, espanhóis, alemães) que no final do século XIX vieram ao Brasil, “o primeiro grupo nitidamente polonês foi um grupo de emigrantes da aldeia de Siołkowice, perto de Opole. Depois deles afluíram novos emigrantes da zona de ocupação prussiana”⁴. Quantos elementos contou esse “grupo”? Conforme foi estabelecido, em agosto de 1869 vieram 64 pessoas, entre as quais: Franciszek Polak, Mikołaj Woś, Bonawentura Polak, Tomasz Szymański, Szymon Purkot, Filip Kokot, Michał Prudło, Szymon Otto, Dominik Stempka, Kacper Gbur, Balcer Gbur, Walenty Weber, Antoni Kania, Franciszek Kania, Andrzej Pampuch, Stefan Kachel – num total de 16 famílias. Em 1870 vieram outras 16 famílias de Siołkowice, das quais são conhecidos os seguintes nomes e sobrenomes: Baltazar Gebza, Andrzej Kawicki, Grzegorz Hała, Błażej Macioszek, Tomasz Szajnowski, Fabian Borak, August

badań etnograficznych przeprowadzonych na Górnym Śląsku pod kier. M. Gładysza. Wrocław, 1958; T. SMOLIŃSKA. Współczesna wieś śląska a jej dziewiętnastowieczna tradycja kulturowa. In: Andrzej Stanisławski; Beata Tarnowska (red.). *Folklor i pogranicza*. Olsztyn, 1998.

²M. KULA. *Polonia brazylijska*. Warszawa, 1981, p. 18; cf. também: A. BROŻEK. Z badań nad początkami osadnictwa polskiego w Brazylii. Emigracja z Górnego Śląska do Parany. In: *Między feudalizmem a kapitalizmem. Studia z dziejów gospodarczych i społecznych. Prace ofiarowane Witoldowi Kuli*. Wrocław, 1976.

Walder, Marcin Prudlik, Marcin Kempa, Paweł Polak, Walenty Otto, Leopold Jeleń, Józef Purkot, Wincenty Pampuch. Essas famílias, totalizando 164 “almas”, foram os primeiros “peregrinos poloneses” no Brasil. Em 1875 estabeleceram-se outras 40 famílias (179 pessoas) em Santa Cândida, e em 1886 vieram 41 famílias (218 pessoas) da região de Opole (de Stare e Nowe Siołkowice, Kaniowo e Chróscice)³. Os habitantes de Siołkowice viajavam ao Brasil seguindo os passos do seu conterrâneo Edmund Sebastian Woś-Saporski, que “para evitar o serviço no exército prussiano” havia deixado a aldeia e, tendo obtido em 1869 uma concessão para a colonização polonesa no Paraná, fundou no Brasil a primeira colônia polonesa – Pilarzinho⁴. Vale a pena enfatizar que Woś-Saporski, da mesma forma que o franciscano Leopold Bonventura Moczygęba, originário de Płużnica Wielka, que estimulou os seus parentes e conterrâneos a emigrar ao Texas, foi quem deu início às viagens dos camponeses de Siołkowice para além do oceano. Somente mais tarde surgiu a chamada febre brasileira, quando – em consequência de uma prolongada crise econômica nas aldeias – os camponeses, juntamente com suas famílias, começaram a emigrar em massa de outras terras polonesas ocupadas para além do oceano. Calcula-se que até a eclosão da I Guerra Mundial vieram ao Brasil 115 mil emigrantes de diversas regiões da Polônia⁵.

³ Cf. p. ex.: K. GŁUCHOWSKI. Z dziejów wychodźstwa i osadnictwa polskiego w Brazylii. Szkic historyczny. In: *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa*. Wyboru dokonał A. Olcha. Warszawa, 1971, p. 36-38; J. PITOŃ. Saporski w ramach lat. In: *Emigracja polska w Brazylii...*, p. 81-82; A. BROŻEK. *Emigracja zamorska z Górnego Śląska w II połowie XIX w.* Referat na konferencji popularnonaukowej nt. 100 lat Polonii brazylijskiej. Opole, 23-24.10.1969.

⁴ M. LEPECKI. Przedmowa. In: E. S. Woś-Saporski. *Pamiętnik*. Warszawa, 1939; Przedmowa. In: *Pamiętnik z puszczy brazylijskiej*. Red., introd., notas e anexos R. Hajduk. Katowice, 1974, p. 5 e ss.

⁵ Cf. M. KULA. *Polonia brazylijska...*, p. 20.

As causas dessa ampla migração camponesa são percebidas pelos especialistas em fatores socioeconômicos e políticos. A emigração de Siolkowice que nos interessa envolveu diversos grupos de pessoas, embora – como observam os historiadores – os primeiros a abandonar a aldeia foram os camponeses, os pequenos proprietários e os artesãos domésticos, ou seja, grupos sociais que “das operações de concessão de terras saíram relativamente fortes sob o aspecto econômico”, porquanto “já o próprio custo da viagem à América exigia um bom cabedal de recursos financeiros”⁶. Os camponeses que emigravam buscavam a melhoria da sua situação material, mas tinham também “a consciência em alta (e talvez até exagerada) escala do sentimento da independência que ali lhes seria garantida das opressões sociais resultantes da política do Estado prussiano (em grande medida das suas implicações militares)”⁷.

Os pesquisadores não são unânimes a respeito de quão numeroso é atualmente o grupo polônico no Brasil, calculando, no entanto, que ele conta de 250 a 450 mil pessoas⁸, embora também seja aceito “como seguro” o número de 850 mil cidadãos de descendência polonesa⁹.

2. Os vínculos dos silesianos com a velha pátria

As pesquisas sobre a forma de comportamento dos elementos da cultura polonesa simbólica entre os descendentes dos

⁶ A. BROŹEK. Ruchy migracyjne z ziem polskich pod panowaniem pruskim w latach 1850-1918. In: A. Pilch (red.). *Emigracja z ziem polskich w czasach nowożytnych i najnowszych (XVIII-XX w.)*. Warszawa, 1984, p. 159.

⁷ Ibidem.

⁸ Cf. M. KULA, *Polonia brazylijska...*, p. 25.

⁹ Cf. J. PITON. Przemiany Polonii brazylijskiej na tle całego kontynentu południowoamerykańskiego. In: *Stan i potrzeby badań nad zbiorowościami polonijnymi*. Red. H. Kubiak; A. Pilch. Wrocław-Warszawa-Kraków-Gdańsk, 1976, p. 477.

silesianos de Siołkowice no Brasil exigem certos esclarecimentos, apontando para as “raízes” polonesas dos camponeses silesianos daquela época, para a sua profunda consciência nacional, bem como para a sua educação no sentido amplo.

A genealogia dos habitantes poloneses da aldeia de Opole é documentada não apenas por diversificados materiais de fontes dos séculos passados, mas também pelas crônicas e memórias dos camponeses do lugar (Jakub Kania, Andrzej Stempka), pelas cartas dos seus antepassados e conterrâneos do Brasil (Piotr Fila, Joanna Grenadier). Como enfatiza Marcin Kula, “muito prejudicial aos emigrantes – especialmente nos primeiros tempos da sua vida de emigrantes – foi a inexistência de um Estado polonês”¹⁰. Parece que os silesianos, apesar da falta de uma “bandeira” nacional, “agarraram-se firmemente à fé e à língua dos antepassados”¹¹. Esse apego à tradição dos antepassados pode ser percebido na sua desenvolvida consciência nacional, que é comprovada não apenas pelas cartas dos silesianos do século XIX, mas também por correspondências posteriores, de acordo com o pronunciamento de Woś-Saporski: “Nós dois [trata-se de Paweł Nikodem – T. S.] somos uma espécie de poloneses agregados. Por que razão em 1920 Piłsudski não quis a minha Siołkowice?”¹² No caso dos habitantes de Siołkowice, torna-se difícil também concordar com a tese generalizada dos pesquisadores de que o “completo analfabetismo” dos emigrantes poloneses “foi um poderoso obstáculo no caminho

¹⁰ M. KULA. *Polonia brazylijska...*, p. 62.

¹¹ De assimilação com a cultura local pode-se falar apenas quando no início do século XX as autoridades brasileiras expediram a ordem do ensino em língua portuguesa, embora ainda nos anos 30 (no período do governo de Getúlio Vargas) em muitas escolas não fosse utilizada a língua portuguesa. Cf. M. KULA. *Polonia brazylijska...*, p. 105 e ss., 159 e ss.

¹² List Pawła Nikodema. In: *Kalendarz Opolski na rok 1961*. Opole, 1960.

da assimilação”¹³. Com efeito, os emigrados da Prússia e da zona de ocupação prussiana, contrariamente aos poloneses das outras zonas de ocupação, não eram analfabetos¹⁴, visto que assinavam jornais poloneses, p. ex. a “Gazeta Opolska” (Jornal de Opole). Aliás eles mesmos percebiam essa diferença, o que confirmam as cartas deles escritas a Opole: “[...] na realidade a colônia é grande – escrevia Piotr Fila do Brasil em 1897 – e conta de 900 a 1.000 famílias, mas nós do distrito de Opole somos apenas cerca de 35 famílias, que são capazes de ler, e assinamos 17 exemplares do nosso jornal; o restante são galicianos da zona de ocupação austríaca, que não são capazes de ler nem usando óculos”¹⁵.

3. Tradicionais cantigas populares polonesas cantadas no Brasil

Como se sabe, as sociedades polônicas no Brasil promovem a atividade artística de conjuntos de canto e dança que se apresentam em trajes populares de diversas regiões da pátria dos antepassados, popularizando dessa forma o folclore polonês¹⁶. E essa direção de atividade cultural possui todas as marcas do folclorismo. Por isso não é esse tipo de ações, comandadas institucionalmente e que divulgam o folclore polonês artisticamente elaborado, que aqui nos interessa, mas a tradição popular transmitida de forma natural, cuja base é constituída pela

¹³ M. KULA. *Polonia brazylijska...*, p. 99.

¹⁴ Cf. p. ex.: *Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych 1890-1891*. Red. e introd. W. Kula, N. Assorodobraj-Kula, M. Kula. Warszawa, 1973.

¹⁵ Piotr Fila z Thomas Coelho, Parana, do Towarzystwa “Oświata” w Siolkowicach Starych. *Gazeta Opolska*, 1897, n. 64, p. 1. Apud: *Korespondencja z Ameryki w prasie polskiej na Śląsku (1868-1900)*. Wybór i oprac. D. Piątkowska. Wstęp A. Brożek. Wrocław, 1980, p. 172.

¹⁶ Cf. R. BROŻEK. *Więzy kulturalne Polonii brazylijskiej z Macierzą*. Referat na Konferencji popularnonaukowej nt. 100 lat Polonii brazylijskiej.

transmissão oral entre as gerações, isto é, dentro da família, nos círculos de vizinhança, de vida social, de amizade, etc. Os pesquisadores avaliam que no Brasil várias gerações de descendentes dos pioneiros de Siolkowice têm preservado um vínculo relativamente forte com a pátria dos seus antepassados, visto que muitos deles conhecem a língua polonesa e cultivam os costumes poloneses, e até os anos 30 do século passado as mulheres nas colônias utilizavam os trajes silesianos tradicionais, “com largos aventais”, distinguindo-se com isso das mulheres provenientes de outras regiões da Polônia¹⁷.

Filipe Skóra, de Curitiba, com 71 anos de idade e originário de Siolkowice, como escreve em sua carta, “para salvar o resto da tradição polonesa em Santa Cândida”, gravou em 1995 e datilografou 38 cantigas populares polonesas, entre as quais 20 composições em dialeto silesiano, o que ele assinala nos títulos dessas cantigas. Como ele mesmo avalia, “a presente gravação deve ser o último sopro do polonismo em Santa Cândida”, acrescentando que “essas cantigas eram cantadas nas festas de casamento” até o ano 1950. Skóra tem a consciência de que elas estão se perdendo irremediavelmente, visto que, como observa, elas se preservaram apenas na memória de alguns dos mais idosos portadores. Por isso, como um colecionador educado, leva em conta não apenas os próprios textos, mas também as circunstâncias da execução dessas “modestas gravações”. “Algumas [cantigas] foram gravadas durante o almoço, quando o nosso bairro de Santa Cândida estava comemorando os 120 anos da vinda dos primeiros colonos. Outras foram gravadas em diversas ocasiões por mulheres e homens

¹⁷ Cf. X. Biskup KUBINA. *Wśród polskiego wychodźstwa w Ameryce Południowej*. Potulice, 1938, p. 223; M. FICIŃSKA. *20 lat w Paranie*. Warszawa, 1938, p. 57-58; M. A. KNOTHE. *Polscy chłopci w Brazylii (1870-1939). Materialna płaszczyzna ich asymilacji*. *Etnografia Polska*, 1985, t. 29, n. 2, p. 197.

idosos (de mais ou menos 70 anos). Quanto eles cantavam, sentiam falta de ar (cantigas n. 18 a 21)."

As "cantigas silesianas" registradas, afirma Skóra, "foram trazidas por meus avós de Szałkowice (ou Siołkowice), de Opole, no ano de 1875. Essas cantigas foram preservadas na memória por 120 anos."¹⁸

Entre as diversas cantigas polonesas e silesianas que predominam na antologia de Skóra, encontra-se uma oração solene cantada em língua polonesa com o título em português "No aniversário do Padre Félix" (isto é, no aniversário do Padre Félix Stfanowicz), que apresenta o estilo de uma cantiga festiva:

*Dzisiaj na Kandydzie dzwon wesoło bije
Niechaj nasz ksiądz Feliks jeszcze sto lat żyje.
Jeszcze sto lat żyje, dla nas wiernych dzieci,
A po śmierci prosto niech do nieba wleci.
Sto lat, sto lat, niech żyje, żyje nam...*

A seguir, na amadora fita cassette ele gravou "duas cantigas eclesiais, em português. São cantigas de ação de graças a Deus pela linda natureza. Por isso introduzi nelas os gorjeios de pássaros brasileiros (p. ex. o sabiá)."

Filipe Skóra registrou principalmente cantigas universais, entre as quais: cinco jocosas (*O czarnym baranie, Gdym ja wendem na pole, Tatulinku kupcie konia, Prawie ptousek goudoł, W poniedziałek rano*), quinze sobre galanteios e amor (*Widzioł ech jou ptouska, A w niedzielę rano, O świecie, świecie szeroki, O mym lubym ciągle marzę, Gnata Kaśka wołki, Poszła Karolinka, Gorzała lipka i jodła, W około Dunaju czarny las, Stążeczko zielonoł, Któz mi tam puka, O ty ptousku skowronousku, A wcora z wiecora, Świeci mi miesiącek na rogu kościoła, Usnyła dziewczyna, Już ja cię żegnam*), uma de órfãos (*Szeroko daleko*

¹⁸ A respeito da carta de F. Skóra, cf.: T. SMOLIŃSKA. *Współczesna wieś śląska...*

listeczek na plonie), duas cantigas rituais de casamento (*Dwanaście aniołów, Stążecko zielono!*¹⁹), quatro de bêbados (*Pije Kuba do Jakuba, Używajmy póki czas, Pytała sie pani, Gorzołka*), três baladas (*I miał ojciec trzy córki, Te cztery mile za Uławą, W krakowskim powiecie*), seis cantigas cracovianas (*A w niedzielę rano, Chodziłem po polu, Kochanecko pójdźma do dom, Wylejciała gąska, A w ogrodzie są jagody, Dziura w desce*); na atual etapa dos trabalhos duas cantigas não foram classificadas (*Siedziół cesarz na tronie, Sta dziewucha po wodau*). Entre as cantigas recuperadas, além de variantes muito conhecidas (p. ex. *O czarnym baranie, Widziół ech jou ptouska, I miał ojciec trzy córki, Prawie ptousek goudoł, Te cztery mile za Uławą, Poszta Karolinka, A ty ptousku skowroneusku, Świeci mi miesiącek na rogu koscioła, Usnyła dziewczyna*), registradas por colecionadores como J. Lompa, J. Roger, I. I. Sriezniewski, J. S. Bystroń, J. Tacina, J. Majchrzak, A. Dygacz, encontram-se também textos que não se encontram nas antologias existentes dessas cantigas (p. ex. *Siedziół cesarz na tronie, O świecie, świecie szeroki, W około Dunaju czarny las, Ktoz mi tam puka, A wcora z wiecora, O mym lubym ciągle marzę, Sta dziewucha po wodau*). Para os dois últimos textos Skóra fornece uma nota de proveniência, informando o nome e o sobrenome da mulher que canta: Philomena Kachel Schluga (Śluga)²⁰. Pode-se supor que os antepassados da cantora eram provenientes de Siołkowice, porquanto entre as pessoas que em 1869 vieram ao Brasil havia também um imigrante chamado Stefan Kachel.

Merecem atenção as diversificadas variantes de algumas cantigas conhecidas no Brasil, visto que em nenhuma coleção de cantigas silesianas foram incluídos textos idênticos e também não foram registrados na região de Opole. Os textos gravados por Skóra

¹⁹ A cantiga *Stążecko Zielono!* contamina-se aqui com a cantiga ritual de casamento conhecida atualmente na Alta Silésia como *Kwiatek z ciebie, kwiatek*.

²⁰ A primeira delas foi recriada em polonês literário, a segunda – no dialeto típico da aldeia de Opole.

em dialeto apontam claramente para a sua proveniência da região de Opole (pronúncia típica das consoantes muito bem preservada, vocabulário local, pronúncia dos fonemas, etc.). Na memória das cantoras preservaram-se muitas variantes bem mais desenvolvidas das cantigas do que aquelas que até agora têm sido publicadas. Por exemplo, J. S. Bystróń registrou apenas 8 estrofes da balada *W bytomskim powiecie*, ao passo que Skóra registra 15 delas. J. Roger registrou duas variantes da cantiga amorosa *Zgorała lipka i korzeń* no distrito de Racibórz (n. 159), e *Gorzała lipka, gorzała* no distrito de Bytom (n. 160); a variante de Siołkowice *Gorzała lipka i jodła* parece ser a mais completa (a moça oferece ao amado seis lenços diferentes).

Tanto Lompa em meados do século XIX como muitos pesquisadores nos anos seguintes têm registrado diversas variantes da cantiga amorosa popular na Alta Silésia *Zasnęta Katryńka pod lelują*, mas a variante brasileira *Usnyła dziewczyna pod białą lilią* contém alguns detalhes diferentes. A cantiga termina com uma lição moral:

*Trzeba było słuchać rady swojej mamy,
Rodziców szanować, do ślubu zachować
Wianeczek kwieciany.*

Numa outra composição popular sobre galanteio e amor, *Widzioł ech jou ptouska*, os emigrantes de Siołkowice mudaram nas diversas estrofes da cantiga os nomes das localidades, adaptando-as à realidade brasileira, o que talvez lhe tenha garantido uma maior popularidade na nova pátria:

*Jedno sare, drugie mare, huraj,
Jedno sare, drugie mare,
Na **Ressakach** dziewki stare, huraj, huraj, huraj.
A na **Pradzie**, na tem dolku, huraj,*

Są dziewczuchy po piętoku, huraj, huraj, huraj.
*A na **Kandydzie** młodziusienkie, huraj, huraj, huraj,*
Mają gęby stodziusienkie, huraj, huraj, huraj.
*A na **Kampie** jeszcze młodsze, huraj,*
Mają gamby jeszcze słodsze, huraj, huraj, huraj.

A antologia de Filipe Skóra em grande medida complementa o conjunto das tradicionais cantigas populares conhecidas primitivamente na Alta Silésia, exigindo por isso uma detalhada análise. O repertório de cantigas preservado por gerações dos antigos habitantes de Siolkowice ensina a humildade diante da tradição e do seu conservantismo. Com efeito, essas cantigas são um documento simplesmente extraordinário do folclore polonês, que os camponeses da Silésia, num estado não contaminado pelas futuras influências da germanização, levaram consigo da sua aldeia natal.

À luz da emotiva discussão que hoje, no limiar do século XXI, se trava na Alta Silésia como um espaço da zona etnocultural fronteiriça eslavo-alemã, esse material do Brasil possui um valor inestimável e constitui um documento, desprovido de especulações políticas e nacionalistas, que testemunha a presença do primitivo elemento eslavo na área analisada ou – numa abordagem mais ampla – também a eficácia da posterior ação germanizadora nessa área. Como se sabe, em 1990 surgiu a Sociedade Sociocultural da Minoria Alemã na Silésia de Opole, registrada em 1993 com o nome de Sociedade Sociocultural dos Alemães na Silésia de Opole, organização em que também se têm inscrito habitantes de Siolkowice. Nesse contexto, não apenas o historiador, mas também o folclorista se sente intrigado pela pergunta: “Como foi que aconteceu que por essas mesmas pessoas a terra natal começou a ser definida como *Heimat*?”²¹ Esse complexo fenômeno dos efeitos

²¹ M. LIS. *Ludność rodzima na Śląsku Opolskim po II wojnie światowej (1945-1993)*. Opole, 1993, p. 14.

culturais do confronto da tradição nativa com os modelos alemães exige uma atenção especial do pesquisador. Acrescentemos apenas que esse confronto de culturas etnicamente diversificadas numa pequena coletividade local é tanto mais interessante por ser complementado pelo seu entrecho brasileiro. No dia 20 de setembro de 1996, por ocasião dos 125 anos da emigração silesiana ao Brasil, vieram a Siołkowice alguns descendentes dos antigos “peregrinos”. Falando ainda em polonês, conhecendo as cantigas polonesas, com espanto leram numa faixa a saudação de boas-vindas em língua alemã e viram bandeiras alemãs nessa aldeia. Esse encontro, no entanto, será objeto de uma outra reflexão.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autora do artigo aborda o tema da herança cultural dos Ślązaków da região de Opola, especificamente da vila de Siołkowice, que emigrou para o Brasil na segunda metade do século XIX. Suas reflexões baseiam-se em uma carta enviada em 1995 por um dos descendentes dos Ślązaków da região de Opola, com gravações de músicas populares, preservadas na memória das gerações. Essas músicas servem de base para reflexões sobre a identidade dos imigrantes de Siołkowice, suas relações com a antiga Pátria e o que isso implica para a interpretação da situação dos Ślązaków na Polónia, frequentemente reclamando, contra a discriminação dos imigrantes no Brasil, o seu direito de associação com a minoria alemã.

ANÁLISE DAS VIRTUDES COTIDIANAS PROPOSTAS POR TZVETAN TODOROV NO LIVRO *EM FACE DO EXTREMO* E SUA CORRELAÇÃO COM OS FILMES *A LISTA DE SCHINDLER, KORCZAK E O PIANISTA*

João Felipe GREMSKI*

1. Introdução

Este trabalho tem como base analisar os filmes *A Lista de Schindler* (1993), *O Pianista* (2002) e *Korczak* (1990) a partir do livro *Em Face do Extremo* (1995) de Tzvetan Todorov. O autor disserta a respeito da condição do herói durante a Segunda Guerra Mundial, e tenta estabelecer uma distinção entre os atos heroicos, praticados em nome de um ideal, dos atos cotidianos, entendidos como um esforço individual para com o próximo. É claro que essas definições são vagas e não abrangem toda a complexidade do tema, mas serão devidamente esclarecidas à medida que me aprofundar no assunto.

Todorov faz uma análise profunda a respeito do comportamento do ser humano quando submetido às condições como a dos campos de concentração. O teórico búlgaro faz um breve panorama sobre o herói, indo desde a definição do herói clássico até o moderno, e compara esses aos atos de homens e mulheres durante a Segunda Guerra Mundial. Ao realizar essa comparação, Todorov questiona os atos heroicos e seus efeitos para a guerra, e deita o seu olhar para os atos cotidianos, de pequena proporção para o todo, mas que são puramente humanos, dotados de uma bondade estritamente altruísta. Após estabelecer essa distinção, o autor propõe três categorias de virtudes nesses atos

* Estudante do 4º ano de Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

cotidianos: *dignidade, cuidado e atividade de espírito*; todas serão abordadas com mais profundidade adiante. São essas categorias o meu foco de estudo para tratar dos três filmes analisados; onde elas aparecem e em qual quantidade, e se é possível uma existir juntamente com a outra.

Vou iniciar este trabalho expondo o conceito de herói proposto por Todorov e explicar de maneira mais clara o que são essas três categorias de virtude cotidiana; em seguida, vou tentar demonstrar onde essas categorias se encaixam nos filmes que foram objeto de análise. O conceito de herói será utilizado ao longo do trabalho como objeto de comparação com as virtudes cotidianas; o intuito desse paralelo é estabelecer a diferença entre os dois tipos de atos, e se podemos considerar a superioridade de um com relação ao outro dentro do contexto de guerra.

2. O Conceito de Herói

Já no início do livro, Todorov se pergunta o que vem a ser o herói, mais precisamente o heroísmo: “Mas o que é o heroísmo?, perguntei-me enquanto lia.” (TODOROV, 1995, p. 13); antes da busca de um conceito mais exato, o autor coloca o que vem ao lado do heroísmo: a liberdade e a vontade. Contrário a um estado vigente e aparentemente imutável, o herói insurge-se perante a situação e procura mudá-la através de um ato extremo. O herói, segundo Todorov, “está do lado dos revolucionários e em oposição aos conservadores, uma vez que não tem nenhum respeito particular pelas regras já existentes” (*idem*, p. 14). Tudo pode ser atingido uma vez que se tenha um apreço muito forte pela causa.

O conceito de herói fica agora mais claro, e Todorov arremata ao definir que “Os heróis, portanto, preferem o ideal ao real” (*idem*, p. 15). Podemos arriscar qualificar o herói como um anti-humanista, a causa importa mais que o indivíduo; não interessa se pessoas próximas a mim vão morrer ou sofrer, o mais importante é esse ente abstrato chamado ideal. Todorov dá bons

exemplos com relação aos acontecimentos da Segunda Guerra: “Trata-se de salvar não os varsovianos, mas a ideia de Varsóvia, não os poloneses individualmente, nem as terras polonesas, mas uma abstração chamada Polônia.” (*idem*, p. 16). O herói torna-se impulsivo, e não pensa todo o caminho do seu ato. Podemos discordar da atitude de um homem-bomba, mas não podemos negar que o mesmo sente-se um verdadeiro herói ao explodir um ônibus, por exemplo.

Não estou querendo dizer que o herói é algo negativo em qualquer circunstância (Todorov inclusive enumera algumas qualidades que o herói possui), mas apenas constato a não praticidade de um ato com esse teor. Os exemplos dos personagens principais dos três filmes confirmam essa ideia; nenhum deles é um herói, seus atos foram pensados e embasados a partir de uma moral coletiva. O entorno do herói, por outro lado, é – como define Todorov – “um mundo unidimensional, que não comporta mais do que dois termos opostos: nós e eles, amigo e inimigo, coragem e covardia, herói e traidor, preto e branco.” (*idem*, p. 21). Ou seja, o conceito torna-se limitado, e aplicar esse tipo de tese heroica não faz sentido em um contexto tão complexo como uma guerra.

Todorov usa o exemplo de um chefe militar polonês, que declara: “Para nós, a Polônia era o objeto de um verdadeiro culto. Nós a amávamos mais do que a um mero país; como a uma mãe, uma rainha, uma virgem.” (STEINER, 1975, p. 108, *apud* TODOROV, 1995). Para esse chefe militar, não é o povo que precisa ser salvo, mas as suas qualidades: a vontade de libertação e o orgulho de pertencer à Polônia. Isso se torna problemático à medida que os interesses vão se debruçando sobre algo abstrato, e não ao que interessa: combater de maneira que menos pessoas morram, que uma cidade não seja destruída; esse pensamento estritamente patriótico beira a ideologia, algo perigoso especialmente em tempos de guerra. Um ato heroico, para concluir, “Sacrifica os interesses

dos indivíduos ao amor das abstrações, e sua deflagração não ajuda ninguém (...)" (TODOROV, 1995, p. 35).

É por isso que Todorov direciona seu olhar para outro tipo de virtude. As heroicas constituem, como vimos, atos extremos e unidimensionais, não há meio termo sobre o que acontece ao redor; é por isso que o teórico búlgaro parte para aquilo que considera virtudes cotidianas. Elas constituem, de acordo com o autor, "atos de vontade, esforços individuais pelos quais se recusa uma necessidade que parecia implacável." (*idem*, p. 24). No próximo capítulo essa ideia será tratada com maior profundidade; além disso, essa categoria é subdividida em três vertentes, todas elas constituem a base para qualquer ato de virtude considerado cotidiano: *dignidade, cuidado e atividade de espírito*.

3. Virtudes Cotidianas – Dignidade

A primeira das virtudes cotidianas expostas é a dignidade, e Todorov, devido principalmente à complexidade do termo, dá várias explicações e exemplos com o intuito de vasculhar melhor essa particularidade. A primeira delas diz respeito à liberdade do sujeito de escolher esta ou aquela atitude e, com isso, preservar a sua dignidade; e é justamente nos campos de concentração que essa liberdade é brutalmente reprimida, fazendo com que a dignidade tenha o seu valor multiplicado.

Todorov toma como exemplo o suicídio, e o define como "uma última liberdade" (*idem*, p. 73). Olga Lengyel, uma das sobreviventes dos campos de extermínio, ficava satisfeita ao descobrir que tinha veneno consigo; ela comenta: "A certeza de que em última instância somos donos da própria vida representa a última liberdade" (LENGYE, 1946, p. 40, *apud* TODOROV, 1995). Com esse exemplo, fica claro que o ser humano vai até as últimas consequências para manter a dignidade.

Outra maneira de conservar a dignidade está na insubmissão às ordens dos nazistas; esse desprezo pela ordem arbitrária que domina um campo pode afirmar a dignidade de uma pessoa. Todorov tem como modelo Margarete Buber-Neumann, suas atitudes de insubmissão vão desde não se alinhar às filas de prisioneiros até tocar a sirene do campo sem nenhum motivo aparente. “O gesto aparentemente fortuito permite-lhe afirmar a sua dignidade – o que nenhum ato utilitarista poderia obter, mesmo que fosse o resultado de uma vontade.” (TODOROV, 1995, p. 76). Embora tais atos não sejam justificáveis sob o ponto de vista racional, conservam um respeito por si-próprio e a prova de que ainda há um resquício de resistência perante tanta repressão.

Todorov completa o seu raciocínio ao afirmar que “Interessar-se pelos outros, e não apenas por si mesmo, pelos ausentes, e não só pelos presentes, já é dar um passo em direção à dignidade.” (*idem*, p. 77). Basta pensar em prisioneiros que dividiam seu alimento com alguém doente, ou retribuir um gesto de bondade por dever interior, e não por interesse. É nesse sentido que a dignidade tem um ponto de contato com a próxima virtude cotidiana, o cuidado.

4. Virtudes Cotidianas – *Cuidado*

O cuidado pode ser entendido como um gesto que é voltado para um outro indivíduo, e não para confortar a própria consciência. Não existe maneira melhor de explicar o conceito do que mostrando exemplos da sua presença. É interessante perceber o quanto Todorov, que gosta de fundamentar um conceito várias vezes até que fique claro para o leitor, suprime um pouco suas explicações e cede lugar aos vários exemplos de cuidado que existe documentado.

O exemplo mais tocante, e talvez o que melhor exprime o conceito de cuidado, está na atitude de Pola Lifszyc:

Passando em casa, viu que a mãe já não estava lá. Ela já estava em meio ao rebanho levado para a Umschlagplatz. Pola correu da rua Leszno à rua Stawki e cruzou com o noivo; para que ganhasse tempo, ele a conduziu no side-car da bicicleta, até que alcançaram a praça. No último momento, ela se esgueirou no meio da multidão, para poder entrar com a mãe no vagão. (EDELMAN, 1975, apud TODOROV, 1995)

Pola não precisava entrar naquele trem, cujos passageiros jamais voltariam; mas ela decidiu ir com a mãe, não importando as consequências.

Milena Jesenska, uma prisioneira de *Ravensbruck*, um campo de concentração, ficou conhecida pela série de atos de cuidado que realizava sempre que podia. Desde trazer café com leite e açúcar para os doentes (alimento extremamente raro), até adulterar os resultados dos sífilíticos para salvá-los de seleções, que eram garantia de morte para os moribundos.

Provocar a morte do outro, evitando assim mais sofrimento, pode ser entendido, de acordo com Todorov, como um ato de cuidado. Os bebês, já fadados à morte por não representarem mão de obra para os trabalhos forçados, eram mortos pelas enfermeiras: “Depois de nos cercarmos de todas as precauções possíveis, apertávamos o nariz do recém-nascido e, quando ele abria a boca para respirar, introduzíamos uma dose suficiente de um veneno infalível” (LENGYEL, 1946, apud TODOROV, 1995).

5. Virtudes Cotidianas – Atividades de Espírito

A última virtude cotidiana consiste na elevação moral da pessoa através de uma experiência estética. Através dessa espécie de epifania “o espírito abandona as suas preocupações imediatas, utilitárias, para contemplar a beleza; por isso mesmo, também ele se

embeleza.” (TODOROV, 1995, p. 106). Essa definição talvez deixe um pouco mais claro o que é essa atividade de espírito proposta pelo autor. Aliás, Todorov tem um certo apreço pela ideia de beleza e do absoluto, haja vista uma das suas últimas publicações, *A Beleza Salvará o Mundo* (2011), em que o teórico faz uma análise de autores que buscaram essa beleza absoluta através da arte. No caso dos campos de concentração, fica óbvio que essa busca é completamente diferente, mas é, de acordo com Todorov, possível, e até mesmo necessária.

Esse tipo de manifestação pode se dar com qualquer um, desde a contemplação de um pôr do sol, até a emoção de se ouvir uma música. No caso da Segunda Guerra, a contradição entre o horror de um campo de extermínio e o de uma manifestação da beleza parece maximizar essa experiência do absoluto: “O contraste entre a pureza da música e nossa miséria parecia impregnar cada frase com uma profundidade especial. O horror de nossa situação tornava a beleza da vida ainda mais pungente e preciosa” (MICHEELS, 1989, *apud* TODOROV, 1995).

Essa declaração de um prisioneiro deixa mais claro o papel que essa experiência tem no contexto de guerra. Além disso, através dos vários exemplos colocados por Todorov, fica evidente que esses momentos são geralmente compartilhados com o outro. O pôr do sol que um prisioneiro de Dachau percebe ser particularmente belo é compartilhado com seus companheiros. Milena Jesenska, já citada anteriormente, tem prazer pela literatura, mas não se contenta em ler os seus livros sozinha, empresta-os a suas amigas e quer dividir a experiência da leitura com elas. Isso é mais uma prova de que uma virtude não se separa da outra, a atividade de espírito está intrinsecamente ligada ao cuidado, que por sua vez tem pontos de contato com a dignidade. É essa relação que será tratada no próximo capítulo, mas agora correlacionando-a com os filmes *A Lista de Schindler*, *Korczak* e *O Pianista*.

6. *A Lista de Schindler* e as Virtudes Cotidianas

O primeiro filme que será objeto de análise é *A Lista de Schindler*, do diretor Steven Spielberg, que conta a história de Oskar Schindler, empresário que se aproveita da guerra para enriquecer. Para realizar o seu plano, contrata judeus, mão de obra extremamente barata, para trabalhar em uma fábrica de painéis. Com isso, Oskar vê de perto todas as atrocidades da guerra e passa a ajudar os judeus empregados na sua fábrica; através de subornos e manobras políticas, Oskar livra mais de mil e quinhentos judeus fadados à morte. O filme foi largamente premiado pelas principais academias de cinema e ainda é referência no cinema pela crueza com que conta os fatos.

Ao relacionarmos o filme com as considerações de Todorov acerca das virtudes cotidianas, podemos tirar logo de início a questão da dignidade. Quando digo isso, não significa que ele não tenha qualquer resquício, por menor que seja, de dignidade, mas que esta não causa qualquer impacto na direção que a história toma. É claro que há atos dignos durante o filme, mas são isolados e sem qualquer importância no enredo. Inclusive, é importante notar que Spielberg vai na direção contrária ao mostrar diversas cenas da ausência de dignidade em algumas pessoas. Por exemplo, um judeu que, para receber dinheiro dos nazistas, aceita trabalhar como uma espécie de soldado para organizar as famílias que entravam no gueto.

O foco de *A Lista de Schindler* recai, sem sombra de dúvidas, no ato de Oskar Schindler, que salva milhares de judeus ao empregá-los na sua fábrica; esse ato, por nortear todo o desenvolvimento do enredo, é o que vai pesar mais na análise das virtudes. O empresário alemão vai à falência devido a isso e ainda chora ao perceber que poderia ter feito mais ao invés de ter gasto largas quantias de dinheiro com festas e mulheres. A cena final é simbólica ao expor o paradoxo da situação: milhares de judeus

vivos graças a Schindler, e este em lágrimas, sentindo-se indigno de tantos agradecimentos e olhares de compaixão. Para o espectador, Oskar é a pessoa que mais reflete a dignidade humana, mas isso não impede a dor que o passado traz para ele; pelo contrário, o passado chega como uma ferida que não fecha, e torna Schindler uma pessoa amargurada e arrependida.

Uma outra sequência do filme que vai no sentido contrário da dignidade é quando Schindler se muda de casa. Ele passa a viver em um lugar luxuoso onde antes viviam judeus. Oskar sabia que aquela casa não pertencia a ele e que foi comprada com o fruto do trabalho de uma pessoa; mesmo assim passa a viver lá, sem demonstrar qualquer ressentimento. É apenas ao ver de perto os horrores da guerra que ele percebe o que acontece ao seu redor; caso isso não tivesse acontecido, ele seria apenas um alemão se aproveitando da guerra para ganhar dinheiro. Isso compromete, e muito, a dignidade de Schindler.

Mas, por outro lado, é com o cuidado, uma das virtudes cotidianas propostas por Todorov, que Schindler se destaca. Como foi mencionado antes, o cuidado significa um gesto para o outro indivíduo, sem o agente se preocupar com a sua própria consciência ou segurança. Oskar realiza esse ato apenas por compreender que são vidas humanas que estão sendo tiradas; ao perceber o absurdo da situação, usa do seu dinheiro e da sua influência para empregar aquelas pessoas na sua fábrica, livrando-as assim da morte.

Assim como Pola, que se juntou à sua mãe para a morte certa, Schindler também realiza um ato de cuidado. O interessante é que nenhum dos dois precisaria realizar aquilo; Pola poderia tentar a sobrevivência de outra maneira, mas preferiu morrer junto com a sua mãe. Schindler poderia encerrar os seus negócios quando tivesse ganho todo o dinheiro que quisesse, mas foi à falência ao decidir salvar milhares de judeus. É claro que o ato de Pola foi mais extremo, pois teve como preço a sua própria vida, mas Schindler

sabia que, no minuto em que a guerra chegasse ao fim, ele seria um criminoso de guerra.

No decorrer do filme, o cuidado aparece em outro ato de Oskar Schindler: fazia um dia de muito calor, e os judeus estavam sendo levados em um trem para outro campo de concentração. Devido à demora de o trem em sair, alguns soldados jogavam água para dentro dos vagões; Schindler, percebendo isso, pede que tragam uma mangueira maior e mais longa. No final da cena, é ele mesmo quem joga água nos trens, arriscando assim a sua própria condição de nazista diante dos oficiais, ao demonstrar essa compaixão pelos judeus. Esse ato é um ótimo exemplo de cuidado, pois envolve uma ajuda gratuita por parte do agente, além do risco que este corre ao realizá-la.

A terceira virtude cotidiana, atividade de espírito, que consiste em uma elevação moral a partir de uma experiência estética, não tem papel importante durante o filme exceto em um único momento, que será tratado mais adiante. Spielberg, devido à natureza do tema e dos acontecimentos que o envolvem, evita colocar momentos mais sensíveis. A música, um dos catalisadores possíveis para se atingir a beleza, aparece em vários momentos, mas é apenas para causar um contraste entre o horror das cenas. O momento mais emblemático desse paradoxo está no instante em que os soldados nazistas colocam uma música durante o exame médico dos prisioneiros; enquanto soldados levam as pessoas consideradas inaptas para o trabalho em direção às câmaras de gás, uma bela canção é ouvida por todo o campo.

O único momento em que podemos contemplar uma elevação moral através da beleza é quando uma menina corre sozinha pelas ruas do gueto em meio a soldados que conduziam à força os judeus para o gueto. Schindler está andando a cavalo quando se depara com a cena; a garotinha corre desamparada e precisa desviar de corpos jogados no meio da rua e soldados nazistas que matavam quem os desafiasse. O filme, embora tenha

sido gravado em preto e branco, tem nessa cena o único momento de cor: o vestido vermelho que a menina vestia; esse pequeno detalhe serve para reforçar o caráter lírico da cena.

Tudo em *A Lista de Schindler*, no que concerne à atividade de espírito, apresenta esse paradoxo; a música durante a triagem de prisioneiros serve como um reforço do horror justamente por ser algo belo; da mesma forma na cena da menina de vestido vermelho: o lirismo e a beleza em meio ao caos e desespero. Mais adiante, no filme, a menina aparece dentro de um carrinho cheio de cadáveres, um ponto vermelho em meio ao preto e ao branco. O paradoxo beleza-horror está completo.

7. *Korczak* e as Virtudes Cotidianas

O filme *Korczak*, do diretor polonês Andrzej Wajda, conta a história do pediatra e pedagogo Janusz Korczak, e da sua dedicação no cuidado das suas duzentas crianças. Mesmo após ser transferido para o gueto de Varsóvia, Korczak mantém o seu trabalho no orfanato e institui um método em que as crianças têm o poder de decidir o que é melhor para todos. Mesmo com a promessa do comandante do gueto de que o orfanato seria salvo, as crianças vão para o campo de Treblinka. Korczak, mesmo tendo recebido um passaporte suíço, embarca com os duzentos órfãos sabendo que seguia para a morte certa.

Considero esse filme, e principalmente o personagem de Janusz Korczak, um exemplo da dignidade proposta por Todorov. A figura do pedagogo respira dignidade o tempo todo; em todos os seus atos Korczak mantém seus princípios intactos, inclusive quando se recusa a usar a braçadeira com a estrela de Israel no braço. Seu empenho em manter o orfanato, e o carinho com que lida com as crianças é reflexo direto dessa dignidade.

A dignidade em *Korczak* é tão forte e verdadeira, que encaixa perfeitamente em todas as descrições dadas por Todorov a respeito desse conceito. Escrevi anteriormente que dignidade é algo

um tanto abstrato, e que varia de pessoa para pessoa; mas nesse caso ela parece ficar de maneira absolutamente clara, e Korczak se apresenta como um portador inato dessa dignidade.

Uma das características de uma pessoa digna está na insubmissão às ordens. Vários exemplos desse comportamento aparecem na figura do pedagogo; além do já citado anteriormente, quando ele se recusa a utilizar a estrela de Israel no braço, temos o momento em que ele grita com um soldado nazista que bate covardemente em uma criança. A maneira com que Korczak se dirige ao soldado poderia tranquilamente lhe garantir a morte, mas a reação do alemão é de susto, e no mesmo momento ele para de bater.

Outro exemplo de insubmissão às ordens está no momento em que roubam a carroça de batatas do orfanato. Korczak vai até um oficial nazista e exige que devolvam a carroça de volta; mesmo recebendo uma resposta negativa ele insiste, até ser agredido pelo policial e ser levado à prisão. Essa forma de ir contra uma ordem vigente reforça o caráter de dignidade do pediatra e mantém os seus princípios intocados.

Todorov compara essa relação dignidade-princípio ao afirmar: “(...) pode-se definir a dignidade como a capacidade de satisfazer por seus atos os critérios interiorizados. A dignidade tornar-se-ia, então, um sinônimo de respeito por si mesmo” (TODOROV, 1995, p. 76). Seguindo os seus princípios interiores, Korczak mantém-se digno consigo mesmo.

A dignidade de Korczak também é refletida no fato de ele interessar-se completamente pelos outros. Como já mencionei anteriormente, a dignidade tem íntima relação com o cuidado; Todorov comenta essa relação e vê que “o acordo entre cuidado e dignidade é perfeitamente possível” e que “o cuidado que dedico aos meus próximos me confirma, a meus próprios olhos, na dignidade.” (*idem*, p. 119). Essa dedicação pelo próximo é evidente durante todo o filme e tem como base a dignidade intocável de

Korczak; desde amparando uma criança que não consegue dormir, até quando arrisca a própria vida para dar de comer aos órfãos.

Outra maneira de se manter a dignidade está na liberdade de escolha do indivíduo. Embora fosse possível fugir do gueto (ele teve várias propostas de ser contrabandeado para o lado de fora), Korczak mantém a sua liberdade de decisão, a partir do momento em que continua as suas atividades de médico e de educador mesmo com a mudança para o gueto. Essa opção ajuda a preservar a integridade do seu trabalho e o orgulho de cuidar das crianças.

Mas o *clímax* dessa liberdade de escolha está no final do filme. Já vimos que o suicídio é uma forma de preservar essa liberdade, e embora – Korczak não se tenha suicidado –, a opção de seguir para Treblinka é uma mostra de que o médico aceitava morrer, contanto que fosse junto com as crianças. Ele tinha a opção de sobreviver, pois havia recebido um passaporte suíço, mas essa última escolha coroou e manteve intacta sua dignidade. Esse é um ato não só digno, mas também de cuidado, que será tratado em seguida.

Korczak é também um perfeito exemplo de cuidado, e isso fica óbvio quando se assiste ao filme e se estuda a sua história de vida. O cuidado que o médico tinha com as crianças, e com todas as pessoas à sua volta, assemelha-se ao de Oskar Schindler, embora de maneiras diferentes. Korczak tinha uma relação direta com as crianças, ao passo que Schindler não conhecia as pessoas de que “cuidou” através do seu ato.

Ao analisarmos todas as colocações de Todorov a respeito do cuidado, é possível perceber que Korczak preenchia todas, da mesma forma que a dignidade. Embora o cuidado e a dignidade estejam interligados, as atitudes do médico para com as suas crianças não precisavam de aprovação interior; ele fazia aquilo para ajudar unicamente as crianças e não para confortar a própria consciência.

O ato final, quando Korczak vai no trem com os órfãos, é sem dúvida o extremo do conceito de cuidado. O médico abdica da própria vida para cuidar das crianças até o fim; a morte é apenas um detalhe, o vital é estar junto com elas e cuidar de todas. O final do filme representa o máximo que se pode atingir das duas virtudes cotidianas analisadas até agora.

A terceira virtude cotidiana, atividade de espírito, é praticamente inexistente, e ocorre apenas em dois momentos do filme. A história toda, da mesma maneira que em *A Lista de Schindler*, é contada de maneira fria e direta; mesmo quando uma cena é levemente humorada, o que é raríssimo, ela é mostrada sem maiores detalhes, ficando quase imperceptível.

Um dos momentos em que essa contemplação da beleza acontece é na apresentação que as crianças fazem da peça “O Correio”, do indiano Rabindranath Tagore. O objetivo de Korczak é, através da atividade espírito, elevar as crianças e prepará-las para a morte, um dos temas centrais da peça. O outro momento em que a atividade de espírito se faz presente está no final imaginado por Wajda, quando Korczak e suas crianças saem do vagão e correm por um campo, livres de qualquer problema. Esse momento de beleza, além de não ser verdadeiro – afinal todas as crianças morreram em Treblinka – é apenas acessível para os espectadores que assistem ao filme; nenhum personagem vivenciou de fato o que aconteceu. Além disso, durante o filme não há nenhum momento em que se tenha essa elevação moral por parte de algum personagem, a história se passa de maneira fria e distante de qualquer manifestação de beleza.

8. O Pianista e as Virtudes Cotidianas

O filme *O Pianista*, do diretor polonês Roman Polanski, conta a história de Wladyslaw Szpilman, um conhecido pianista na Polônia pré-guerra. Durante a ocupação nazista, Szpilman e a sua família são transferidos para o gueto de Varsóvia, onde ficam um

tempo até serem levados para um campo de morte. Wladyslaw é separado da família antes de seguir para o campo e passa a sobreviver de favores de terceiros. Posteriormente, quando a situação da guerra se agrava para o lado alemão, o pianista é obrigado a fugir e se esconder até o final da guerra.

Todorov dá três explicações básicas ao analisar o conceito de dignidade: a liberdade de escolha, o que pode acarretar o suicídio, a insubmissão às ordens e o interesse pelo próximo. Sob essa ótica, não faz sentido dizer que Szpilman era uma pessoa sem dignidade, mas o caminho que ele seguiu durante a guerra não permitiu que ele demonstrasse essa dignidade de maneira clara.

Szpilman não teve opção de escolha durante o filme; revoltar-se contra os nazistas era suicídio e ainda comprometeria a sua família; por isso, a liberdade de escolha era extremamente limitada, senão nula. Esse panorama perdura até o final do filme; Wladyslaw não tem opção, pois está sempre sozinho. Por isso, se analisarmos a dignidade pela ótica da liberdade, o protagonista vê-se em um beco sem saída; ele não tem opção de escolher o seu futuro até mesmo no momento que embarca no trem com a sua família. Mesmo querendo entrar no trem, ele é barrado por um dos guardas que o conheciam. Depois dessa separação, a liberdade é ausente, resta a sobrevivência a todo custo com a esperança de um reencontro com os seus familiares.

Szpilman também não se encaixa na outra definição de dignidade proposta por Todorov: a insubmissão às ordens. Durante todo o filme, o protagonista é submisso e reponde passivamente quando sofre algum tipo de violência por parte dos nazistas. O fato de ele querer manter-se vivo a todo custo é um dos motivos dessa passividade; ao revoltar-se contra um soldado, Szpilman seria morto na certa.

A terceira definição de dignidade é o interesse pelos outros, e é aí que reside a dignidade de Szpilman; isso fica mais claro no início do filme, antes de ser separado da sua família. O fato de o

protagonista ter liberdade de escolha, ainda que limitada à sua família, permite a ele realizar atos dignos; por exemplo, ao tirar visto de trabalho para a sua família, ainda que por meios ilegais, e garantir maiores chances de sobrevivência para todos; ou quando arrisca a própria vida ao pedir a libertação do seu cunhado, preso por desacato. Essas atitudes, por menores que sejam, demonstram que Szpilman é uma pessoa digna. O problema é que os acontecimentos posteriores não permitem ao protagonista exercer essa dignidade, ele fica sozinho e sem qualquer liberdade de escolha, restando apenas sobreviver em meio à guerra.

Como foi mencionado anteriormente, a dignidade do personagem se faz presente no início do filme, quando o protagonista está junto da sua família; essa dignidade vem aliada a outra virtude cotidiana estudada, o cuidado. É durante o tempo que a família passa no gueto que Szpilman evidencia essa virtude; os exemplos dados anteriormente (vistos de trabalho para todos, e a libertação do seu cunhado) são demonstrações claras de cuidado.

Mas o que mais se sobressai no filme no que concerne ao cuidado está no lado inimigo. Quando a guerra chegava ao fim, um oficial do alto comando nazista encontra Szpilman escondido em uma casa; em vez de matá-lo ou prendê-lo, o oficial decide mantê-lo vivo. Mas a atitude do oficial não para por aí; ele passa a trazer alimento e cobertores para Szpilman e o mantém atualizado sobre as notícias da guerra. Essa atitude de cuidado é uma das mais comoventes entre os três filmes estudados; o oficial fez isso puramente por bondade. Ele sabia que a guerra estava chegando a um fim e que ele seria preso; mesmo assim ele ajuda um inimigo sem pedir nada em troca.

Esse exemplo serve não só para ilustrar o que é o cuidado, mas também demonstra que essa virtude é possível em qualquer circunstância; o cuidado se estende para qualquer tipo de situação, por mais que seja contraditório com a lógica. Para o oficial nazista, não importava mais se a pessoa que ele encontrou era judia ou não,

importava que era um ser humano e que estava precisando de ajuda; a bondade, correspondente direta do cuidado, prevaleceu sobre qualquer sentimento.

A terceira virtude cotidiana, atividade de espírito, tem um papel fundamental no filme; e o fato de o protagonista ser um pianista contribui para essa influência de maneira decisiva. Polanski trabalha com o contraste entre a beleza da música e o horror da guerra em vários momentos do filme.

O primeiro momento em que há essa contemplação da beleza por parte do protagonista é exatamente quando ele não está tocando piano. Depois de passar meses trabalhando sob condições desumanas, e exausto fisicamente, Szpilman consegue abrigo na casa de Dorota. Ao acordar uma manhã, o pianista contempla emocionado a sua amiga tocar a suíte número 1 de Bach, e parece esquecer-se de tudo o que está acontecendo ao seu redor. Todorov vai mais longe, e acrescenta a essa fuga o sentimento do universal que a arte transmite: “Não se trata apenas do poder de evasão da música (momentânea e ilusória), mas do sentimento de que com isso se faz existir um pouco mais de beleza no mundo, por meio do qual se participa do universal.” (TODOROV, 1995, p. 110)

Em outros momentos do filme esse escapismo proveniente da música se realiza apenas na imaginação de Szpilman. Ele toca um piano que não existe, mas que produz no seu espírito a mesma sensação de libertação que teria se tocasse de verdade. No filme *Um Sonho de Liberdade* (1994), o protagonista, preso injustamente, fala da impossibilidade de se tirar a música de um prisioneiro: “Essa é a beleza da música, eles não podem tirar isso da gente”.

O oficial nazista que ajuda Szpilman também passa por essa situação ao ouvir o pianista tocar uma música. O filme para por um momento e permite, não só ao oficial da Wehrmacht, mas ao público que assiste, contemplar a beleza da música que Szpilman toca. A situação torna-se paradoxal: o soldado nazista, aquele que

mata, é quem se emociona; da mesma forma que o cuidado, a atividade de espírito é acessível a todos.

9. Conclusão

Ao iniciar este trabalho, tinha como foco a análise dos filmes *A Lista de Schindler*, *Korczak* e *O Pianista* a partir da perspectiva de herói que Tzvetan Todorov expunha no livro *Em Face do Extremo*. Ao entrar em contato com a obra, percebi que Todorov apenas introduz a questão do herói para de fato se aprofundar naquilo que ele chama de virtudes cotidianas. É nessa área que ele concentra seus argumentos, e é dela que eu acabei me servindo para analisar os três filmes.

Pude encontrar diversas relações entre as três virtudes cotidianas: *dignidade, cuidado e atividade de espírito*, com os três filmes analisados. Algumas apresentam uma forte conexão, como por exemplo a dignidade do personagem de Janusz Korczak no filme *Korczak*, o cuidado de Schindler em *A Lista de Schindler* e a presença marcante da atividade de espírito em *O Pianista*; nesses casos, embora coexistam em cada filme, essas virtudes apareceram de maneira mais clara, permitindo uma análise mais aprofundada.

É claro que essa “classificação” é um tanto abstrata e pode variar de acordo com o ponto de vista de cada pessoa. Por isso, procurei fazer uma análise direta, sem entrar em questões filosóficas que poderiam obscurecer as relações que procurei estabelecer entre os filmes e as virtudes cotidianas.

Através dessas análises, pude concluir que as virtudes cotidianas permeiam os três filmes, mas se apresentam de maneiras diferentes. A dignidade é, sem dúvida, a virtude mais complexa e difícil de aplicar aos filmes. Com exceção do filme *Korczak*, foi complicado atestar a sua presença de maneira convincente em *A Lista de Schindler* e *O Pianista*. Mesmo Todorov tem dificuldade de dar um conceito abrangente à dignidade, por isso a divide em várias vertentes.

O cuidado, por outro lado, é um conceito mais claro, pois é possível vê-lo sendo realizado. O filme *Korczak* é o perfeito exemplo disso; por todo o filme o médico e pedagogo é um verdadeiro símbolo do cuidado que uma pessoa pode ter com o próximo. Oskar Schindler foi também um exemplo disso a partir do momento em que decide usar todo o seu dinheiro para salvar vidas.

A atividade de espírito, embora seja um conceito abstrato como a dignidade, não foi difícil de perceber durante os filmes, principalmente em *O Pianista*. O contraste entre o horror de uma guerra e a beleza de uma música tocada no piano (seja ele imaginário ou não) evidencia a presença da atividade de espírito no personagem de Szpilman.

A guerra é sempre o momento em que o sofrimento e a violência são, infelizmente, fatores onipresentes, e no meio de tudo isso é que as virtudes cotidianas, por menores que possam parecer, têm destaque. Por isso, termino este trabalho com uma frase de Todorov a respeito da bondade, sentimento que permeia as três virtudes cotidianas, e é fundamental para a humanidade, especialmente durante uma guerra:

Felizmente, além do bem e do mal, há “a bondade humana na vida de todos os dias. É a bondade de uma velha que, na beira da estrada, dá um pedaço de pão para o condenado que passa, é a bondade de um soldado que estende o cantil para um inimigo ferido, a bondade da juventude que tem piedade da velhice, a bondade de um camponês que esconde um velho judeu em sua granja” (GROSSMAN, 1983, apud TODOROV, 1995). A bondade de um indivíduo para com o outro, a bondade sem ideologia, sem pensamento, (...) que não pede que o beneficiário a mereça. Essa bondade é o que

há de humano no homem, e perdurará enquanto os homens existirem. (TODOROV, 1995, p. 128)

Referências

200 CRIANÇAS DO DOUTOR KORCZAK, AS. Korczak. Dirigido por Andrzej Wajda. Produzido por Wolfgang Hantke e Janusz Morgenstern. Polônia: British Broadcasting Corporation (BBC), 1990. 1 DVD (115 min).

EDELMAN, M. e KRALL, H. *Memoires du ghetto de Varsovie* (incluindo *Prende le bon Die de vitesse*). Paris, Scribe, 1983.

GROSSMAN, V. *Viet et destin*. Paris, Julliard-l'Age d'homme, 1983.

LENGYEL, O. *Souvenirs de l'au-delá*. Paris, Bateau ivre, 1946.

LISTA DE SCHINDLER, A. *Schindler's List*. Dirigido por Steven Spielberg. Produzido por Branko Lustig, Gerald R. Molen, Irving Glovin, Kathleen Kennedy, Lew Rywin. Hollywood, CA: Universal, 1993. 1 Blu-Ray (195 min), color.

MICHEELS, L.J. *Doctor 117.641*. New Haven-Londres, Yale UP, 1989.

PIANISTA, O. *The Pianist*. Dirigido por Roman Polanski. Produzido por Roman Polanski, Robert Bernmussa e Alain Sarde. França, Polônia, Alemanha, Inglaterra: R.P. Productions, 2002. 1 Blu-Ray (150 min), color.

TODOROV, Tzvetan. **Em Face do Extremo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

STEINER, J. – F. *Varsovie 44*. Paris, Flammarion, 1975.

UM SONHO DE LIBERDADE. *The Shawshank Redemption*. Dirigido por Frank Darabont. Produzido por Niki Marvin. Hollywood, CA: Castle Rock Entertainment, 1994, 1 Blu-Ray (142 min), color.

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł ma na celu analizę filmów Lista Schindlera (1993), Pianista (2002) oraz Korczak (1990) pod kątem książki „Wobec skrajności” (1995) bułgarskiego teoretyka literatury Tzvetana Todorova. Autor przedstawia w niej rozróżnienie pomiędzy czynami bohaterskimi, popełnianymi w imię ideału, a tzw. ‘czynami codziennymi’, w których pojawia się wysiłek indywidualny podejmowany na rzecz innego człowieka. To w oparciu o te czyny Todorov za cnoty ‘codzienne’ uznaje: godność, troskę i wrażliwość. W artykule autor stara się wytkumaczyć sens tychże cnót i podać przykłady prawdziwie bohaterskich postaw w kontekście II wojny światowej, posiłkując się fabułą wymienionych filmów.

POESIA DE THERESA KOLBE

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Um dia recebi um livro, que uma senhora desconhecida por mim me enviou através do correio. Foi um presente muito agradável. O livro veio acompanhado de uma carta mui gentil, escrita pela autora dessa obra. Pensei que essa poetisa brasileira, não me conhecendo, expressou uma cordialidade que é típica dos brasileiros. Era um livro de poesia. Já faz tempo não tenho contato com esse tipo de literatura. Pessoalmente aprecio muito os livros da História.

Quando comecei a ler os poemas e meditar sobre os temas abordados, fiquei muito entusiasmado. Entre muitos poemas, encontrei três que despertaram o meu sentimento patriótico. Depois de terminar minha leitura, dirigi o meu olhar para a capa e o sobrenome da autora dos poemas. Thereza Kolbe. Comecei a pensar que a autora devia ser descendente de alemães. Mas os três poemas mencionados acima começaram a despertar mais a minha curiosidade. Se a autora dos poemas fala sobre a casa de Chopin e Copérnico, então, quem sabe, pode ser uma pessoa de descendência polonesa. A Polônia tem um santo do tempo da Segunda Guerra Mundial – São Maximiliano Maria Kolbe. Numa das visitas à Polônia, o Sumo Pontífice o Papa João Paulo II chamou São Maximiliano de patrono do nosso tempo difícil. Pensando sobre este santo, escrevi uma carta à autora para lhe agradecer pelo presente e perguntar a respeito da sua origem étnica.

Eis a resposta que a poetisa Theresa Kolbe enviou a respeito

· Redator da revista *Polonicus*.

da minha indagação:

“Agora o senhor quer que eu fale uma linha de mim
e eu que nem uma linha sei falar de mim?”

se sou alemã, sim sou
se sou polonesa, sim sou
se sou parente próxima de um Santo admirável
com grande honra sou sim
mas sobretudo sou uma aplicada leitora de nossa Wislawa
Szymborska mal descoberta e logo brotam entre nós afinidades
enormes e um carinho dobrado pela sua obra, sua vida (agora
mesmo estou com ela ao meu lado fumando sorrindo e me olhando
com seu olhar esfíngico)”.

que fazer desta linha onde o senhor quer que me descreva?
talvez o melhor mesmo seja lhe mandar mais um poema
(que não está no livro que lhe mandei mas em outro
e fala do nosso encontro com a digníssima

RAINHA EM JASNA GORA

*a banda real anuncia
A Rainha!
e a Rainha da Polônia
se apresenta
visão e sonho se entrelaçam
tremo ao vê-La
com o filho pequeno
assim tão serena
o gosto de sal
lhe queima os lábios
e a pele morena*

*o olhar de quem sabe
o rumo que as coisas levam
ondas fora do comum
navegamos sem alarde
enquanto doce e grave
Ela nos abençoa
com o nosso destino traçado*

dezembro de 2003

assim o senhor pode ver que estivemos lá, um dia
peregrinos ainda somos e seremos
sem ser nada mais que um sonho”.

A resposta da poetisa Thereza Kolbe não me deixou na minha curiosidade plenamente satisfeito. Fica esta indagação: uma brasileira escreve alguns poemas ligados à minha terra natal e, quando pergunto para saber mais a respeito da sua descendência, ela me responde na altura da poesia. Os homens, as mulheres – que realizam sua paixão, escrevendo seus textos, seja poesia, prosa, ou outro tipo de literatura – sempre deixam a indagação incompleta do leitor. Quem é afinal o autor desta obra? E esta pergunta fica sem receber plena resposta, que daria ao leitor um pouco mais de satisfação. Quem é a Thereza Kolbe? Uma poetisa brasileira que entregou aos seus leitores o sétimo volume de sua poesia. Apreciando a beleza dessa obra literária, ao mesmo tempo temos a oportunidade de conhecer a autora através de seus poemas... Não, é mesmo?

Assim, registro aqui embaixo esses dois poemas, que despertaram em mim a minha polonidade e ao mesmo tempo a curiosidade para conhecer mais a autora desses belos poemas.

NA CASA DE CHOPIN

*tudo é emoção
o carro que nunca termina
de correr pelo campo que se alonga
sim termina
como o vento
atravessamos o jardim
a porta aberta
você nos convida
a sentar no melhor lugar
na sala brotam imagens
nosso turbilhão aos poucos
vai se aquietando
estamos em sua casa, Chopin
uma jovem oriental brilha
como a lua entre o teclado
e o jardim quase um bosque
onde ainda nos encontramos com
sua música em ondas e ondas
respiram fundo as galáxias
sei que estou viva estamos
juntos em pleno sonho
o momento é divino
o momento é nosso
ninguém nos toma
são reais os olhos que me olham?
a subir e a descer pela intimidade
de seu santuário onde você nos acolhe
abro os olhos
sim é verdade
tomei suas mãos nas minhas
este retrato aqui é prova*

*you com seu romântico encanto
alvo como os lírios do campo
eu com meu traje vermelho
encarnado*

CASA DE COPÉRNICO

*batemos à porta
era um dia especial
mas Copérnico não estava
na parede a placa
DOM KOPERNIKA
Casa de Copérnico
rumor de passos
rumor de passos desconhecidos na rua
vai ou vem essa flecha?
o flash dispara e leva
nós dois para o fundo da máquina
aqui fora as folhas se movem
desembocamos em plena tarde
ruas igrejas sobem e nos surpreendem
somos dois peregrinos apaixonados
que despertaram noutra cidade
desarmando obstáculos
dupla sobre cristais a caminhar
procurando luvas para as mãos frias
num vai e vem de asas
tudo é passagem
o trem parte
atrás dele a correr
pela estação de pedra
quase quase Copérnico nos pega
com as guloseimas da terra*

RESUMO – STRESZCZENIE

Thereza Kolbe oddała brazylijskiemu czytelnikowi w 2012 r. kolejny tom poezji. Jak wskazuje sam tytuł omawianego dzieła, to już jest siódmy jej tom zawierający jej poezję. W tomiku spotykamy dwa wiersze dedykowane słynnym Polakom: Chopinowi i Kopernikowi. Poetka wpisuje się na listę, gdzie spotykamy wielu brazylijskich ludzi pióra poświęcających Polsce lub Polakom swoje dzieła.

MITIFICAÇÃO DO REAL¹

Bruno SCHULZ

O ser do real é o *sentido*. O que não tem *sentido* não é real para nós. Cada fragmento do real vive graças a sua participação em algum *sentido* universal. É o que as antigas cosmogonias exprimiam com a máxima de que no princípio era o verbo. O inominável não existe para nós. Dar nome a uma coisa é incluí-la em algum sentido universal. A palavra isolada, palavra do mosaico é um produto tardio, já é um resultado da técnica. A palavra primordial era um delírio girando em torno do sentido da luz, era uma grande totalidade universal. A palavra no sentido corrente de hoje é só um fragmento, um resíduo de uma antiga mitologia que abarca tudo, uma mitologia integral. Por isso ela aspira ao recrescimento, à regeneração, à complementação para o sentido pleno. A vida da palavra consiste em que ela enrijece, estica para mil ligações, como o corpo esquartejado de uma serpente lendária cujos pedaços se procuram na escuridão. Esse organismo da palavra, de mil partes e integral ao mesmo tempo, foi dilacerado em vocábulos e sons singulares, em linguagem cotidiana e, nesta nova forma, empregado para os fins práticos, chegou até nós já como um órgão de comunicação. A vida da palavra, a sua evolução, foram colocadas em novos trilhos, os trilhos da prática de vida, e sujeitas às novas normas. Mas, quando as ordens da prática afrouxam de

¹ Título original: “Mityzacja rzeczywistości”. O ensaio foi publicado pela primeira vez na revista *Studio*, no. 3-4, 1936. A tradução foi feita a partir da edição: Bruno Schulz, *Opowiadania. Wybór esejów i listów (Contos. Seleção de ensaios e cartas)*. Edição de Jerzy Jarzębski. Wrocław: Zakład Narodowy im. Ossolińskich, 1989.

algum modo seus rigores, quando a palavra, liberta dessa obrigação, fica entregue a si mesma e tem seus direitos restituídos, então ocorre nela uma regressão, uma corrente regressiva, e ela procura reestabelecer as suas ligações antigas, completar-se num *sentido* – e esta aspiração da palavra ao seu próprio recanto, esta sua saudade regressiva, a saudade da protopátria verbal, chamamos de poesia.

A poesia – são os curtos-circuitos do sentido entre as palavras, a regeneração repentina dos mitos primitivos.

Manejando a palavra corrente, esquecemos que se trata de fragmentos das histórias antigas e sempiternas e que, como os bárbaros, construímos nossas casas com os pedaços das esculturas e estátuas dos deuses. Os nossos mais lúcidos conceitos e definições são derivados distantes dos mitos e das histórias antigas. Em nossas ideias não há nem uma migalha que não derivasse da mitologia, que não fosse uma mitologia metamorfoseada, mutilada, transsubstanciada. A mais primitiva função do espírito é a fabulação, é a criação das “histórias”. A força motora do conhecimento humano é a convicção de que no fim das suas investigações ele encontrará o sentido derradeiro do mundo. Ele o procura no topo dos seus amontoados e andaimes artificiais. Mas os elementos que usa para a construção já foram usados, já vêm das “histórias” esquecidas e fragmentadas. A poesia recupera esses sentidos perdidos, devolve às palavras o seu lugar e as conecta conforme significados antigos. No poeta é como se a palavra se desse a conta do seu sentido essencial; ela floresce e desenvolve-se espontaneamente de acordo com as suas próprias leis, recupera a sua integridade. Por isso toda poesia é mitificação e procura reproduzir os mitos sobre o mundo. A mitificação do mundo não terminou ainda. Esse processo foi apenas freado pelo desenvolvimento da ciência, empurrado para o leito lateral do rio, onde vive sem perceber o seu verdadeiro sentido. Mas também a ciência não é outra coisa a não ser a construção de um mito sobre o

mundo, porque o mito já está em seus próprios elementos e não temos como sair do mito. A poesia chega ao sentido do mundo *antecipando*, por dedução, com base em grandes e ousadas abreviações e aproximações. A ciência procura alcançar o mesmo por indução, metodicamente, tomando em conta todo o material da experiência. No fundo, ambas perseguem o mesmo fim.

O espírito humano é incansável em glosar a vida com os mitos, em “dar sentido” ao real. A palavra sozinha, deixada a sua sorte, gravita, tende para o sentido.

O sentido é o elemento que faz a humanidade entrar no processo do real. É um dado absoluto. Ele não pode ser derivado dos outros dados. É impossível dizer por que algo nos parece ter sentido. O processo em que o mundo ganha sentido é estreitamente ligado à palavra. A fala é órgão metafísico do homem. Mas, com o tempo que passa, a palavra endurece, se acomoda, deixa de ser condutora de novos sentidos. O poeta restitui às palavras a condução por meio de novos curtos-circuitos resultantes da cumulação. Os símbolos da matemática são uma ampliação da palavra para as novas dimensões. Também a imagem é uma derivada da palavra primitiva, a palavra que ainda não chegou a ser um signo, mas que era um mito, uma história, um sentido.

Costumamos considerar a palavra como uma sombra da realidade, um reflexo. Mais justa seria a afirmação contrária: a realidade é uma sombra da palavra. A filosofia é na verdade uma filologia, ou seja, uma profunda e criativa investigação da palavra.

Tradução de Henryk Siewierski

MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. *Mensageiro de ideais*. Curitiba, 2013, pp. 208.

Cláudia REGINA KAWKA MARTINS

O livro *Mensageiro de Ideais* foi escrito em homenagem ao Pe. Benedito Grzymkowski SChr, da Congregação religiosa da Sociedade de Cristo, sacerdote que nos anos finais da sua vida atuou na paróquia de São João Batista, em Curitiba, falecido no dia 13 de fevereiro de 2013, Quarta-Feira das Cinzas.

A obra foi idealizada e escrita pelo Pe. Zdzislaw, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e também pároco da paróquia São João Batista, em Curitiba, e publicada alguns meses após o falecimento do Pe. Benedito.

Nascido na Polônia, em 1935, e ordenado sacerdote em 1959, Pe. Benedito veio ao Brasil em 1966. Dedicou 47 anos de sua vida ao trabalho missionário no Brasil, onde foi provincial da Sociedade de Cristo na América do Sul e também reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Aqui, segundo o Pe. Zdzislaw, ele procurou ser um “mensageiro e uma testemunha dos valores cristãos”. O convívio e a amizade entre o Pe. Zdzislaw e o Pe. Benedito vem de muito tempo antes do trabalho conjunto na Paróquia São João Batista. Os dois conheceram-se ainda na Polônia, em 1976, e foi o Pe. Benedito que, como superior da Comunidade dos Padres da Sociedade de Cristo na América do Sul, recebeu o Pe. Zdzislaw e mais dois missionários recém-vindos da Polônia, dois anos depois, no aeroporto do Rio de Janeiro.

· Professora de História do Colégio Militar de Curitiba.

Os últimos anos de convívio bastante próximo e a ideia de preservar as manifestações de carinho que começaram a ser postadas, logo após a morte do Pe. Benedito, pelos fiéis da paróquia São João Batista na rede social do Facebook e que também chegavam em forma de texto de diversas partes do mundo foram a inspiração para que o Pe. Zdzislaw escrevesse esta obra. Segundo ele, o objetivo do livro não é apenas apresentar um pouco da vida do Pe. Benedito e sua obra missionária, mas também mostrar como ele era visto pelas mais diversas pessoas, especialmente pela comunidade de São João Batista, em Curitiba. São “textos que expressam o respeito, o amor e a gratidão a esse idoso sacerdote polonês.”

A obra também traz textos do próprio Pe. Benedito, os quais foram publicados no periódico *Eco da Comunidade Polônica Brasileira*, sobre acontecimentos que ocorreram na vida da colônia polonesa no Brasil durante os anos em que ele aqui viveu. Dentre estes, destacamos os textos sobre os preparativos e a visita do Papa João Paulo II a Curitiba, em julho de 1980, que foram cuidadosamente organizados pelo Pe. Benedito.

Na última parte do livro são apresentadas fotos de variados momentos da vida de Pe. Benedito, tanto na Polônia como no Brasil.

Uma obra que cumpre o seu objetivo: “Visto que as pessoas se afastam, surge uma espécie de necessidade interior de consolidar por mais tempo a vida, as ações, o trabalho delas entre nós por mais tempo, para nós, mas também para aqueles com quem alguém permaneceu, travou amizades, trabalhou, serviu e compartilhou os seus ideais...”

**ENTREVISTA COM O EMBAIXADOR DA POLÔNIA,
JACEK JUNOSZA KISIELEWSKI
POR HENRYK SIEWIERSKI**

Henryk Siewierski: Senhor Embaixador, a sua vinda ao Brasil foi um retorno ao país já conhecido, onde anos atrás, como professor universitário tem lecionado e realizado pesquisa científica na área de biologia. Foi um acaso, feliz coincidência ou um retorno desejado?

Jacek Junosza-Kisielewski: Um retorno muito desejado. A primeira minha estadia no Brasil, nos anos 1984-85, proporcionou-me uma única oportunidade para desenvolver a pesquisa dentro da minha especialidade científica, mas, também, ofereceu uma grande chance de conhecer o Brasil e os brasileiros - essa grande nação, com todas suas aspirações e preocupações. Me parece importante e útil quando um diplomata pode assumir sua função já com um conhecimento bastante profundo de um país, sabendo das suas vantagens e dos seus problemas. Essa segunda estadia como embaixador foi para mim, também, uma boa oportunidade para comparar o Brasil dos anos 1980 com o país do início do século XXI e avaliar o caminho percorrido durante esse período de mais de 25 anos.

H.S.: Nos cinco anos da sua missão que está chegando ao fim, pude observar de perto, aqui em Brasília, um salto de qualidade e de quantidade nas atividades culturais da Embaixada da Polônia, que se tornou presente aqui na capital também como um dinâmico centro de cultura. Seria um sinal de uma nova fase nas relações culturais entre a Polônia e o Brasil?

J. J.-K.: Muito obrigado por essas gentis palavras. O desafio da minha missão foi de identificar todos os campos de possível

cooperação entre a Polônia o Brasil e estreitar os laços já existentes nas nossas relações. Obviamente, o campo de cultura apresenta uma dessas grandes oportunidades. Com muito rica tradição cultural da Polônia e com a intensidade e qualidade elevada da vida artística atual temos muito para oferecer aos brasileiros. A comemoração do bicentenário do nascimento de Fryderyk Chopin foi uma brilhante oportunidade para apresentar no Brasil estes dois elementos diferentes: bela herança cultural e muito alto nível profissional dos atuais artistas poloneses. Estou muito satisfeito que a equipe da Embaixada conseguiu reunir muitos habitantes da Capital Federal sensíveis à cultura de alto nível durante os eventos que nós organizamos. Foram não somente os eventos musicais; tínhamos, também, um fiel público no nosso clube de cinema e, graças aos nossos parceiros em Brasília, pudemos apresentar várias exposições no campo de arte plástica.

H. S.: E quanto à ciência, algumas novas perspectivas de intercâmbio e cooperação?

J. J.-K.: A cooperação científica tem um caráter muito especial e depende menos da atividade diplomática do que as outras relações. Nos ambos nossos países as universidades são autônomas e realizam a cooperação internacional sem intermediário das missões diplomáticas. Às vezes, as unidades científicas do Brasil e da Polônia já cooperam faz tempo e em ambas as Embaixadas não temos conhecimento do fato. O caso da minha cooperação com Universidade de São Paulo e Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém em 1984-85 aconteceu exatamente dessa maneira. Sem alguma dúvida, existem vários campos em que a nossa cooperação científica tem boas perspectivas de desenvolvimento. De ambos os lados do Oceano Atlântico temos o mesmo interesse em ciências ambientais, tecnologia verde, nanotecnologia, tecnologia de transporte aéreo e várias outras.

H.S.: Foram tomadas algumas medidas nos últimos anos para incrementar as nossas relações comerciais com o Brasil? Há chance de uma maior presença dos nossos produtos no mercado brasileiro?

J. J.-K.: Para esclarecer a situação atual, preciso voltar ao ano 1989, à nossa abertura democrática, início da nossa economia de mercado e do capital privado na Polônia. Apenas naquele momento nós estabelecemos as novas regras de cooperação comercial internacional, inclusive com o Brasil. Os empresários privados começaram naquele momento de abertura, o que foi muito natural, explorar sobretudo as oportunidades nos países vizinhos - na União Europeia e no Leste, deixando para o futuro as oportunidades fora da Europa. A adesão da Polônia à União Europeia em 2004 ainda fortaleceu essa tendência. Agora, depois de quase nove anos da nossa integração europeia, a situação tornou-se bem diferente. A nossa economia está muito mais forte e mais competitiva do que em 1989, especialmente após os últimos anos muito mais favoráveis economicamente para a Polônia do que para os nossos vizinhos. Somos prontos agora para uma expansão transatlântica, já começamos a expansão à China. Para não dar as declarações não justificadas: a missão comercial polonesa que acompanhou o Ministro das Relações Exteriores da República da Polónia Sr. Radosław Sikorski durante sua visita oficial no Brasil em novembro de 2012 foi a maior na história nossa missão comercial ao Brasil.

H. S.: Quais dos acontecimentos no plano das relações políticas entre a Polónia e o Brasil foram mais relevantes nestes últimos cinco anos?

J. J.-K.: Sou muito satisfeito de poder contribuir para as visitas oficiais dos Ministros das Relações Exteriores: do Chanceler Sr. Celso Amorim na Polónia, em junho 2010 e do Chanceler Sr. Radosław Sikorski no Brasil; a última dessas visitas já foi mencionada. Em novembro 2012, os Ministros Radosław Sikorski e Antônio Patriota assinaram os três acordos bilaterais, inclusive o

Programa executivo do Acordo entre o governo da República da Polônia e o governo da República Federativa do Brasil sobre a cooperação cultural para os anos 2013–2015. Em setembro de 2012, o Ex-Presidente Sr. Luís Inácio Lula da Silva visitou Gdańsk onde recebeu o Prêmio Lech Wałęsa, após uma longa e amigável conversa dos dois ex-presidentes. Que pena que isso não aconteceu durante o período da presidência do L.I. Lula da Silva...

H. S.: Ano passado foi estabelecida aqui em Brasília uma Aditância Militar da Polônia e veio o primeiro adido militar. Qual a justificativa deste empreendimento, lembrando que poucos anos antes foi fechado o nosso Consulado no Rio de Janeiro com a justificativa de contenção dos gastos?

J. J.-K.: Nós atribuímos grande relevância à cooperação dos Ministérios de Defesa. Estabelecer a Aditância Militar da Polônia foi uma decisão de importância mas convém mencionar que essa decisão foi um passo para apenas suprimir uma assimetria; a Aditância Militar do Brasil existe em Varsóvia há muitos anos. Durante a minha missão no Brasil nós conseguimos organizar as recíprocas visitas oficiais dos Ministros de Defesa: a do polonês Sr. Bogdan Klich, em outubro de 2009, e a do brasileiro Sr. Nelson Jobim, em dezembro de 2010. Os oficiais dos dois países visitam as academias militares do país parceiro, trocando as experiências, com intuito, entre outros, de cumprir melhor as missões de paz.

H. S.: Como a presidência da Polônia na União Europeia, em 2011, repercutiu no Brasil?

J. J.-K.: O Tratado de Lisboa modificou significativamente as competências das embaixadas dos Países-Membros e da Delegação da União Europeia quanto a representação da União Europeia no exterior. A presidência da Polónia aconteceu exatamente no momento transitório e o meu grande desafio e da Embaixadora Ana Paula Zacarias da Delegação da UE foi de estabelecer um novo

modelo de cooperação - bem complementar e sem concorrência. Acho que nós conseguimos... A opção da Embaixada da Polônia foi de contribuir durante o período da nossa presidência para o melhor conhecimento da União Europeia no Brasil, o conhecimento, sobretudo, dentro da comunidade acadêmica, entre os jovens. Para mostrar que as dificuldades econômicas atuais apresentam apenas uma doença transitória ao longo de um caminho de desenvolvimento de um grande projeto de paz, de amizade e de abertura a cooperação global. Fico muito grato ao nosso público do Clube do Cinema Europeu e às doze Embaixadas (dos países da UE e de fora da UE) que ofereceram os filmes. Essa nossa iniciativa mostrou que o público brasileiro está aberto a cultura europeia. As minhas palestras sobre a UE nos seis estados brasileiros mostraram, também, um grande interesse dos jovens brasileiros sobre a Europa que apresenta uma grande potencialidade nas nossas relações.

H. S.: Como o Senhor Embaixador avalia a situação atual e as perspectivas futuras das relações com a Comunidade Polonesa no Brasil, a nossa *Polonia Brazylijska*, as perspectivas de apoio da parte dos órgãos governamentais poloneses e de cooperação?

J. J.-K.: *Polonia Brazylijska* é a segunda maior comunidade polonesa do mundo e esse fato é bem conhecido na Polônia. O maior obstáculo nas nossas relações é a diferença de idioma; a Comunidade Polonesa no Brasil é muito antiga em grande sua parte e já não fala bem polonês. Minha forte recomendação para os polono-brasileiros é ir visitar o país dos seus pais e avós. A Polônia mudou muito desde a época dos emigrantes para o Brasil. Tornou-se um país moderno. Sobre a nossa rica tradição cultural já falamos. O que não mudou na Polônia e o que nos aproxima aos brasileiros é a hospitalidade. Manter uma boa cooperação com a comunidade polonesa no mundo inteiro é uma das prioridades do nosso Ministério das Relações Exteriores. Junto com essa declaração vão mudanças institucionais. O orçamento para apoiar essas

comunidades e desenvolver os programas de cooperação passou em 2012, em sua grande parte, do Senado ao Ministério. Então, o dinheiro está agora mais próximo das comunidades, com um papel significativo do Cônsul em processo decisivo.

H. S.: Quando há dois anos soube que o senhor recebeu o título do Cidadão Honorário da Cidade de São Paulo, título raramente atribuído ao embaixador do outro país, pensei que, além do reconhecimento dos seus méritos pessoais, esta distinção pode também significar um reconhecimento da contribuição dos poloneses para a história do Brasil e, ao mesmo tempo, sinalizar uma nova fase das relações entre os dois países, com maior engajamento e maior interesse da parte brasileira pela aproximação com a Polônia. Será que realmente podemos pensar que este interesse está crescendo?

J. J.-K.: Falando sobre essa grande distinção paulistana, preciso exprimir sobretudo meu sincero reconhecimento à Presidenta do Brasil, Exma. Sra. Dilma Rousseff e ao Chanceler Sr. Antônio Patriota por me atribuírem no final da minha missão a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Como o senhor acabou de mencionar, essas distinções apresentam um motivo de satisfação pessoal mas, simbolicamente, podem ser, também, consideradas como expressão de reconhecimento dos esforços coletivos. Embaixador, durante sua missão, apresenta todo o seu país e suas autoridades. O que é avaliado no final da sua missão é o fruto do seu trabalho, mas - novamente - não fruto de um trabalho individual mas um êxito coletivo e um clima geral de cooperação. Sem nenhuma dúvida, esse clima é muito favorável, em grande parte graças aos brasileiros de descendência polonesa e suas contribuições para o sucesso material e intelectual do Brasil. Aproveito essa oportunidade para expressar a todos eles a minha sincera gratidão e despedir-me.

H. S.: Muito obrigado, Senhor Embaixador, por esta entrevista. Quero também agradecer, em nome da Redação da revista *Polonicus*, o seu apoio às nossas publicações, e desejar-lhe muitos sucessos e muitas felicidades nas próximas missões e nos novos desafios.

Brasília, março de 2013.

RESUMO – STRESZCZENIE

W zamieszczonym wywiadzie, przeprowadzonym przez Prof. Henryka Siewierskiego z kończącym swoją misję dyplomatyczną w Brazylii Ambasadorem RP, Prof. Jackiem Junoszą-Kisielewskim, pojawiają się ważne tematy związane z ostatnim 5-leciem stosunków polsko-brazylijskich, w tym osiągnięciami i wyzwaniem we wzajemnych relacjach wynikającymi z nowej polityki zagranicznej UE, realizowanymi programami kulturalnej promocji Polski w Brazylii oraz istotnej w nich roli brazylijskiej Polonii.

COMEMORAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA POLÔNIA EM CURITIBA

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Após alguns dias de chuvas primaveris torrenciais, o Céu preparou para a nossa comunidade polônica curitibana um agradável presente. No dia 11 de novembro de 2012, na manhã do domingo, surgiu o sol, introduzindo em Curitiba e em nossos corações um motivo especial de alegria. Nesse ensolarado dia de domingo, realizam-se as solenidades por ocasião dos 94 anos da Independência da Polônia. O Cônsul-Geral da Polônia, Sr. Marek Makowski convidou a comunidade polônica e os brasileiros – amigos da Polônia para uma solene missa de ação de graças pela Pátria livre e independente! Entre os representantes da sociedade polônica encontram-se presentes membros do corpo consular, bem como amigos brasileiros – tendo à frente o Sr. Orlando Pessuti – ex-governador do Paraná!

A solene Eucaristia foi celebrada pelo reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, Pe. Zdzislaw Malczewski SChr, na igreja polonesa de S. Estanislau Bispo e Mártir em Curitiba (Rua Emiliano Pernet, 463). Foram concelebrantes o Pe. Lourenço Biernaski CM e o pároco local, Pe. Mário José Steffen SVD. O altar-mor estava belamente ornamentado com flores brancas e vermelhas.

A Eucaristia inicia-se com uma procissão até o altar com as bandeiras da Polônia e do Brasil. Jovens polônicos do conjunto folclórico Wisła, festivamente vestidos com coloridos trajes populares poloneses, conduzem com dignidade em procissão os nossos tão amados e respeitados símbolos nacionais. Diante do altar

da Rainha da Polônia e dos Poloneses no Exterior – d’Aquela que da colina de Monte Claro reina sobre Seus filhos na Polônia e dispersos pelo mundo – com respeito e amor os jovens inclinam as suas cabeças juntamente com os nossos estandartes nacionais. O Coral João Paulo II acompanha a nossa procissão entoando um cântico que eleva os nossos corações e o nosso espírito ao Senhor dos Séculos, num sincero e profundo agradecimento pela Pátria livre e independente! As bandeiras dos nossos países amigos são colocadas ao lado do altar. O coral inicia o cântico do hino nacional polonês, ao qual se juntam com voz sonora e com alegria no coração os poloneses presentes no santuário e os descendentes dos nossos valorosos colonos. Após o cântico do hino polonês, o coral entoia o rítmico e melódico hino do Brasil. No seu cântico envolvem-se os nossos amigos brasileiros, juntamente com a numerosa comunidade polônica presente. Um momento de comovente emoção, quando nós poloneses e descendentes de Piast, há gerações residentes em Curitiba, com o coração repleto de alegria e emoção cantamos os dois hinos nacionais. Para mim – emigrante polonês por escolha da vontade e anseio do coração – trata-se de um sinal eloquente e muito significativo. Cantando os hinos da Polônia e do Brasil, expressamos o amor a duas Pátrias: à Polônia e ao Brasil. Para uns, a primeira é a Pátria de nascimento, da moldagem espiritual e patriótica, da educação e por algum período da permanência na comunidade nacional, lá nas margens do Vístula. Para outros, e aqui tenho em mente as pessoas de origem polonesa nascidas no Brasil – nesse país tão hospitaleiro, testado na sincera e histórica amizade para conosco – o cântico do hino polonês com certeza renovou e aprofundou em seus corações aquilo que existe de mais nobre, e que num testamento específico lhes foi transmitido pelos pais. O cântico do hino brasileiro, para os cidadãos do Brasil, é com certeza uma forma de exteriorizar o seu patriotismo e amor para com este país, que não passou por tantas provações históricas como o nosso país. Para os descendentes de Piast aqui nascidos, o cântico

do hino desse país é igualmente uma manifestação do seu amor para com ele e do vínculo com todos os seus cidadãos, que pela sua origem étnica representam aqui propriamente todas as nações do mundo... Para nós poloneses, nascidos no País das margens do Vístula, que vivem e que trabalham no Brasil, o cântico do hino nacional brasileiro também exterioriza algum tipo de sinal característico e ao mesmo tempo simbólico da nossa integração com esta terra repleta de beleza e riqueza e com os seus simpáticos habitantes.

A santa missa é celebrada principalmente em língua polonesa. No entanto, em razão de participarem da solene Eucaristia pessoas que não conhecem a nossa fala (sejam os nossos amigos brasileiros, os representantes do corpo diplomático ou ainda pessoas de origem polonesa aqui nascidas já em sucessivas gerações emigratórias), algumas partes suas são expressas em português. O Coral João Paulo II executou todos os cânticos poloneses. A Palavra Divina foi proclamada alternadamente nas duas línguas. A reflexão religioso-patriótica, por sua vez, foi por mim pronunciada na fala local. Nessa reflexão enfatizei o valor e o significado de duas instituições, que durante o doloroso período das partilhas da nossa Pátria foram capazes de preservar o polonismo e, juntamente com ele, os nossos valores nacionais e patrióticos. Foi justamente graças à família e à Igreja que a nossa Nação sobreviveu ao mais difícil período da sua história. Expressei também a nossa gratidão, o respeito diante do Brasil e dos seus mais nobres filhos que demonstraram à Polônia o apoio e a amizade no período da sombria e longa noite das partilhas. Uma das personalidades mais engajadas aqui no Brasil, bem como na arena internacional, a exigir a liberdade e a independência da Polônia foi Rui Barbosa. Esse nobre filho da nação brasileira, jurista, político, diplomata, muitas vezes – nos seus pronunciamentos públicos no Rio de Janeiro e em Petrópolis – reivindicou a independência para a Polônia. Durante a conferência internacional da Paz em Haia, em

1907, ele levantou a sua voz em prol de uma Polônia livre e independente. Rui Barbosa é o patrono de um Liceu de Educação Geral em Varsóvia. Esse é um dos sinais exteriores concretos de gratidão dos poloneses diante desse grande brasileiro.

Não podemos esquecer muitos escritores e poetas brasileiros que no período da escura noite das partilhas expressaram a sua simpatia diante da Polônia escravizada. Nilo Peçanha, como ministro das relações exteriores do Brasil, desempenhou um importante papel nos contatos diplomáticos em favor de uma Polônia livre. Foi justamente através dele que, no dia 17 de agosto de 1917, o presidente do Brasil Venceslau Brás expressou a sua solidariedade na busca do reconhecimento da independência polonesa. O presidente enfatizava que, após tantos sofrimentos impostos à Polônia por potências estrangeiras, após o derramamento de tanto sangue na defesa da independência de outras nações, ninguém tinha o direito de negar que os poloneses possuísem a sua própria pátria.

Contata-se que do lado brasileiro tivemos muitos sinceros e devotados amigos e defensores da nossa independência. Igualmente é um fato que na então capital do país, no Rio de Janeiro, os representantes do mundo da política brasileira demonstravam muita simpatia e respeito ao marechal Józef Piłsudski. Vale a pena lembrar o presidente Getúlio Vargas, que, ao organizar o Estado Novo em 1937, proclamou uma nova constituição autoritária, que se inspirou na constituição polonesa do marechal Józef Piłsudski. Embora essa constituição do Brasil tivesse recebido a denominação pejorativa de “Carta Polaca”, para nós, poloneses, isso expressa um significado simpático.

Convinha também lembrar as manifestações da unidade, do amor da parte dos brasileiros de origem polonesa ao país dos seus antepassados. Citei uma representante da comunidade polônica, residente em Santana, perto de Cruz Machado, no Paraná, que nos anos 80 do século passado escrevia dos vínculos com a Polônia em

sua poesia intitulada “Não nos esqueceremos da nossa Pátria”. Os descendentes dos colonos poloneses não se podem esquecer dos seus irmãos que vivem além do oceano, na velha Pátria, porquanto é dali que provêm as suas raízes. A poetisa escreve da necessidade de pagar uma dívida de gratidão. Gratidão por quê? Afinal todo polonês, independentemente do lugar do seu nascimento, “recebeu nos genes”, dos seus antepassados, toda uma riqueza de cultura, fé, tradição. Não é possível libertar-se com facilidade de tudo que é característico de todos aqueles descendentes do tronco de Piast. Como comunidade polônica, temos muitas razões de orgulho da nossa origem polonesa. Poucos têm sido os acontecimentos, nos nossos mais de mil anos de história, dos quais possamos nos envergonhar. Muito pelo contrário: os acontecimentos, as pessoas, os lugares relacionados com os nossos irmãos devem ser para nós motivo de especial orgulho! Como poloneses e descendentes dos colonos poloneses, rezamos pela Polônia, mas também pelo Brasil, porque diante dele temos também uma dívida de gratidão! Uma dívida histórica, mas também atual! Que sobre os nossos dois países amigos desça a bênção divina e a proteção da Madona Negra, que tem o Seu santuário em Jasna Góra e em Aparecida.

No final da solene Eucaristia, o Sr. Cônsul-Geral Marek Makowski dirigiu a sua palavra aos presentes e entregou altas distinções polonesas a representantes da coletividade polônica: aos senhores Marcos Domakoski e Sergiusz Sikorski, que expressaram o seu agradecimento e a sua cordial gratidão. Após a bênção, o Coral João Paulo II entoou o tradicional cântico “Deus, que a Polônia...”.

Logo após a missa, todos os participantes dirigiram-se ao salão paroquial, onde participaram de um coquetel oferecido pelo Consulado-Geral. Foi uma ocasião para o reencontro de velhos conhecidos e amigos. Da mesma forma que em outras ocasiões desse tipo, nas conversas entrecruzavam-se não apenas manifestações de profunda amizade, de longos anos de conhecimento, mas também ressoavam alternadamente a língua

polonesa e a portuguesa. As agradáveis conversas e as lembranças sentimentais prolongaram-se por longo tempo...

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł, autorstwa rektora PMK w Brazylii, stanowi sprawozdanie z obchodów Dnia Niepodległości Polski, 11 listopada 2012 roku. Autor omawia pokrótce program obchodów (częściowo dwujęzycznych), wymienia niektórych spośród ich najważniejszych uczestników oraz tłumaczy nadal żywe zainteresowanie potomków polskich imigrantów Ojczyzną przodków.

CÔNSUL GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA SR. MAREK MAKOWSKI VISITA OS POLÔNICOS EM IJUÍ-RS

Marli MEIGER SIEKIERSKI

Atendendo convite do Centro Cultural Polonês Karol Wojtyła, o Cônsul Marek Makowski participou no dia 12-10, Dia dos Poloneses e dos Austríacos no Parque de Exposições Wanderley Agostinho Burmann de Ijuí-RS.

No início da manhã, o Sr Cônsul foi recebido na entrada do parque de exposições por um grupo de polônicos, entre eles o presidente da etnia polonesa Sr Claudio Kusiak.

A recepção foi feita seguindo a tradição polonesa da saudação do pão e do sal. Após saudar as Embaixatrizes da UETI, União das Etnias de Ijuí, entre elas a representante da etnia polonesa, a jovem Catiane Oster e o Mascote que fazia a recepção no Centro Administrativo do parque, o Cônsul Polonês dirigiu-se a Dom Polski, Casa da Cultura Polonesa onde após elocução do Hino Nacional Polonês pelos integrantes do grupo de canto Zgoda, fez uso da palavra a responsável pelo Departamento Cultural da Sociedade Polonesa, Professora Marli Meiger Siekierski que saudou o nobre visitante, destacando a importância para comunidade polônica de Ijuí receber o representante do Governo da República da Polônia no Brasil, Cônsul Marek Makowski, destacando que a última visita do consulado deu-se há 12 anos, tendo sido ele, Marek, o Cônsul visitante quando desempenhava função no ano de 2000. Marli destacou que os poloneses fazem parte dos povos que colonizaram Ijuí (Ijuhy) a partir de ano de 1890, portanto há 122 anos e que aqui constituíram a comunidade polonesa da antiga

Linha 1, hoje distrito de Santana. Ela historiou a atuação dos poloneses nos 25 anos de existência do Centro Cultural Polonês Karol Wojtyła, ressaltando o respeito e admiração pela pátria mãe dos ancestrais, o resgate, valorização e expressão da cultura polonesa na gastronomia, dança, canto, religiosidade, entre outros. Destacou a dificuldade em manter a língua e as canções polonesas, uma vez que muitos dos poloneses que cultivavam este tipo de expressão faleceram. Lembrou que todo o trabalho desenvolvido até então é voluntário. Destacou a bela atuação dos grupos de danças folclóricas, o Grupo Piast fundado em no dia 14 de agosto de 1987 e o Grupo Krakus fundado no dia 7 de janeiro de 2003.

Ao fazer uso da palavra, Marek Makowski enalteceu o trabalho desenvolvido pelos integrantes dos diversos setores do Centro Cultural Polonês colocando-se à disposição para atender o que for da alçada do consulado.

O Presidente Claudio Kusiak solicitou que o Sr Cônsul dedicasse alguns minutos da agenda para apresentar-lhe os projetos desenvolvidos pela casa polonesa.

Também estiveram prestigiando a visita do Cônsul Marek, o Vice-Presidente da Braspol Nacional, Sr André Hamerski e a Professora Wanda Hamerski, de Nova Prata/RS.

Às 10 horas o Cônsul participou da solenidade de abertura da Expojui-Fenadi 2012, uma das maiores e mais completas feiras do Estado do Rio Grande do Sul.

No decorrer da manhã, Marek Makowski manifestou o desejo de conhecer o Distrito de Santana. O acompanharam André Hamerski (Braspol) , Wanda Hamerski , Milton Hermel, Irene Sloczinski e Marli Meiger Siekierski.

Entre os pontos visitados destacam-se a área agrícola, Sociedade Sant'Ana, o Cemitério Santo Isidoro e a Piscicultura Nossa Senhora Aparecida de Estanislau e Ângelo Przybywicz.

Após almoçar na Dom Polski, o Cônsul prestigiou as apresentações do grupos de dança Piast e Krakus de Ijuí e SMO

Polski da Braspol de São Miguel do Oeste, Santa Catarina, além de apreciar animação da Bandinha da Amizade da Capital Polonesa dos Gaúchos, Guarani das Missões. O Cônsul Marek Makowski destinou à Biblioteca da etnia polonesa exemplares de livros, filmes, dicionários, documentários, partituras, músicas e adesivos que simbolizam a Polônia.

As festividades tiveram sequência com o desfile das etnias polonesa e austríaca pelas ruas do Parque de Exposições Wanderley Agostinho Burmann de Ijuí, demonstrando a alegria dos grupos e a integração e amizade existente entre os mesmos.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka przedstawia sprawozdanie z wizyty Konsula Generalnego RP w Kurytybie, pana Marka Makowskiego, w Ijuí (RS) w związku z Dniem Etni Polskiej oraz Austriackiej.

**SOCIEDADE CULTURAL POLONESA
KAROL WOJTYLA:
RESGATE, PRESERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO
DA CULTURA POLONESA
(25 ANOS DE HISTÓRIA)**

Marli T. MEIGER SIEKIERSKI

A partir da instalação da “Colônia Ijuhy” no ano de 1890, os poloneses fazem parte da história de Ijuí. Eles desbravaram as matas que margeiam o rio que empresta o nome ao município, onde construíram suas casas, abriram roça, colhendo o fruto das sementes lançadas.

Desde então, eles vêm contribuindo com a produção agrícola e em outras áreas para o desenvolvimento do município.

Logo que chegaram à antiga Linha 1 (e linhas adjacentes), hoje distrito Santana, os poloneses organizaram-se socialmente fundando a Sociedade Polaca de Santa Anna, em polonês *Towarzystwo Polskie im. Św. Anny*. Construíram igrejas, escolas, ajudaram a abrir estradas e construir pontes.

No período que vai até o ano de 1987, ano da organização do movimento étnico em Ijuí, os poloneses se mantiveram unidos em seu núcleo populacional preservando a religião, a língua, os usos e costumes dos antepassados.

E foi por este motivo que o primeiro desafio para a organização da FENADI, por parte da Comissão da Retomada do Desenvolvimento de Ijuí, foi lançado aos poloneses de Vila Santana, em reunião realizada no final de abril de 1987.

Na oportunidade estiveram presentes o Professor Paulo Afonso Frizzo, da Comissão de Cultura; Valdir Heck, então vice-

prefeito; Padre Jerzy Sowa; Antônio Garzella, presidente da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, e as lideranças da comunidade compostas por Vanderlei Antônio Megier, Lindolfo Rucks, Vera Gombar Meiger e a professora Marli Terezinha Meiger Siekierski.

Este grupo ficou responsável para motivar a comunidade na organização dos poloneses e participação da Expo-Ijuí e FENADI.

No dia 2 de maio de 1987, em reunião realizada na Matriz Sagrado Coração de Jesus de Vila Santana, os poloneses assumiram a participação como grupo étnico polonês na I FENADI.

Na oportunidade foram definidas as comissões para a organização do evento. Participaram da reunião, além dos motivadores da localidade, Sérgio A. Correa, Emílio Lemanski, Ivone Kravszuk Cavalheiro, Irene Szlozinski, Francisco Sikacz, Adão Tadeu Kaminski e Vitoria Kusiak Kaminski, Carlos Brzozowski, Antônio Brzozowski Filho, Estêvão e Anna Kaczmareck, José e Anna Jacoboski, Josefa Megier, Irene Zientarski, entre outros.

Os estatutos foram aprovados no dia 17 de julho de 1988.

De acordo com os estatutos, são sócios fundadores: Delmar Luiz Leviski, João Luiz Karnikowski, Albino Kusiak, Ladislau Wierzbicki, Luiz Kusiak, Francisco Sikacz, Estanislau Przybitowicz, Ernani Kusiak, Luiz Megier, Ceslau Meiger, Vera Meiger, Pedro Zientarski, Irene Zientarski, Jacinta Megier, Loreni Mireski, Joaquim Jacoboski, Vilmar Megier, José Oiczenasz, Mario Schimanski, Ramão Kopezinski, Realda Kopezinski, Jorge Sowa, Geraldo Jacoboski, José Siekieski, Marli Meiger Siekierski, João Siekierski, Orlando Maurer, Carmem Maurer, Estevo Megier e Luis Kosloski.

Além destes, muitos outros descendentes de poloneses participaram das primeiras ações para a organização da etnia polonesa no município.

Maiores informações nos livros de Atas da Matriz Sagrado Coração de Jesus de Vila Santana, da Sociedade Cultural Polonesa Karol Wojtyla, da Sociedade Sant'Anna, nos registros do Grupo Folclórico Polonês Piast, Grupo de Canto Zgoda e Grupo Folclórico Polonês Krakus.

Finalidades:

- promover, cultivar e pesquisar a cultura, os costumes dos imigrantes e descendentes de imigrantes poloneses no município de Ijuí e região;
- promover atividades cívicas, artístico-culturais, sociais, desportivas e folclóricas;
- organizar grupos de historiadores, danças, coral, cânticos populares e religiosos, teatro e música;
- formar uma biblioteca e museu polonês, estimulando a coleção e guarda de objetos, livros e documentos, assim como preservar as construções com arquitetura polonesa e propagar novas construções no estilo;
- manter intercâmbio cultural com as sociedades congêneres.

Sociedade Cultural Polonesa Karol Wojtyla

Os poloneses elegeram como patrono da entidade que os congrega Karol Wojtyla, em homenagem ao Papa Polonês João Paulo II.

Casa Típica Polonesa – Dom Polski

A casa polonesa, chamada Dom Polski, foi construída inspirada em modelos arquitetônicos da zona rural da região de

Cracóvia, Polônia. A edificação foi possível graças a doações dos descendentes de poloneses e auxílio do poder público municipal. O trabalho de construção em forma de mutirão foi liderado por Ladislau Wiezbicki, Pedro Zientarski, Lindolfo Rucks, Antônio Garzella, Luiz Kusiak, Albino Kusiak além de Francisco, Luiz, Vilmar, Antônio e Geraldo Megier e muitos outros descendentes de poloneses. Os detalhes no encaixe da madeira, na colocação das tabuinhas da cobertura, além do cercado do jardim, seguiram orientação do padre Jerzy Sowa, da Polônia, e que atuava como vigário da Matriz Sagrado Coração de Jesus de Vila Santana.

A inauguração da casa polonesa foi realizada oficialmente no dia 12 de outubro de 1987, com hasteamento das bandeiras brasileira e polonesa, seguida de missa concelebrada.

Relação de Presidentes

1. Diretoria Provisória de 2 de maio de 1987 a 24 de abril de 1988, composta pelas comissões de construção e cultural;
2. Delmar Leviski;
3. João Luis Karnikowski;
4. Luiz Kusiak;
5. Pedro Zientarski;
6. Nelson Piasecki;
7. Ladislau Wiersbicki;
8. Lindolfo Rucks;
9. Irene Zientarski;
10. Claudio Kusiak.

Alimentos típicos da Polônia

Os pratos típicos servidos na casa polonesa são: schab; schabowe kotlety; mięso zrazy; ziemniaki ze śmietaną; bigos polski; pierogi; ryż; kluski śląskie; jajka nadziewane; krokiet; kotlet; gołąbki; zimne nóżki; barszcz czerwony; czarnina; sałata; buraczki; majonez mieszany; kapusta; ogórki.

Entre as bebidas, pode ser servido herbata; kawa; piwo; miodówka; sok; wino pomarańczowe (vinho de laranja, uma adaptação dos destilados da Polônia para as frutas brasileiras); a wódka é típica da Polônia, mas, por ser bebida forte, na casa polonesa é transformada na forma de licor.

Sobremesas: jabłka ze śmietaną; sernik; szarlotka z jabłkami; truskawka z śmietaną.

Atividade cultural

A etnia polonesa conta, desde a sua fundação, com o trabalho cultural ligado ao canto e à música desenvolvidos pelo Grupo de canto Zgoda, cujo significado é “Concórdia”.

Os fundadores do Zgoda foram os professores Adão Tadeu Kaminski e Vitória Kaminski (sempre lembrados).

Após o falecimento tanto do Professor Adão, quanto da Professora Vitória, a regência do Zgoda ficou por conta de Edward Burdzinski (sempre lembrado).

Atualmente Mercedes Kuchak coordena o grupo de canto.

Literatura Polonesa (que relaciona Ijuí)

A primeira pesquisa sobre os poloneses de que se tem registro em Ijuí foi feita pelo Padre Antoni Basílio Cuber e pelo Professor Adam Zgraja e consta no primeiro Jornal de Ijuí denominado *Kolonista* (1909-1910) e *Kolonista Polski* (1914).

O Padre Cuber foi quem redigiu um caderno em polonês e que mais tarde foi traduzido como *Nas margens do Uruguai*, trazendo riquíssimas informações sobre os poloneses e outros imigrantes.

CUBER, Antoni. *Nas Margens do Uruguai*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

FISCHER, Martin. *A colonização de Ijuí*. Ijuí, Correio Serrano, 5 de novembro de 1967.

_____. *Etnias diferenciadas na formação de Ijuí*.

IMIGRAÇÃO. *Enciclopédia Rio-Grandense*, 5 v.

LAZZAROTTO, Danilo. *História de Ijuí*. Ijuí. Museu Antropológico Diretor Pestana, FIDENE, 1977. (Cadernos do Museu, 6).

SIEKIERSKI, Marli; LAZZAROTTO, Danilo. *Povoado Santana conta sua história*, 1987.

KAMINSKI, Vitória. *Viagem à Polônia*.

BINDÉ, Ademar Campos. *As etnias em Ijuí: Os poloneses*, 2005, v.2

JORNAL IMPARCIAL – Coluna semanal escrita em polonês e português, redigida pela professora Vitória Kaminski de 2003 a 2005 (maio). Depois pela professora Marli Meiger Siekierski, de 9 de junho de 2005 a 2009, oportunidade em que houve mudança de proprietários do jornal e razão social.

História visual na formação de Ijuí, Rio Grande do Sul, UNIJUI, 1990.

Portal www.ijui.com Blog Marli Meiger Siekierski apresenta algumas registros relacionados.

Grupo Folclórico Polonês Piast

O Grupo Piast possui este nome inspirado nos príncipes da Dinastia dos “Piast”, que efetuaram importantes conquistas e unificaram sob seu poder outras “tribos”. O primeiro Príncipe da Dinastia dos Piast foi Mieszko I,

considerado o fundador do Estado Polonês. Por sua determinação, assegurou as bases para o desenvolvimento econômico e participação política na comunidade dos Estados e dos povos da Europa por volta do ano 960.

O Grupo Folclórico Polonês Piast iniciou os ensaios em julho de 1987. A estreia aconteceu no dia 14/08/1987, quando os três grupos realizaram seu primeiro espetáculo, marcando esta data como dia de seu aniversário.

O Grupo Folclórico Polonês Piast foi fundado por Ceslau Meiger Filho, Vera Gombar Meiger, José Siekierski, Marli Meiger Siekierski, Pedro Zietarski e Irene Zientarski.

Os coreógrafos que trabalharam no grupo: João Luis Karnikowski (apoiado por Maira Karnikowski e Simone Person); Gerson Domingues Genro, Marcos Nowaczyk e Denise Meiger Siekierski.

Atualmente a coreógrafa e coordenadora é a professora Denise Siekierski de Oliveira.

O Grupo Folclórico Polonês Piast tem por objetivo principal valorizar, preservar e manifestar a rica cultura polonesa, através da música, canto e dança. Neste ano estará completando 24 anos de atuação e participando, juntamente com o movimento étnico de Ijuí, das 25 FENADI. Cabe destacar que em toda essa trajetória centenas de jovens aprenderam cultivar o respeito, a responsabilidade, o companheirismo, bem como a alegria e o amor pela cultura e especialmente pelo folclore polonês.

O Grupo Piast faz parte do mosaico cultural de Ijuí. Participante ativo do Centro Cultural Polonês, contribui para o desenvolvimento cultural da comunidade de Ijuí e dos poloneses, além de colaborar na divulgação da rica diversidade cultural que faz o município ser conhecido como “Terra das culturas diversificadas”.

Grupo Folclórico Polonês Krakus

O Grupo Folclórico Polonês Krakus teve seu primeiro ensaio em 7 de janeiro de 2003, na época composto de apenas 6 pares. Eram jovens que acreditaram no sonho e na certeza da formação de um grupo diferente, de uma família tendo como motivo e causa de sua existência a cultura polonesa.

Os dançarinos Rosane Martins e César Nowaczyk Vincensi assumiram a coordenação do Grupo juntamente com os integrantes. Deste então já passaram pela família Krakusiana mais de 60 jovens que com muito carinho e amor são lembrados por terem deixado sua contribuição ao folclore polonês.

É composto por jovens descendentes de várias etnias, mas que falam um idioma universal que não tem fronteira: a dança.

Ao longo de sua existência, o grupo tem recebido muitos elogios pelo ritmo, cor, história de amor, graça e vigor que leva ao palco em suas apresentações de danças nacionais e regionais da nossa amada Polônia.

A família Krakusiana é nova e tem tudo para se fortalecer cada vez mais, pois a determinação e o amor que todos os componentes têm pelo folclore polonês fazem a diferença. Contamos com o carinho de todos que nos conhecem, que participam e que querem contribuir com o grupo. Esperamos escrever também o seu nome na nossa história.

Este é um pequeno histórico da Sociedade Cultural Polonesa Karol Wojtyła, de Ijuí, e de seus departamentos: Grupo de canto Zgoda e Grupos Folclóricos Piast e Krakus.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autora opisuje życie polonijne w mieście Ijuí (RS), gdzie istnieją aktywne stowarzyszenia polonijne promujące

| Crônicas

kulturę polską, polonijne zespoły folklorystyczne, Dom Polski oraz gdzie pielęgnuje się nadal tradycyjną polską kuchnię.

**RELÍQUIAS DO BEATO JOÃO PAULO II NA MISSA
DO IMIGRANTE CELEBRADA
PELO PE. DR. ZDZISLAW MALCZEWSKI SCHR
DURANTE A EXPOIJUÍ-FENADI 2012**

Marli MEGIER-SIEPIERSKI

O dia 21 de outubro de 2012 foi muito especial para as etnias italiana e polonesa, promotoras juntamente com as Paróquias Católicas de Ijuí, da Missa do Imigrante, celebrada no Palco das Etnias do Parque Wanderley Agostinho Burmann. Especial porque foi presidida pelo padre Zdzislaw Malczewski, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil que trouxe da Polônia as relíquias do Beato João Paulo II, o polonês Karol Wojtyła, e as apresentou para veneração aos participantes da celebração religiosa.

Também especial por que contou com a participação do querido Frei Irineu Costella da Matriz São Geraldo de Ijuí, do Prefeito Fioravante Batista Ballin e esposa Gessy, do Vice-Prefeito Ubirajara Teixeira e esposa Natacha, do Presidente da ExpoIjuí Fenadi, Nelson Casarin e esposa Rosinha, das Embaixatrizes dos italianos e poloneses, dos representantes dos 11 grupos étnicos e entidade Querência Gaúcha.

No decorrer da celebração foram rendidas Graças a Deus pelos 122 anos da Colonização de Ijuí, pelos 25 anos da criação do Centro Cultural Polonês e Italiano e dos demais centros que iniciaram as atividades no decorrer do ano de 1987. Também pela realização da 26ª FENADI, pela fé que move e que irmana as diversas nações representadas no evento, as quais num clima de oração, de paz, de preservação

cultural e de alegria rezaram e cantaram em polonês, italiano e português.

A celebração foi marcada por momentos de integração, alegrias, expressão da cultura dos 12 povos que apresentaram oferendas típicas de cada centro cultural.

A liturgia do dia ajudou a compreender que o amor cristão se manifesta no serviço. O serviço é o lado prático e concreto do mandamento do amor. Uma comunidade se distingue pelo serviço que presta em favor da vida. Por isso, a vida cristã é testemunho da luz do Evangelho brilhando entre nós.

No domingo também foi comemorado o Dia Mundial das Missões. Karol Wojtyła foi lembrado como o Missionário Peregrino da Paz. Os fiéis convidados a serem discípulos missionários evangelizadores através do serviço fraterno.

O pe dr. Zdzislaw Malczewski, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, foi muito feliz na pregação da palavra, oportunizando aos fiéis relembrem a epopeia da imigração.

No final da celebração, enquanto era entoada a canção *A Bênção, João de Deus* pelo grupo de canto Zgoda, (poloneses e Vocal Cantare (italianos) os fiéis puderam rezar junto às Relíquias do querido Beato e Príncipe da Paz João Paulo II.

Vale registrar que compõe as Relíquias uma gota de sangue e uma fração do tecido da batina do Santo Padre. O padre Zdzislaw as recebeu no dia 27 de junho de 2012, das mãos do cardeal Stanislaw Dziwisz, arcebispo de Cracóvia e que serviu Sua Santidade, o Papa João Paulo II, como secretário particular.

As Relíquias encontram-se a disposição à visitação na Casa Paroquial da Matriz Sagrado Coração de Jesus de Vila Santana no seguinte horário: das 8h às 11h e das 14h às 17h. No próximo domingo, 4 de novembro, as Relíquias foram expostas para veneração na Missa das 8 h 30min.

Nos dias seguintes o relicário foi levado pelo padre Marcio Fernandes às comunidades que integram a paróquia do distrito de Santana.

RESUMO-STRESZCZENIE

Autorka przedstawia relację z obchodów Dni Imigranta w Ijuí połączonego z 25 rocznicą założenia Centrum Kultury Polskiej i Włoskiej. Obchody zostały uświetnione celebracją specjalnej Mszy św. Imigrantów oraz uczczenie relikwii błogosławionego Jana Pawła II, przywiezionych z Polski specjalnie dla wspólnoty polonijnej w Brazylii przez ks. dr Zdzisława Malczewskiego SChr.

+ Pe. HUMBERTO SINKA, CM (1935 – 2013)

Lourenço BIERNASKI, CM

No dia 19 de fevereiro, após uma queda no banheiro, o Pe. Humberto foi levado até o Pronto Socorro do Hospital Evangélico. Internado em seguida passou alguns dias no quarto para exames mais detalhados. Devido à situação do seu estado de saúde foi levado para UTI, onde apesar de toda a dedicação dos médicos, permaneceu até o fim. No dia 5 de abril, às 7:20 h terminou a sua vida terrestre. De tarde foi levado para a Igreja de São Miguel, em Tomás Coelho, onde foi velado e no dia seguinte, às 9 horas foi realizada a Concelebração Eucarística, presidida por Dom Francisco Bach, Bispo de São José dos Pinhais, com a participação de Dom Izidoro Kosinski, CM, 24 coirmãos, dois diáconos de São José dos Pinhais, numerosas Filhas da Caridade, seminaristas e fiéis e amigos do Pe. Humberto, de diversas paróquias. Foi sepultado no Jazigo da Congregação.

Dados Biográficos:

Pe. Humberto nasceu na Polônia, paróquia de Dzieckowice – Silésia, no dia 26 de janeiro de 1935. Os seus pais: Aloizy Sinka e Emilia Krykon, criaram e educaram vários filhos. Tendo freqüentado a Escola em Dzieckowice, sentiu a voz de Deus que o chamava para ser missionário, atraído pelo exemplo e testemunho de seus tios e primos, membros da Congregação da Missão, ingressou no Seminário de Cracóvia, iniciando o Seminário Interno (Noviciado) no dia 7 de novembro de 1957. Emitiu os Votos Perpétuos aos 28 de outubro de 1961, consagrando-se definitivamente a Deus na Congregação da Missão. Fez os Estudos de Filosofia e

Teologia no Instituto Teológico da Congregação em Stradom-Cracóvia, onde recebeu as Ordens Menores, Subiaconato, Diaconato (02-12-1961). Após a conclusão da Teologia, foi ordenado presbítero por Dom Julian Groblicki, no dia 08-12-1961, na Igreja de Stradom.

No Brasil: Pe. Humberto chegou aqui no dia 8 de março de 1862 e logo foi destinado para a paróquia de São José em Mafra. Em 1965 recebeu a transferência para Irati, paróquia de São Miguel. No ano seguinte foi nomeado Diretor do Seminário Interno em Curitiba, formando os novos missionários no carisma e espiritualidade de São Vicente. Ali descobriu a vocação missionária Ad Gentes e nos anos de 1970 a 1987 trabalhou nas Missões Vicentinas em Madagáscar. De lá veio para o Brasil e depois de um ano em Sebastianópolis do Sul-SP, integrou-se na Província de Curitiba e foi pároco de Guaraqueçaba de 1989 a 1995. Trabalhou ainda em Prudentópolis, Santa Cândida como pároco, Araucária, N. S. P. S., Barreirinha, Porto Alegre. Em 2000 voltou para a formação dos nossos, sendo Diretor do Propedêutico. Em 2002 viajou para Polônia e de lá passou por Haiti, França (Valfleury-Santuário), Angola – Lobito e devido à enfermidade voltou para a Província de Curitiba. Suas atividades desenvolvidas sempre com zelo e entusiasmo, em diversas paróquias: Imbituva, Santa Rita de Cássia (Três Lagoas), Prudentópolis, Catanduvas, São Vicente de Paulo-São Paulo, Contenda e Tomás Coelho – com residência na Casa São Miguel.

Pe. Humberto foi um sacerdote zeloso, dedicado ao povo, com muita afinidade com os Jovens e as Crianças. Artista por natureza, contemplativo, muito disponível, acolhedor e companheiro de todas as horas, poliglota e amante de bons livros, embora inconstante, deixou em toda parte saudades, amizade e realização de bom trabalho. Que Deus na sua bondade infinita lhe proporcione a recompensa na glória da eternidade.

RESUMO – STRESZCZENIE

Informacja na temat śmierci, uroczystości pogrzebowych oraz wspomnienie o życiu i posłudze duszpasterskiej w Brazylii ks. Humberto Sinki ze Zgromadzenia Misji św. Wincentego.

EXPOSIÇÃO POR OCASIÃO DOS 80 ANOS DO SOBREVOO DO ATLÂNTICO POR STANISŁAW SKARŻYŃSKI

*Stanisław PAWLISZEWSKI**

No dia 28 de maio foi aberta a exposição “STANISŁAW SKARŻYŃSKI – O VOO HISTÓRICO PELO ATLÂNTICO 1933”, organizada por ocasião dos 80 anos do voo, comemorados no dia 7 de maio de 2013. A exposição foi aberta no Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia e foi preparada pela Sociedade Polono-Brasileira e pelo mencionado Museu. O seu autor é Stanisław Pawliszewski, presidente da Sociedade Polono-Brasileira.

A exposição foi aberta pelo Dr. Janusz Gmitruk, diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês, que enfatizou o papel de Stanisław Skarżyński para a aviação polonesa e o seu patriotismo. Skarżyński participou da II Guerra Mundial e entregou a sua vida pela liberdade dos ingleses e dos poloneses. Os convidados foram saudados pelo Dr. Jerzy Mazurek, vice-diretor do Museu, que dirigiu palavras de cordial saudação ao convidado de honra da solenidade – Maciej Skarżyński, filho do piloto-herói, que para essa solenidade veio de Londres.

Stanisław Pawliszewski agradeceu calorosamente ao convidado de honra, Maciej Skarżyński, pelos numerosos e muito preciosos materiais sobre seu pai apresentados na exposição e apresentou o conteúdo da exposição, na qual foram mostrados os principais fatos da vida de Stanisław Skarżyński, seu patriotismo e seu serviço à Pátria, pela qual

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira Rui Barbosa em Varsóvia, na Polônia.

entregou a vida. Stanisław Skarżyński, juntamente com o observador Andrzej Markiewicz, participou de um voo em volta da África em 1931, foi o herói do voo solitário pelo Atlântico em 1933, participou da II Guerra Mundial, organizou a Força Aérea Polonesa na Grã-Bretanha, foi piloto do esquadrão 305 de bombardeiros da Força Aérea Polonesa na Grã-Bretanha e pereceu no dia 26 de junho de 1942 durante a volta de um bombardeio a Bremen. Encontra-se sepultado no cemitério militar da Comunidade Britânica na localidade de West Terschelling, na ilha holandesa de Terschelling. Stanisław Skarżyński é uma lenda da aviação polonesa.

O tema principal da exposição foi o voo histórico de Stanisław Skarżyński pelo Atlântico em maio de 1933. A decisão sobre o voo, para bater o recorde em distância de voo sem pouso e o tempo do voo, foi mantida em segredo até o último instante. Skarżyński decolou em St. Louis, no Senegal, no dia 7 de maio e aterrissou em Maceió, no Brasil, no dia 8 de maio de 1933, no seu RWD-5 bis, avião de construção polonesa. Percorreu uma distância de 3 582 km em 20,5 horas, estabelecendo o recorde mundial de distância e de tempo de voo num avião esportivo com o peso de 450 kg. Voou sem rádio e sem paraquedas. Por esse voo, foi honrado com a medalha Louis Blériot em 1936, pela Federação Internacional de Aviação. Stanisław Skarżyński é o único polonês que possui essa distinção. O avião RWD-5 bis foi o menor avião a sobrevoar o Atlântico.

Após a volta do voo recorde a Varsóvia, no dia 2 de agosto de 1933, o aviador foi entusiasticamente saudado pelas multidões e por membros do governo no aeroporto de Mokotów. Durante a cerimônia da saudação, foi condecorado com a Ordem Polonia Restituta.

Esse voo recorde pelo Atlântico contribuiu para a popularização da aviação polonesa no mundo e nas coletividades polônicas do Brasil e da Argentina.

Na exposição foram apresentadas muitas fotos mostrando a chegada de Stanislaw Skarżyński ao Brasil, a saudação dele pelas autoridades do país, pelas comunidades polônicas e pelos habitantes das cidades que visitou. Em toda a parte foi recebido com entusiasmo. Esteve no Rio de Janeiro, em Curitiba, Marechal Mallet, Ponta Grossa, Irati e Porto Alegre. Stanisław Skarżyński visitou ainda Buenos Aires, onde também foi entusiasticamente saudado por representantes do governo argentino e pelos habitantes, inclusive pela colônia polonesa.

Stanisław Skarżyński foi distinguido por diversas altas condecorações polonesas e de países estrangeiros. Além das distinções anteriormente mencionadas da medalha Louis Blériot e Polonia Restituta, foi honrado com a Ordem Virtuti Militari, com a Cruz de Comando com a Estrela do Renascimento da Polônia, com a Cruz da Independência, com a Cruz dos Valorosos (por três vezes), com a Legião de Honra francesa, com a Condecoração Oficial brasileira do Cruzeiro do Sul, com a Condecoração da Coroa da Romênia da IV classe, com a Condecoração do Mérito da República Húngara da III classe.

Stanislaw Skarżyński descreveu o seu voo africano no livro *25 770 quilômetros sobre a África*, publicado pelo Aero clube da República da Polônia em 1931 e diversas vezes reeditado, inclusive em 2001. E o voo solitário sobre o Atlântico foi por ele descrito no livro *No RWD-5 pelo Atlântico*, publicado pelo Aero clube da República da Polônia em 1934. Também esse livro teve diversas edições, inclusive em 2008, e foi traduzido para a língua inglesa por Maciej Skarżyński como: Capt Stanisław Skarżyński *Transatlantic Flight on RWD-5 bis May 1933*.

A memória do herói do voo sobre o Atlântico e lenda da aviação polonesa está sendo solicitamente preservada. Levam o seu nome muitas escolas – p. ex. em Warta, Skarżyn e Olkusz, ruas – p. ex. em Varsóvia, equipes de escoteiros,

museus, aeroclubes. Ele é o patrono de unidades aéreas, p. ex. da Base Aérea de Transporte n. 8 em Cracóvia. São solenemente comemorados os aniversários de acontecimentos importantes em sua vida, não apenas em sua cidade natal, Warta, mas também pela Base Aérea de Transporte n. 8, em Cracóvia, da qual é patrono, e pelo Comando da Força Aérea por ocasião da Festa da Aviação.

O convidado de honra, Maciej Skarżyński, agradeceu aos organizadores da exposição pela comemoração do 80º aniversário do voo de seu pai pelo Atlântico e expressou o reconhecimento pela rica coleção de fotografias e documentos apresentados na exposição. Ele entregou muitas valiosas lembranças do pai ao Museu da Aviação Polonesa em Cracóvia e à Base de Aviação de Transporte n. 8 em Cracóvia, da qual seu pai é o patrono. Falando do pai, disse que ele era uma pessoa modesta, amava a Polônia e Varsóvia e tinha orgulho do seu Regimento n. 1 de Aviação, cuja insígnia trazia sobre o uniforme. Seu pai sentia muito orgulho pelo sobrevoo do Atlântico e apaixonou-se pela América do Sul. Maciej Skarżyński agradeceu ao embaixador do Brasil, Jorge Geraldo Kadri, por as autoridades brasileiras terem condecorado seu pai com a distinção do Cruzeiro do Sul e por terem lançado um selo comemorativo por ocasião dos 80 anos do sobrevoo do Atlântico. Uma placa comemorativa por ocasião dos 40 anos do voo sobre o Atlântico encontra-se na Casa Polonesa em Buenos Aires. Da solenidade do descerramento da placa, em 1973, participou o príncipe Radziwiłł. Em 2012, no âmbito das comemorações dos 70 anos da morte de Skarżyński, foi descerrada uma placa comemorativa na Catedral Campal do Exército Polonês em Varsóvia. Maciej Skarżyński expressou o seu agradecimento ao Comandante da Força Aérea, gen. Lech Majewski, por ter depositado no dia 8 de maio, no 80º aniversário do sobrevoo do Atlântico, uma coroa de flores junto à placa comemorativa na Catedral Campal do Exército Polonês em Varsóvia.

Em seu pronunciamento, o embaixador do Brasil, Jorge Geraldo Kadri, afirmou que a comemoração em memória dos 80 anos do voo de Stanisław Skarżyński sobre o Atlântico ocorre num momento favorável, quando a Polônia e a América Latina começam a devotar-se uma atenção maior. Apontou para o crescimento do intercâmbio comercial, do turismo, dos contatos entre cientistas e dos contatos nas relações políticas entre o Brasil e a Polônia. Em 1933 Stanisław Skarżyński foi recebido no Brasil como um herói. A confirmação disso pode ser encontrada na exposição de artigos dos jornais brasileiros daquele período, que escreviam sobre o entusiasmo que o seu feito despertou entre os habitantes do Brasil. A imprensa brasileira definia a sua façanha como extraordinária, que lhe garantiria o lugar como um dos maiores aviadores no mundo. O embaixador Kadri afirmou que o voo pioneiro de Skarżyński pode ser reconhecido como um símbolo da aproximação dos dois continentes.

A encarregada de negócios da embaixada da Argentina, Patricia Beatriz Salas, não pôde participar da abertura da exposição. Na mensagem enviada, ela expressou o seu pesar por não poder transmitir aos participantes da solenidade as impressões e a satisfação que tomaram conta da sociedade argentina então – em 1933 – quando o piloto Skarżyński realizou o seu heroico e corajoso feito, que ninguém jamais repetiu em estilo semelhante.

Da solenidade da abertura da exposição participaram também o comandante da Base Aérea n. 8 tenente-aviador Stanisław Skarżyński em Cracóvia, o representante do Comando da Força Aérea, representantes do Ministério das Relações Exteriores, do Escritório de Assuntos Exteriores do Gabinete do Presidente da República da Polônia, da Universidade de Varsóvia, inclusive o diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos dessa instituição, de museus, de centros culturais, das publicações aéreas “Skrzydłata Polska” e

“Gapa”, o presidente da Associação Polono-Argentina e membros da Sociedade Polono-Brasileira.

Os materiais fotográficos, as reproduções de documentos e outros valiosos materiais foram fornecidos para a exposição por muitos arquivos, museus, outras instituições e pessoas particulares, entre os quais se encontram Maciej Skarżyński, a Embaixada do Brasil, o Arquivo Digital Nacional, o Arquivo Militar Central, o Museu do Exército Polonês em Varsóvia, o Museu da Aviação Polonesa em Cracóvia, o Museu da Cidade e do Rio Warta, o Museu Distrital de Sieradz, a Base de Aviação de Transporte n. 8 tenente-coronel Stanisław Skarżyński em Cracóvia, o Museu da História do Movimento Popular Polonês, a Biblioteca Nacional de Varsóvia, as Escolas Fundamentais tenente-aviador Stanisław Skarżyński em Olkusz e Skarżyn, o Ginásio Público tenente-aviador Stanisław Skarżyński em Warta, o Consulado Geral da Polônia em Curitiba, a Embaixada da Polônia no México e a União dos Poloneses na Argentina. Foram também utilizadas muitas publicações. Os organizadores da exposição manifestam o seu cordial agradecimento às instituições, organizações e pessoas particulares que gratuitamente forneceram os materiais e proporcionaram a ajuda na preparação da exposição.

A exposição tem despertado grande interesse e será apresentada no Comando da Força Aérea por ocasião da Festa da Aviação em Varsóvia, no Departamento do Museu da História do Movimento Popular Polonês em Sandomierz, no Museu da Politécnica de Varsóvia, na Galeria da Universidade de Varsóvia, no Palácio Kazimierzowski, no Liceu de Educação Geral Rui Barbosa em Varsóvia e em outras instituições na Polônia.

RESUMO – STRESZCZENIE

W maju br. minęła 80. rocznica historycznego lotu kapitana Stanisława Skarżyńskiego nad Oceanem Atlantyckim do Brazylii. Autor tekstu opisuje uroczystość zorganizowaną w Warszawie, związaną z otwarciem wystawy dla uczczenia tego historycznego wyczynu polskiego lotnika.

EFEMÉRIDES – ANO DE 2013

Janeiro

03. O ano de 2013 é na voivodia da Silésia e na arquidiocese de Katowice o Ano de Augusto Hlond – primeiro bispo da Silésia, mais tarde primaz da Polônia. No dia 3 de janeiro, foi inaugurado esse Ano na Silésia e em toda a Polônia, porquanto no domingo, 3 de janeiro de 1926, realizou-se a consagração do bispo da Silésia. O Cardeal Augusto Hlond, Primaz da Polônia e Protetor dos Poloneses Emigrados, por duas vezes – nos anos 1929 e 1930 – enviou ao Brasil o pe. Inácio Posadzy, para que ali, entre os emigrados poloneses, tomasse conhecimento das suas necessidades de assistência pastoral. Pessoalmente ele esteve no Brasil em 1934, quando estava viajando para o Congresso Eucarístico Internacional em Buenos Aires, na Argentina. Naquela ocasião ele se deteve no Brasil e encontrou-se com a colônia polonesa, na então capital do país – Rio de Janeiro.

10. Comemora aniversário Olena Szpatowski (90 anos de vida), nascida na Polônia. Veio ao Brasil em 3 de maio de 1949, com sua família.

13. Neste dia é comemorado o 99º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. “Migrações: peregrinação da fé e da esperança” – é o lema do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado deste ano. Como acontece todos os anos, para esse dia o Santo Padre Bento XVI encaminhou uma mensagem especial.

23. Em Varsóvia, com a idade de 83 anos, faleceu o cardeal Dom José Glemp, Primaz da Polônia emérito. Nos anos 1981-2009 ele exerceu as funções de Primaz da Polônia. Por sua vez nos anos 1981-2004 foi o presidente da Conferência do Episcopado da Polônia. No decorrer do seu longo ministério

primacial interessou-se vivamente pela diáspora polonesa presente em tantos países do mundo. Em fevereiro de 1984 visitou os núcleos polônicos no Brasil. A comunidade polônica brasileira une-se com a Nação e a Igreja Polonesa em ação de graças pela vida e pelo fiel ministério do Primaz Dom José Glemp.

30. Em Brasília, na presença da presidente Dilma Rousseff, foi aberta a exposição intitulada “Reformador do mundo”, dedicada à vida e à obra do grande ser humano e herói Janusz Korczak. Essa exposição resultou da cooperação entre a Embaixada da Polônia no Brasil e a Embaixada de Israel, bem como da ajuda da Associação dos Israelitas do Brasil (Conib).

Fevereiro

04. Nesta data comemoram-se os 60 anos da Missão Católica Polonesa no Brasil. Em razão do período de férias no Brasil e, posteriormente, da realização da Semana Missionária nas dioceses, como preparação direta para a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro e a realização desse importante acontecimento na vida da Igreja, decidimos transferir as solenidades jubilares da MCP para um período posterior.

05. Józef Szpatowski celebrou com seus familiares o 91º aniversário de nascimento na Polônia. Chegou ao Brasil com a esposa em 3 de maio de 1949 e radicou-se em Curitiba. O casal Olena e Józef Szpatowski tem três filhos, três netos e quatro bisnetos.

06. Kaoanne Wilf Krawczak – representante da cidade de Ijuí, no estado do Rio Grande do Sul, ganhou o concurso intitulado “Garota do Ano 2013”, para no dia 15 de fevereiro participar da etapa regional seguinte desse concurso em Cruz Alta. No dia 22 de fevereiro, realizou-se em Capão da Canoa, perto de

Porto Alegre, a final do concurso estadual. A recompensa para a vencedora foi um contrato de cooperação com uma agência de modelos em São Paulo.

08. Concluiu a sua missão diplomática em Brasília Sua Excelência o embaixador Dr. Jacek Junosza Kisielewski, que nessa sua missão contribuiu para o fortalecimento das relações polono-brasileiras, especialmente no âmbito dos contatos diplomáticos, políticos e econômicos. Em reconhecimento pelos seus méritos, recebeu das autoridades brasileiras a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Essa é uma das mais elevadas distinções brasileiras conferidas a estrangeiros.

13. Na tarde desse dia faleceu o Pe. Benedito Grzymkowski SChr, que foi por muitos anos (1977-2009) reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Durante os últimos quatro anos exerceu a função de chanceler da MCP. Na segunda-feira, 18 de fevereiro, às 18 horas, o corpo do falecido sacerdote foi transportado à igreja de S. João Batista, em Curitiba, onde às 20 horas foi celebrada uma missa. Posteriormente, a partir das 23 horas, realizou-se o velório. O sepultamento realizou-se na terça-feira, 19 de fevereiro, às 9 horas. Antes disso, às 9 horas foi celebrada uma missa na igreja de S. João Batista, onde o falecido prestou assistência durante os últimos sete anos, e então o seu corpo foi transportado a Bateias, para ali ser sepultado no túmulo da Sociedade de Cristo.

19. Nesse dia realizaram-se as solenidades de sepultamento do Pe. Benedito Grzymkowski SChr (veja nota acima).

26. Realizou-se em Varsóvia o lançamento de três livros relacionados com o Brasil: *Brasil: República* – de Mariusz Malinowski, *O Brasil como potência emergente* – de Marcin Florian Gawrycki (red.) e *Lula: Filho do Brasil* – de Denise Paraná. As obras acima mencionadas forma publicadas graças

à cooperação do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia e do Museu da História do Movimento Popular Polonês.

Março

01. Faleceu Jerzy Markiewicz – cônsul honorário da Polônia em Belo Horizonte (nos anos 1989-2009) e empresário polônico. Durante os vinte anos em que exerceu a função consular, ele promoveu eficazmente a cultura polonesa e desenvolveu os contatos econômicos polono-brasileiros, propondo e promovendo encontros dos nossos dois países amigos. Além disso, apoiou a comunidade polônica local. Os eventos por ele realizados – encontros comemorativos, exposições, festivais de filmes poloneses e muitos outros – contribuíram para o cultivo da língua polonesa, das tradições e da cultura polonesa entre os polônicos no estado de Minas Gerais.

* * *

Neste dia ocorre o 80º aniversário da morte de Rui Barbosa, grande entusiasta da independência da Polônia, tanto no Brasil como na arena internacional. Ele faleceu no dia 1 de março de 1923 na cidade de Petrópolis, situada na região montanhosa do estado do Rio de Janeiro, que foi no passado residência de verão do imperador.

06. No ano passado passaram por Curitiba dois viajantes poloneses, Mirosław Olszycki e Jarosław Fischbach, que escolheram como o objetivo da sua passagem pela América Latina percorrer as trilhas dos emigrados poloneses. Quando esteve em Curitiba, Mirosław Olszycki gravou uma entrevista com o Pe. Benedito Grzymkowski SChr. Recebemos dele um texto interessante intitulado *Polonia semper fidelis. Entrevista...*, de sua autoria. Igualmente Jarosław Fischbach enviou as suas recordações sobre o Pe. Benedito.

13. Durante o conclave, os cardeais da Igreja elegeram o novo papa. Foi eleito o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, arcebispo metropolitano de Buenos Aires. A alegria em todo o continente latino-americano foi muito visível. Os brasileiros raramente falam a seu respeito que são latinos. No entanto, no dia da eleição de um argentino para o pontificado, a mídia brasileira começou a enfatizar que o Brasil é um país pertencente ao continente da América Latina. A comunidade polônica no Brasil também participou das manifestações de alegria nesse continente. Com frequência a mídia local compara os primeiros passos, gestos ou palavras do papa Francisco com o beato papa João Paulo II. Recomendo a esse respeito o interessante texto – publicado no presente número da revista – do prof. dr. Marcin Kula, da Universidade de Varsóvia, um conhecido historiador polonês que colabora com o nosso periódico.

14. Nesta data ocorreu o trigésimo dia do falecimento do Pe. Benedito Grzymkowski SChr. À noite, na igreja de S. João Batista, em Curitiba, foi concelebrada uma missa na intenção do falecido sacerdote da Sociedade de Cristo, que dedicou à comunidade polônica no Brasil e à Igreja brasileira 47 anos do seu ministério sacerdotal. A santa missa concelebrada foi presidida pelo Pe. Casimiro Długosz SChr – provincial da Sociedade de Cristo no Brasil, que também pronunciou o sermão ocasional. Concelebraram os padres: Casimiro Przegendza SChr – ecônomo provincial, Casimiro Oldak SChr – vice-superior da casa provincial e o pároco local Zdzislaw Malczewski SChr. No final da solene Eucaristia, pronunciou palavras de gratidão e de lembrança do pe. Benedito o Sr. César Paulo Glodzienski, que juntamente com sua filha Jucélia (catequista na paróquia) fazem parte dos Conselho dos Leigos junto à reitoria da Missão Católica Polonesa no Brasil. O pároco local agradeceu ao padre provincial e aos demais

padres pela celebração da santa missa, e ao paroquianos e representantes da comunidade polônica, na pessoa da Sra. Danuta Lisicki de Abreu (coordenadora do Parque João Paulo II), pela participação na solene Eucaristia comum.

15. Em razão do falecimento do pe. Benedito Grzymkowski SChr, tanto a Província da Sociedade de Cristo em Curitiba como a Missão Católica Polonesa no Brasil receberam muitas manifestações de união espiritual, bem como recordações sobre o falecido sacerdote polônico. Com o tempo, pretendemos reunir todas essas manifestações e publicá-las em forma de livro.

18. A sociedade científica Polska w Świecie (A Polônia no Mundo) dedica um número da sua revista – *Przegląd Polsko Polonijny* (Revista polono-polônica) – ao atual reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Os leitores podem ter acesso ao mencionado periódico, que foi publicado em um dos nossos portais.

21. Foi publicada a Lei n. 1194 – aprovada pela Câmara Municipal de Santo Antônio da Platina, Paraná, e sancionada pelo Prefeito Municipal – concedendo o Título de Cidadão Honorário de Santo Antônio da Platina ao Juiz James Josef Szpatowski, pelos relevantes serviços prestados àquela comunidade. O homenageado James Josef Szpatowski é natural de Curitiba, onde nasceu em 31 de outubro de 1974, filho de Jan e Luzia Szpatowski. Exerce o cargo de Juiz do trabalho do TRT 9ª Região, estando lotado na Vara da Justiça do Trabalho de Santo Antônio da Platina. Possui formação acadêmica pela PUC-PR e formação incompleta em engenharia química pela UFPR. Possui, ainda, na área do direito, especializações em Direito do Trabalho pela Escola da Magistratura do Trabalho do Paraná – Unibrasil e em Direito Processual do Trabalho pelas Faculdades do Brasil –

Unibrasil, além do Curso preparatório à Magistratura, ministrado pela Associação dos Magistrados do Trabalho da Nona Região. Além das especializações, o homenageado polônico possui quatro publicações sobre temas jurídicos em livros e três artigos jurídicos em revistas especializadas.

Abril

02. No Parque João Paulo II, em Curitiba, realiza-se a tradicional bênção dos alimentos para a mesa pascal, que é realizada pelo Pe. Zdzislaw Malczewski SChr – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Esse evento religioso-cultural da comunidade polônica foi transmitido por duas redes de televisão – Bandeirantes e Cultura.

06. Em Tomás Coelho, perto de Araucária (a cerca de 20 quilômetros de Curitiba), realizaram-se as solenidades de sepultamento do missionário polonês Pe. Humberto Sinka, da congregação dos Padres Vicentinos. O Pe. Humberto faleceu no dia anterior num hospital em Curitiba. As solenidades de sepultamento foram presididas pelo ordinário da diocese de São José dos Pinhais, da região metropolitana de Curitiba.

11. O Centro de Pastoral Vocacional da arquidiocese do Rio de Janeiro promoveu a apresentação do filme de Andrzej Wajda *As 200 crianças do dr. Korczak*. Foram realizadas duas sessões no Cine Evangelizar, no Prédio da Cúria Arquidiocesana João Paulo II.

16-17. Na casa provincial da Sociedade de Cristo em Curitiba realiza-se o VIII capítulo provincial. O Sr. Marek Makowski – Cônsul-Geral da Polônia em Curitiba – familiarizou os participantes do capítulo com a atual realidade da comunidade polônica residente no Sul do Brasil. O reitor da Missão Católica Polonesa também participou desse

importante acontecimento para os padres da Sociedade de Cristo, que prestam assistência à comunidade polônica no Brasil já há quase 55 anos.

19. Nesta data, Dia do Exército, quando se comemoraram os 365 anos do Exército Brasileiro (uma referência à primeira batalha dos Guararapes, 19/4/1648), na formatura realizada no Comando da 5ª RM/5ª DE, em Curitiba, a professora Cláudia Regina Kawka Martins, do Colégio Militar de Curitiba, foi agraciada com a Ordem do Mérito Militar, Grau Cavaleiro. A Ordem do Mérito Militar é uma condecoração criada para galardoar militares, civis e instituições, nacionais ou estrangeiros, que tenham prestado serviços relevantes à nação brasileira, especialmente às forças armadas terrestres. A distinção acima foi criada durante o governo do Presidente Getúlio Vargas, por meio do Decreto-Lei n. 24.660, de 11 de junho de 1934. A professora Cláudia, que faz parte do Conselho Consultivo da revista *Polonicus*, é professora de História do CMC e assessora pedagógica do subdiretor de ensino nesse prestigioso estabelecimento de ensino.

20. O Pe. Grzegorz Suchodolski – diretor nacional do escritório da Jornada Mundial da Juventude – informa a respeito dos peregrinos poloneses que virão a Curitiba para participar da Semana Missionária (de 4 a 20 de julho deste ano), a qual servirá de preparação para a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro. Virão da Polônia 365 jovens peregrinos, que virão acompanhados de quatro bispos: Dom Henryk Pietrasik – ordinário da diocese de Radom e presidente da Comissão do Episcopado para Assuntos da Juventude; Dom Jan Tyrawa – ordinário da diocese de Bydgoszcz; Dom Kazimierz Gurda – bispo auxiliar de Kielce; Dom Krzysztof Nitkiewicz – ordinário da diocese de Sandomierz. Os jovens virão em 16 grupos organizados, juntamente com seus guias (12 padres e 4 leigos).

22. O redator de *Polonicus* recebe do Instituto de História Tadeusz Manteuffel, da Academia de Ciências de Cracóvia, a proposta de redigir um verbete para o *Dicionário Biográfico Polonês*. Desta vez o verbete se relaciona com Lech Konstany Szymanski – médico oftalmologista e líder polônico. O prazo para a preparação do texto foi fixado para o dia 1 de setembro de 2013.

26. No novo número do periódico da Pontifícia Universidade Católica, em Curitiba (n. 222, abril-maio 2013), *Vida Universitária*, foi publicada uma entrevista que Júlio César Glodziński realizou com o Pe. Zdzislaw Malczewski SChr – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil – após a eleição do papa Francisco, que na História da Igreja é o primeiro papa procedente da América Latina.

Maio

02. Nesta data, às 19 horas, no Museu Paranaense – em comemoração da Data Nacional da República da Polônia, por sua primeira Constituição, promulgada em 3 de maio de 1791 – o Cônsul-Geral, Exmo. Sr. Marek Makowski e Senhora promoveram um encontro para a abertura da exposição “Um intrépido polonês em céu brasileiro: o feito extraordinário do aviador Stanisław Skarżyński (1933)”. A exposição foi uma realização do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba e da Casa de Cultura Polônia-Brasil e contou com o apoio da Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko, do Museu Paranaense, da Secretaria da Cultura do Paraná e de Nexo Design.

05. O Pe. Zdzislaw Malczewski SChr, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, recebeu na residência dos arcebispos de Cracóvia, das mãos de Sua Eminência o cardeal Stanisław

Dziwisz, as relíquias do beato João Paulo II. Anteriormente, o reitor da MCP no Brasil havia recebido um pedido do bispo auxiliar de Curitiba, Dom Rafael Biernaski, expresso em nome do arcebispo Dom Moacyr J. Vitti, para que conseguisse junto ao cardeal Dziwisz essas relíquias do Papa polonês. Elas serão depositadas numa das capelas da catedral-basílica de Curitiba, que o Santo Padre João Paulo II visitou durante a sua primeira visita pastoral ao Brasil em 1980.

11. Fazendo parte da Semana da Europa, em Curitiba, por iniciativa do Consulado da Polônia e do Consulado da Alemanha, realizou-se uma partida de futebol amistoso entre descendentes de imigrantes poloneses e alemães. Juntamente com o espetáculo futebolístico, houve apresentações de corais e degustação de pratos polônicos. Também estiveram presentes representantes de grupos folclóricos polônicos. Participaram do evento mais de 500 pessoas, que tiveram uma ocasião para divertir-se num ambiente familiar e amigável. O jogo terminou com o resultado de 6:2 em favor da Polônia.

24. Numa sessão do Conselho Pontifício para Assuntos da Pastoral dos Migrantes e Refugiados, o papa Francisco apelou pelo respeito aos direitos fundamentais das pessoas que por diversas razões são forçadas a deixar a sua pátria.

Junho

01. Em Curitiba foi lançado um livro em memória da pessoa do falecido Pe. Benedito Grzymkowski SChr, o anterior reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, organizador do encontro do Santo Padre João Paulo II com a colônia polonesa em Curitiba em 1980 e da visita do cardeal Dom Józef Glemp, primaz da Polônia, em 1984. O Pe. Benedito organizou também diversas visitas do arcebispo Dom Szczepan Wesoły, de Roma, delegado do primaz da Polônia para assuntos de

pastoral polônica, nos núcleos polônicos do Brasil. O livro, publicado em português, leva o título *Mensageiro de ideais — Silhueta do Pe. Benedito Grzymkowski SChr.*, contém mais de 200 páginas e um anexo com ilustrações. Uma versão polonesa desse livro deverá ser publicada nos próximos meses na Polônia.

15. A Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko, em Curitiba, a mais antiga associação polonesa na América Latina, organizou um encontro social por ocasião da comemoração dos 123 anos da sua instituição.

18. Na Assembleia Legislativa do Paraná, em Curitiba, realizou-se uma sessão solene dedicada aos 93 anos de nascimento de Karol Wojtyła, o papa João Paulo II. Essa solenidade se realizou por proposta do deputado estadual Ney Leprevost.

20. No salão nobre da Sociedade Polônia, em Porto Alegre, com a presença do cônsul-geral da República da Polônia em Curitiba, com jurisdição no Sul do Brasil, Sr. Marek Makowski, ocorreu a solenidade da instalação do Consulado do Consulado da República da Polônia em Porto Alegre, a cargo do cônsul honorário Dr. Wilson Carlos Rodycz.

26. Faleceu em Curitiba a Senhora Teresa Urban (67 anos), jornalista, escritora e ativa líder em prol da ecologia.

Também nesta data o Pe. Zdzislaw Malczewski SChr — reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil fez em Gniezno, na Polônia, uma visita de cortesia ao S. Exa. o arcebispo Józef Kowalczyk — primaz da Polônia. O motivo principal do encontro foi a definição de uma data concreta para a vinda de Sua Excelência o Protetor dos Poloneses Emigrados ao Brasil. Foi acertado que o primaz visitaria o Brasil, para participar

dos 60 anos de existência da Missão Católica Polonesa, e que visitaria alguns núcleos polônicos.

Julho

02-14. No Teatro Guaíra, em Curitiba, realiza-se a 52ª edição do Festival Folclórico e de Etnias do Paraná. No dia 3 apresentou-se o Grupo Folclórico Polonês do Paraná – Wisła e no dia 10, o conjunto Junak – Folclore Polonês. Além do folclore brasileiro, o festival contou também com apresentações que mostraram os folclores alemão, árabe, boliviano, espanhol, grego, italiano, japonês e ucraniano.

04. Em Erechim, no estado do Rio Grande do Sul, faleceu Geraldo Górski – líder polônico e professor de língua polonesa.

19. De acordo com a programação da Semana Missionária, no Parque João Paulo II, em Curitiba, realizou-se o “Dia Polonês”. Participaram do encontro vários bispos, algumas dezenas de padres e cerca de 500 jovens vindos da Polônia. Desse encontro participou também a juventude polônica e líderes da comunidade polono-brasileira.

25. No Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, foi aberta a exposição do artista gráfico polonês Jacek Sroka intitulada “Observador diurno, observador noturno”. A exposição envolveu 61 obras gráficas executadas com a técnica da aquaforte e aquarela, surgidas nos anos 1990-2012. Os curadores da exposição foram Everly Giller e Dulce Osinski, que também redigiu o texto do folder da exposição.

27. A Missão Católica Polonesa no Brasil passa a ter um novo portal bilíngue: www.polska-misja.com.br

Agosto

10-17. Em São Mateus do Sul, Paraná, realiza-se já pela vigésima segunda vez o festival polônico “Tradycje Polskie” (Tradições Polonesas).

13. Na paróquia de S. João Batista, em Curitiba, é celebrada uma missa pelo falecido Pe. Benedito Grzymkowski Chr, no sexto mês da sua morte. Durante os últimos sete anos de sua vida, o Pe. Benedito serviu ao Povo de Deus nessa comunidade paroquial. O Pe. Zdzislaw — reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil — presidiu a missa e pronunciou o sermão ocasional. Concelebrou a Eucaristia o Pe. Eduardo Maciejewski SChr, que havia algumas semanas ajudava na pastoral dessa paróquia.

15-17. Em Santos realiza-se o V Encontro Nacional das Pastorais das Pessoas a Caminho, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A comunidade polônica foi representada nesse encontro pelo Pe. Zdzislaw Malczewski SChr. Algumas fotos do encontro podem ser vistas no portal da MCP no Brasil: www.polska-misja.com.br

18. Completou 92 anos de vida uma curitibana nascida na Polônia — Ewdokja Lepieszynski.

25. No Rio de Janeiro, a comunidade polônica celebrou a festividade da sua Padroeira — Nossa Senhora de Częstochowa e os 60 anos da utilização da capela histórica de Nossa Senhora das Dores (Rua Marquês de Abrantes, 215 — bairro Flamengo). A missa solene foi presidida pelo reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, que igualmente pronunciou a homilia. Concelebrou o Pe. João Sobieraj SChr — pároco da colônia polonesa carioca. Algumas fotos dessa solenidade podem ser vistas no portal da MCP no Brasil — www.polska-misja.com.br, e uma reportagem pode ser lida na biblioteca virtual — www.polonicus.com.br/site/biblioteca_interna.php?cod=106.

30/08 - 01/09. Realiza-se a 13ª edição da Festa da Imigração Polonesa em Águia Branca, no estado do Espírito Santo. Dentro da programação religiosa os fiéis puderam venerar as relíquias do beato João Paulo II. Uma reportagem televisiva dessa solenidade pode ser vista em: <http://g1.globo.com/videos/espírito.santo/estv-2edicao/t/edicoes/v/exposicao-atrai-fieis-em-capela-polonesa-em-aguia-branca-no-es/2795545>.

Setembro

02. Em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, inaugura-se a exposição em memória dos 80 anos do voo sobre o Atlântico de Stanisław Skarżyński, que anteriormente foi apresentada em Curitiba e São José dos Pinhais. A exposição foi aberta no prédio do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Participaram da solenidade Luiz Carlos Ziomkowski, substituto do procurador-geral do Rio Grande do Sul; o professor polonês Wiktor Zymla, da École Centrale Paris, que se encontrava em Porto Alegre no âmbito do programa brasileiro “Ciência sem fronteiras”; o presidente da Associação dos Magistrados do estado do Rio Grande do Sul; o representante do prefeito de Porto Alegre; Schirlei Freder — presidente da Casa de Cultura Polônia-Brasil; Paulo Ratkiewicz — presidente da Sociedade Polônia de Porto Alegre; Wilson Rodycz — cônsul honorário da Polônia em Porto Alegre e Marek Makowski, cônsul-geral da Polônia em Curitiba. A exposição tem contado com um grande interesse da parte do público. Seria apresentada em Porto Alegre até o fim do mês, sendo a seguir transferida a Erechim, São Bento do Sul e São Mateus do Sul.

10. No âmbito do 107º Fórum do Comitê da Cultura da Paz, organizado pela Palas Athena no auditório principal do

Museu da Arte de São Paulo (MASP), realizou-se um seminário dedicado a Irene Sendler, intitulado “Resistência diante da barbárie pela salvação da vida humana – A heroica determinação de Irena Sendler”. Os debates e os encontros públicos que se realizaram no âmbito desse ciclo foram dedicados a figuras selecionadas que graças à sua vida e atividade tornaram-se símbolos da luta em defesa dos direitos humanos e dos valores humanitários básicos. Durante o seminário, pronunciou uma palestra o monsenhor José Bizon, professor em universidades católicas em Roma e em São Paulo, representando a arquidiocese de São Paulo, bem como o rabino Michel Schlesinger, da Congregação Israelita Paulistana e coordenador da Comissão Nacional do Diálogo Católico-Judaico. Em seus pronunciamentos, eles apresentaram a postura heroica da enfermeira polonesa Irena Sendler, que durante a ocupação alemã retirou do gueto de Varsóvia mais de 2 mil crianças judias, salvando-as dessa forma do extermínio. Durante o encontro, foi apresentada igualmente a tradução para a língua portuguesa do livro da jornalista polonesa Anna Mieszkowska intitulado *História de Irena Sendler – mãe das crianças do Holocausto*, publicado no Brasil pela Palas Athena. Foi participante honorário do seminário o embaixador da Polônia no Brasil, Andrzej Braiter, que tomou a palavra na abertura do encontro. Esteve presente também o cônsul-geral da Polônia em São Paulo, Jacek Such. Em meio ao numeroso público, não faltaram também representantes da colônia polonesa de São Paulo. Organizados várias vezes por ano, os fóruns do Comitê da Cultura da Paz são eventos que chamam a atenção das elites intelectuais de São Paulo, como importantes focos de diálogo intercultural e inter-religioso de representantes de numerosos grupos étnicos e religiosos que residem nessa metrópole. O seminário dedicado a Irena Sendler teve um significado especial em razão do alto prestígio de que gozam os palestrantes e da participação do embaixador da Polônia, que pela sua presença

expressou o significado especial que a sociedade e as autoridades polonesas atribuem à preservação da memória da heroica postura daqueles que durante a ocupação arriscaram a própria vida para salvar do extermínio outras pessoas.

22. O programa “Fantástico”, da rede de televisão Globo, apresentou uma reportagem dedicada à pastoral rodoviária, que há mais de 30 anos é realizada pelos padres vicentinos. Três sacerdotes viajam pelas estradas brasileiras para prestar assistência espiritual aos caminhoneiros, bem como aos funcionários dos postos de combustíveis. Essa reportagem pode ser vista no link: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/09/fantastico-pegacarona-com-padres-caminhoneiros-nas-estradas-do-brasil.html>.

23. Realiza-se no Consulado Geral da Polônia em Curitiba uma sessão do Conselho Polônico, instituído pelo côsul-geral Sr. Marek Makowski. Participam do conselho 10 pessoas representando a comunidade polônica dos três estados meridionais: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No encontro foram apresentadas muitas propostas interessantes que devem dinamizar mais ainda a nossa comunidade polônica. Algumas fotos desse encontro podem ser vistas em: www.polonicus.com.br/site. As fotos foram gentilmente cedidas pela Sra. Schirlei Mari Freder — diretora da Casa da Cultura Polônia-Brasil em Curitiba.

29. O professor Henryk Siewierski é nomeado para um importante prêmio literário brasileiro. Ele foi um dos finalistas do Prêmio Jabuti 2013 pela tradução do livro *Ficção completa de Bruno Schulz*. O Prêmio Jabuti é a mais importante distinção literária brasileira, que desde 1959 é atribuído às mais distintas figuras da cena literária brasileira. Entre os finalistas deste ano encontrou-se o Prof. Henryk Siewierski — professor titular do

Instituto de Literatura da Universidade de Brasília (UnB), tradutor de literatura e escritor. A nomeação para o prêmio lhe foi garantida pela tradução da língua polonesa para a portuguesa das obras reunidas de Bruno Schulz, publicadas pela editora Cosac Naify em 2012 com o título *Ficção completa de Bruno Schulz*. O Prof. Siewierski nasceu em 1951 em Wrocław. Estudou no Instituto de Filologia Polonesa da Universidade Jagiellônica de Cracóvia, onde foi assistente e adjunto e onde obteve o título de doutor. Nos anos 1981-1985 foi professor de língua polonesa na Universidade de Lisboa. Desde 1986 reside no Brasil. É professor de Literatura Comparada na Universidade de Brasília. Entre as suas publicações se encontram: *Encontro de nações* (1984), *Como ganhei o Brasil de presente* (1998), *História da literatura polonesa* (2000), *Paraíso a não ser perdido — O silva rerum amazônico* (2006). Traduziu para a língua portuguesa obras de Bruno Schulz, Cyprian Norwid, Bronisław Geremek, Czesław Miłosz, Wisława Szymborska, Andrzej Szczypiorski, Tomek Tryzna e Leszek Kołakowski.

30. Na localidade de Santana, que constitui um distrito do município de Cruz Machado, no estado do Paraná, ocorreu a solene inauguração da exposição organizada em colaboração com o consulado da Polônia em Curitiba pela Casa de Cultura Brasil-Polônia intitulada “A arte polônica brasileira”. Participaram da exposição as artistas Márcia Szeliga, Everly Giller, Schirlei Freder e Mari Inês Piekas. A inauguração foi promovida conjuntamente com a prefeitura da cidade de Cruz Machado no museu etnográfico polonês que funciona junto à paróquia de Santana. A exposição apresentou a atual cultura polônica, diferente da rica cultura popular que predomina em Santana, mas que se inscreve muito bem na realidade do lugar. Participaram da solenidade o prefeito de Cruz Machado — Antônio Luiz Szaykowski; a presidente da Casa da Cultura Polônia-Brasil — Schirlei Freder, artistas polônicas que

expuseram os seus trabalhos, vereadores do município, representantes da colônia polonesa do Canadá, moradores de Santana e o cônsul-geral da Polônia em Curitiba, Sr. Marek Makowski. A solenidade foi abrilhantada por cantigas polonesas, de autoria e na execução do artista polônico local Sigismundo Gaias. A exposição permaneceria ativa até o dia 29 de novembro.

Outubro

09. O bispo Dom Marek Piątek CSsR foi nomeado ordinário de uma nova diocese brasileira. O Santo Padre Francisco elevou à categoria de diocese a prelazia territorial de Coari, na Amazônia brasileira, para cujo primeiro ordinário nomeou Dom Marek Piątek, um redentorista polonês que havia dois anos trabalhava ali como bispo prelado. Nascido há 59 anos, no dia 10 de outubro de 1954, em Tuchów, o futuro bispo ingressou na Congregação do Santíssimo Redentor. Após a ordenação sacerdotal obteve o doutorado em teologia moral na Universidade Alfonsianum de Roma. Em 1986 viajou como missionário ao Brasil. Em Salvador, na Bahia, foi professor na Universidade Católica e no Instituto de Estudos sobre o Matrimônio e a Família, e por 10 anos (2000-2010) também pároco da paróquia local da Ressurreição do Senhor. Há dois anos, no dia 15 de junho de 2011, o papa Bento XVI nomeou-o bispo prelado na equatorial Coari. A prelazia territorial é uma Igreja particular administrada, à semelhança de um bispo diocesano, por um prelado que tem, geralmente, como nesse caso, a sagração episcopal. Em geral trata-se do embrião de uma futura diocese. Foi justamente a essa categoria que o papa Francisco elevou a prelazia de Coari, que surgiu em 1963. (Rádio Vaticano - 09.10.13).

14. O reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil recebeu correspondência da Conferência do Episcopado da Polônia.

Peço muito que todos aqueles que se envolveram nos preparativos da Jornada Mundial da Juventude Rio2013 e na sua digna vivência pela juventude polonesa e polônica — sacerdotes, irmãs religiosas, pessoas leigas — sintam-se os destinatários dessa carta e da gratidão que chega da Igreja na Polônia.

15. Em Porto Alegre realizou-se a solenidade que inaugurou a competição mundial dos veteranos em atletismo. A cerimônia, aliada ao desfile das 82 delegações e ao juramento dos atletas, realizou-se no Centro Estadual de Treinamento Esportivo, CETE, na capital do Rio Grande do Sul. A delegação polonesa era composta de 29 esportistas com a idade de 40 a 83 anos.

18. Vale a pena saber. Na Nunciatura Apostólica em Brasília trabalha um sacerdote polonês com o título de segundo conselheiro, o monsenhor Tomasz Krzysztof Gryza. O mencionado diplomata eclesiástico se propôs a participar das celebrações dos 60 anos da Missão Católica Polonesa no Brasil.

20-22. Encontra-se no Brasil uma delegação de reitores de universidades polonesas, composta de: Prof. Wiesław Banyś — presidente da Conferência das Escolas Acadêmicas da Polônia (CRASP); o Prof. Stanisław Bielecki, reitor da Politécnica de Łódź e vice-presidente da CRASP e o Prof. Marcin Pałys, reitor da Universidade de Varsóvia e vice-presidente da Conferência dos Reitores das Universidades Polonesas (CRUP). A delegação polonesa encontrou-se com a direção da instituição brasileira CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) a fim de coroar as negociações relacionadas com a adesão da Polônia ao programa de bolsas de estudos “Ciência sem fronteiras”. Na programação esteve previsto também um encontro com o reitor da Universidade de Brasília (UnB) e com representantes do Ministério da Educação e do Ministério da Ciência e

Tecnologia. A visita da delegação polonesa deve ser o início de uma ampla campanha promocional-informativa a respeito das instituições polonesas de ensino superior, que será realizada pela embaixada da Polônia nos próximos meses.

25-27. É promovida em Curitiba a IV Vitrine Literária Polônica do Brasil. No primeiro dia (25/11), às 19 horas, realizou-se a recepção dos participantes na Sociedade Polono-Brasileira Józef Piłsudski. O encontro literário ocorreu no sábado, 26/10, no auditório da Federação do Comércio do Paraná, e encerrou-se com uma missa de ação de graças e um café de despedida na igreja Santo Estanislau.

28. Com a idade de 86 anos, faleceu Tadeusz Mazowiecki, o primeiro premiê não comunista do governo polonês após a II Guerra Mundial.

Novembro

05-17. O arcebispo metropolitano de Gniezno, Dom Józef Kowalczyk, primaz da Polônia, visita a comunidade polônica no Brasil. O primaz da Polônia encontrou-se com os compatriotas e seus descendentes que vivem nas metrópoles de Curitiba, Porto Alegre e Rio de Janeiro. No interior do Paraná, encontrou-se com descendentes dos colonizadores poloneses em Água Branca, Rio Claro do Sul, Tomás Coelho (Araucária) e Murici (São José dos Pinhais). O protetor espiritual dos poloneses no exterior presidiu, juntamente com o arcebispo metropolitano de Curitiba, Dom Moacyr J. Vitti, as solenidades relacionadas com a comemoração dos 60 anos da Missão Católica Polonesa no Brasil, que se realizaram no dia 10 de novembro na paróquia de São João Batista, em Curitiba (bairro Tingui). Foi uma solenidade singular, cujo momento mais importante e principal foi a celebração da Eucaristia. Uma solenidade singular, ainda que pela razão de que

participaram dela dois arcebispos metropolitanos, o arcebispo local de Curitiba, Dom Moacyr Vitti, e o arcebispo de Gniezno, Dom Józef Kowalczyk, Primaz da Polônia. Também singular, visto que veio especialmente da Polônia, para dela participar, o Pe. Ryszard Głowacki SChr, superior geral da Sociedade de Cristo. Das solenidades polônicas participou igualmente o monsenhor Tomasz Gryza — conselheiro da Nunciatura Apostólica, que veio especialmente de Brasília para essa celebração. A solenidade no santuário foi iniciada com a execução dos hinos nacionais do Brasil e da Polônia. Toda a liturgia foi abrilhantada pelo coral polônico João Paulo II. Entre os participantes da missa solene encontrava-se o cônsul-geral da Polônia em Curitiba, Sr. Marek Makowski, bem como representantes de diversas instituições e organizações brasileiras e polônicas. A mesma solenidade envolveu também a comemoração dos 95 anos da independência da Polônia.

Dezembro

01. No Parque João Paulo II, em Curitiba, realiza-se a representação natalina denominada *Jasełka*. Durante o domingo todo, o parque esteve repleto de polônicos e brasileiros que participaram desse evento, que demonstra as tradições, a cultura e a religiosidade polonesa. Houve diversas apresentações de grupos folclóricos, além das guloseimas da cozinha polonesa. A coroação de tudo foi a bela apresentação natalina executada pelo Grupo Folclórico Polonês do Paraná — Wisła, de Curitiba. O Pe. Zdzislaw Malczewski SChr — reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil — encerrou esse rico domingo cultural e religioso com uma alocução na qual agradeceu a todos pelo envolvimento na apresentação dessa nossa riqueza espiritual. Dirigiu palavras especiais de agradecimento ao Coral polônico João Paulo II, ao conjunto Wisła e à Sra. Danuta Lisicki de Abreu pelo devotamento e trabalho, que fazem do nosso parque polonês um foco especial

da vitalidade, do colorido da música e da religiosidade polonesa. Concluiu a sua fala concedendo a todos a bênção e com os votos de uma boa vivência do Advento.

03. Durante uma sessão ordinária da Câmara Municipal de Curitiba, o seu presidente, Paulo Salamuni, pronunciou palavras de agradecimento e de felicitações diante do reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, o Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr, pela publicação, em português, do livro *Mensageiro de ideais*, dedicado à vida e à atividade do Pe. Benedito Grzymkowski SChr. Após o discurso do presidente da Câmara Municipal, Tito Zeglin, o vereador polônico dessa Câmara, entregou ao homenageado Pe. Zdzislaw um diploma com o seguinte conteúdo: “Câmara Municipal de Curitiba. A Câmara Municipal de Curitiba, Capital do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, homenageia, consignando na ata de seus trabalhos, por requerimento do Vereador Tito Zeglin, Votos de Louvor ao lançamento do livro *Mensageiro de ideais*, organizado por Zdzislaw Malczewski SChr, sobre a vida do Padre Benedito Grzymkowski SChr. Palácio Rio Branco, em 22 de outubro de 2013. (Assinados): Vereador Paulo Salamuni, Presidente da Câmara Municipal de Curitiba – Vereador Tito Zeglin, 1º Vice-Presidente”.

O documento acima já é a terceira distinção concedida pela Câmara Municipal de Curitiba ao redator da revista *Polonicus*. Em 2010 ele recebeu o Prêmio Papa João Paulo II e, em 2011, a Medalha de Honra Fernando Amaro, pelo conjunto da sua atividade literária.

07. Nesta data, realizou-se em Curitiba, no Teatro do Colégio Estadual do Paraná, o VII Festival Infante-Juvenil de Folclore Polonês, que contou com a participação de nove grupos folclóricos poloneses dos Estados do Paraná e de Santa Catarina, envolvendo mais de 300 crianças e jovens de 5 a 15 anos, que apresentaram danças folclóricas de todas as regiões

da Polônia. Os grupos que participaram do evento foram: G. F. Hercílio Malinowski (São Bento do Sul - SC), G. F. Karolinka (São Mateus do Sul - PR), G. F. Kraków (Rio Claro do Sul / Mallet - PR), G. F. Mali Polacy (Virmond - PR), G. F. Mazury (Mallet - PR), G. F. Wawel (Colônia Murici / São José dos Pinhais - PR), G. F. Wesoly Dom (Araucária - PR), G. F. Wiosna (Campo Largo - PR) e G. F. Wisła (Curitiba-PR).

12. Tomou posse no cargo de reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) o Prof. Dr. Waldemiro Gremski, que era até então o pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação dessa instituição de ensino superior. O Prof. Gremski substituiu o reitor Clemente Ivo Juliatto, que exerceu esse cargo por quatro mandatos consecutivos, de 1998 a 2013. Ele é uma das figuras mais notáveis entre os intelectuais polônicos no Brasil, e a motivação das nossas felicitações se intensifica pela razão de o seu nome figurar entre os membros do Conselho Consultivo da revista *Polonicus*.